

**AVALIAÇÃO EXTERNA DA
EXPERIÊNCIA PILOTO DOS CURSOS
VOCACIONAIS**

- RELATÓRIO FINAL -

Julho de 2015

FICHA TÉCNICA

Coordenação da Comissão de avaliação responsável por este relatório:

Ana Balcão Reis

(Professora Associada da Nova SBE, Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa)

Constantino Mendes Rei

(Presidente do Instituto Politécnico da Guarda)

Integram a Comissão de avaliação:

Ana Balcão Reis

(Professora Associada da Nova SBE, Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa)

Constantino Mendes Rei

(Presidente do Instituto Politécnico da Guarda)

Wolfgang Kreher

(Conselheiro Ministerial e Representante para o Ensino Vocacional junto da EU, Ministério da Educação do Estado do Hesse, Alemanha)

Ángel de Miguel Casas

(Director General de Formación Profesional de Espanha)

Trabalho financiado e apoiado por:



DIREÇÃO-GERAL DE ESTATÍSTICAS
DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

Agradecimentos:

A Comissão agradece o apoio da DGEEC e da ANQEP querendo expressar um especial agradecimento à permanente disponibilidade e ao apoio prestado pela Dra. Helena Saleiro da DGEEC. Agradece também ao Grupo de Acompanhamento da Experiência-piloto a disponibilização do texto dos inquéritos realizados aquando da elaboração do Balanço da Experiência-piloto realizado em Setembro de 2013, assim como das respostas dos alunos e dos professores a esses inquéritos.

Índice

1.	Objetivos e enquadramento da avaliação	1
2.	Breve caracterização da experiência-piloto	5
3.	Aspetos a avaliar	12
4.	Metodologia	13
4.1	Instrumentos	13
4.2	Caracterização e representatividade das amostras dos inquéritos	15
4.2.1	Inquéritos às Direções	15
4.2.2	Inquéritos aos professores	15
4.2.3	Inquéritos aos coordenadores	17
4.2.4	Inquéritos aos Tutores	18
4.2.5	Inquéritos aos alunos	19
4.2.6	Inquéritos aos Pais	23
4.3	Visitas a escolas	25
5	Resultados	26
5.1	Enquadramento geral	26
5.1.1	Alunos, Pais e Direções	26
5.1.2	Empresas	30
5.2	Planeamento	30
5.2.1	A criação dos cursos	30
5.2.2	A articulação com as empresas na fase de planeamento	32
5.2.3	A seleção dos alunos	35
5.2.4	A seleção dos professores	42
5.3	Funcionamento	43
5.3.1	A opinião das Direções das escolas	43
5.3.2	A opinião dos professores	45
5.3.3	A opinião dos alunos	61
5.3.4	A opinião dos Pais/Encarregados de Educação (P/EE)	75
5.3.5	Articulação com as empresas - estágios	79
5.3.6	A opinião dos tutores	80
5.4	Resultados finais	82
5.4.1	Resultados Escolares	82

5.4.1.1	Comparação com CEF e ensino regular controlando as características dos alunos	86
5.4.1.2	Resultados escolares nos cursos vocacionais por características dos cursos e dos alunos	90
5.4.2	Avaliação Global	92
5.4.2.1	A opinião das Direções das escolas	92
5.4.2.2	A opinião das empresas	92
5.4.2.3	A opinião dos Professores	93
5.4.2.4	A opinião de Alunos e Pais	94
6	Conclusões.....	98

Índice de Figuras:

Figura 1: Idades dos alunos inscritos nos cursos do 2º ciclo.....	7
Figura 2: Idades dos alunos inscritos nos cursos do 3º ciclo.....	7
Figura 3: Idades dos alunos inscritos nos cursos do secundário.....	8
Figura 4: Escolaridade dos pais	9
Figura 5: Escolaridade - Pai	9
Figura 6: Escolaridade - Mãe	10
Figura 7: Localização dos cursos Vocacionais do Ensino Básico e Secundário.....	10
Figura 8: Caracterização dos professores - Idade e tempo de serviço.....	16
Figura 9: Distribuição da amostra de professores por ciclos e componentes de formação	17
Figura 10: Caracterização da amostra de tutores - anos de experiência profissional	18
Figura 11: Caracterização da amostra de tutores - Formação académica.....	19
Figura 12: Caracterização da amostra de alunos - Idades dos alunos inquiridos, por sexo	20
Figura 13: Caracterização da amostra de alunos: escolaridade dos pais/EE	20
Figura 14: Caracterização da amostra de alunos: escolaridade do Pai.....	21
Figura 15: Caracterização da amostra de alunos: escolaridade da Mãe.....	21
Figura 16: Caracterização da amostra de alunos - atividade Económica dos Pais/EE	22
Figura 17: Caracterização da amostra de alunos: último ano de inscrição.....	22
Figura 18: Frequência escolar antes de ingressar no curso vocacional - Dados administrativos	23
Figura 19: Caracterização da amostra de Pais/EE: relação com o aluno	24
Figura 20: Caracterização da amostra de Pais/EE - nível de escolaridade.....	24
Figura 21: Caracterização da amostra de Pais/EE - Atividade económica	25
Figura 22: Opinião dos alunos sobre "O que pensa a tua família sobre a Escola?"	27
Figura 23: Opinião dos pais sobre "O que pensa sobre a escola em geral?"	27
Figura 24: Opinião dos alunos sobre "o que pensa a tua família deste novo tipo de ensino vocacional?"	28
Figura 25: Opinião dos pais sobre "O que pensa deste tipo de ensino vocacional?"	29
Figura 26: Opinião das Direções sobre a aceitação dos pais quanto ao ingresso dos alunos no curso vocacional.....	29
Figura 27: Opinião das Direções - motivações para a criação dos cursos vocacionais	31
Figura 28: Opinião das Direções - passos na organização dos cursos vocacionais	32
Figura 29: Opinião das Direções: processo de planeamento dos cursos vocacionais	33
Figura 30: Opinião dos tutores - intervenção das empresas no processo de planeamento dos cursos vocacionais do ensino básico.....	34
Figura 31: Opinião dos tutores - intervenção das empresas no processo de planeamento dos cursos vocacionais do ensino secundário	34
Figura 32: Inquéritos aos alunos - reprovações anteriores.....	36
Figura 33: Inquéritos aos alunos - reprovações anteriores por ciclos de ensino.....	36
Figura 34: Inquéritos aos alunos: escola frequentada antes de ingressar no curso vocacional.	37
Figura 35: Frequência escolar antes de ingressar no curso vocacional (todos ciclos) – dados administrativos.....	38
Figura 36: Frequência escolar antes de ingressar no curso vocacional (só 2º e 3º ciclos) – dados administrativos.....	38
Figura 37: Inquéritos aos alunos - iniciativa da decisão de ingressar no curso	39
Figura 38: Inquéritos aos alunos - dificuldades no percurso escolar anterior	40

Figura 39: Inquéritos aos alunos – expectativas de aprendizagem com o curso.....	40
Figura 40: Inquéritos aos professores - forma e critérios de seleção dos alunos.....	41
Figura 41: Inquéritos aos professores - seleção dos alunos de acordo com os objetivos	42
Figura 42: Inquérito aos professores - envolvimento na lecionação do curso	42
Figura 43: Inquérito aos professores - formação específica na área vocacional do curso	43
Figura 44: Inquéritos às Direções – dificuldades relacionadas com atitudes e comportamentos dos alunos	44
Figura 45: Inquéritos às Direções - outras dificuldades	44
Figura 46: Inquéritos aos professores: adequação dos cursos vocacionais enquanto resposta educativa	45
Figura 47: Inquéritos aos professores - adequação dos cursos vocacionais.....	46
Figura 48: Inquéritos aos professores - adequação dos curso vocacionais vs CEF/cursos profissionais	46
Figura 49: Inquéritos aos professores - adequação global da matriz curricular	47
Figura 50: Inquéritos aos professores - aspetos específicos sobre a adequabilidade da matriz curricular	47
Figura 51: Inquéritos aos professores - aspetos positivos dos cursos	48
Figura 52: Inquéritos aos professores - aspetos negativos dos cursos.....	49
Figura 53: Inquéritos aos professores - alterações das cargas horárias das matrizes curriculares	50
Figura 54: Inquéritos aos professores - sugestões para melhorar os cursos vocacionais	50
Figura 55: Inquéritos aos professores - estratégias de envolvimento das famílias	51
Figura 56: Inquéritos aos professores - criação de materiais auxiliares	51
Figura 57: Inquéritos aos professores - dificuldades na criação de materiais de ensino	52
Figura 58: Inquéritos aos professores - principais dificuldades na criação de materiais de ensino	52
Figura 59: Inquéritos aos professores - avaliação e monitorização do ensino	53
Figura 60: Inquéritos aos professores - instrumentos de avaliação semanal utilizados.....	54
Figura 61: Inquéritos aos professores - articulação entre as componentes dos cursos.....	55
Figura 62: Inquéritos aos professores - funcionamento das componentes dos cursos.....	55
Figura 63: Inquéritos aos professores - existência de obstáculos na articulação entre as componentes dos cursos.....	56
Figura 64: Inquéritos aos professores - identificação dos obstáculos na articulação das componentes dos cursos.....	56
Figura 65: Inquéritos aos professores - participação nas visitas às empresas.....	57
Figura 66: Inquéritos aos professores - conhecimento dos monitores das empresas	58
Figura 67: Inquéritos aos professores - recursos humanos para garantir o bom funcionamento dos cursos.....	59
Figura 68: Inquéritos aos professores - recursos materiais para garantir o bom funcionamento dos cursos.....	60
Figura 69: Inquérito aos Professores - funções dos coordenadores de curso	61
Figura 70: Inquérito aos alunos - opinião global sobre a dificuldade do curso	62
Figura 71: Inquérito aos alunos - benefícios pessoais do curso.....	62
Figura 72: Inquéritos aos alunos - aspetos negativos do curso	63
Figura 73: Inquérito aos alunos - articulação entre as componentes do curso	65

Figura 74: Inquéritos aos alunos - funcionamento das componentes do curso	66
Figura 75: Inquérito aos alunos - avaliação do funcionamento da componente vocacional	66
Figura 76: Inquérito aos alunos - avaliação do funcionamento dos estágios nas empresas	67
Figura 77: Inquérito aos alunos - avaliação das aulas da componente vocacional	67
Figura 78: Inquérito aos alunos - local de realização dos estágios	68
Figura 79: Inquérito aos alunos - apreciação sobre as atividades realizadas nas empresas	68
Figura 80: Inquérito aos alunos - opinião sobre a ajuda dos professores	69
Figura 81: Inquérito aos alunos - opinião sobre a ajuda dos pais.....	69
Figura 82: Inquérito aos alunos - opinião sobre a ajuda dos coordenadores.....	70
Figura 83: Inquérito aos alunos - opinião sobre a ajuda dos monitores.....	70
Figura 84: Inquérito aos alunos - opinião sobre a ajuda da assistente social.....	71
Figura 85: Inquérito aos alunos - opinião sobre a ajuda dos auxiliares	71
Figura 86: Inquérito aos alunos - opinião sobre a ajuda do Psicólogo escolar	71
Figura 87: Inquérito aos alunos - opinião sobre a carga horária do curso.....	72
Figura 88: Inquérito aos alunos - opinião sobre o relacionamento com os professores da turma	73
Figura 89: Inquérito aos alunos - opinião sobre o relacionamento com os outros professores	73
Figura 90: Inquérito aos alunos - opinião sobre o relacionamento com os colegas.....	73
Figura 91: Inquérito aos alunos - opinião sobre o relacionamento com os monitores das empresas	74
Figura 92: Inquérito aos alunos - opinião sobre o relacionamento com a Direção da escola	74
Figura 93: Inquérito aos alunos - opinião sobre o relacionamento com os outros adultos da escola.....	74
Figura 94: Inquérito aos alunos - opinião sobre o comportamento da turma	75
Figura 95: Inquérito aos Pais/EE - apreciação global sobre a atitude face à escola dos filhos/educandos.....	76
Figura 96: Inquérito aos Pais/EE - avaliação sobre o funcionamento das aulas na escola	76
Figura 97: Inquérito aos Pais/EE - avaliação sobre o funcionamento das atividades nas empresas	77
Figura 98: Inquérito aos Pais/EE - aspetos negativos dos cursos.....	78
Figura 99: Inquérito aos tutores - envolvimento na avaliação do desempenho dos alunos dos cursos de ensino básico.....	80
Figura 100: Inquérito aos tutores - envolvimento na avaliação do desempenho dos alunos dos cursos de ensino secundário	81
Figura 101: Inquérito aos tutores - avaliação sobre as atitudes e comportamento dos alunos	81
Figura 102: Inquérito aos tutores - apreciação global da experiência.....	82
Figura 103: Taxas de conclusão, segundo sexo - 2º ciclo.....	84
Figura 104: Taxas de conclusão, segundo sexo - 3º ciclo.....	84
Figura 105: Taxas de conclusão, segundo a idade - 2º ciclo	85
Figura 106: Taxas de conclusão, segundo a idade - 3º ciclo	85
Figura 107: Taxas de conclusão (2º ciclo), com base no critério utilizado na plataforma online	90
Figura 108: Taxas de conclusão (3º ciclo), com base no critério utilizado na plataforma online	91
Figura 109: Taxas de conclusão (2º e 3º ciclos), segundo origem escolar do aluno.....	91
Figura 110: Inquéritos às direções - interesse em criar novas turmas vocacionais.....	92

Figura 111: Inquérito aos tutores (curso do ensino básico) - perceção de benefícios atuais e futuros.....	93
Figura 112: Inquérito aos tutores (cursos do ensino secundário) - perceção de benefícios atuais e futuros	93
Figura 111: Inquérito aos professores - perceção geral do benefício para os alunos	94
Figura 114: Inquérito aos alunos - "voltarias a inscrever-te neste curso?"	95
Figura 115: Inquérito aos alunos - continuidade dos estudos	96
Figura 116: Inquérito aos alunos - perspetivas de prosseguimento de estudos	96
Figura 117: Inquérito aos Pais/EE - "voltaria a inscrever o seu educando neste curso?"	97

Índice de tabelas:

Tabela 1: Estrutura curricular dos cursos vocacionais básicos	2
Tabela 2: Estrutura curricular dos cursos vocacionais secundários.....	3
Tabela 3: Número de alunos inscritos em 2012/13	5
Tabela 4: Número de alunos inscritos em 2013/14	5
Tabela 5: Número de cursos em funcionamento e respetiva duração.....	6
Tabela 6: Número de alunos inscritos (sexo e sector)	6
Tabela 7: Idade média dos alunos por duração dos cursos, em anos.....	8
Tabela 8: Número de Empresas que receberam alunos de cursos vocacionais, segundo a sua dimensão.....	11
Tabela 9: Número de inquéritos processados	15
Tabela 10: Número de inquéritos das direções das escolas por ciclos	15
Tabela 11: Número de inquéritos de professores por ciclos	16
Tabela 12: Número de respostas dos professores por ciclos e componentes de formação	17
Tabela 13: número de cursos com e sem registos de parcerias com empresas (dados administrativos)	79
Tabela 14: Número de cursos sem registos de estágios (dados administrativos)	80
Tabela 15: Resultados gerais comparativos dos cursos terminados	88
Tabela 16: Resultados de estimações comparativas da conclusão – cursos vocacionais vs CEF	88
Tabela 17: Resultados de estimações comparativas da desistência – cursos vocacionais vs CEF	89
Tabela 18: Resultados finais dos alunos dos cursos iniciados em 2012/13 por ciclo e duração	90

1. Objetivos e enquadramento da avaliação

Os cursos vocacionais constituem ofertas complementares do ensino geral no ensino básico ou aos cursos científico-humanísticos no ensino secundário, criadas pelas Portarias n.º 292-A/2012 de 26 de Setembro e n.º 276/2013 de 23 de Agosto. Ao nível do ensino básico têm como público-alvo alunos que revelaram dificuldades de aprendizagem no seu percurso anterior e/ou falta de motivação para prosseguir estudos. Ao nível do ensino secundário têm como público alvo alunos que procuram uma oferta educativa mais técnica, nomeadamente como forma de ultrapassar a falta de motivação para continuar na escola.

Os objetivos dos cursos vocacionais foram definidos pelas Portarias que criaram a nova oferta educativa: em termos gerais pretende-se assegurar a inclusão de todos os alunos no percurso escolar, combatendo o abandono escolar precoce e o insucesso escolar. Para cada nível de ensino foram definidos objetivos mais específicos:

No ensino básico pretende-se:

- Aumentar a motivação e o sucesso escolar de alunos com histórico anterior de reprovações.
- Dotar os jovens de ferramentas que facilitem a sua integração futura no mercado de trabalho.
- Desenvolver nos jovens regras de trabalho em equipa, espírito de iniciativa, sentido de responsabilidade.
- Adquirir conhecimentos em Português, Matemática e Inglês ao nível do 2.º ou 3.º ciclo.
- Estabelecer contacto com diferentes atividades práticas.
- Desenvolver capacidades e práticas de trabalho.
- Assegurar a intercomunicabilidade entre as vias vocacional e de prosseguimento de estudos.

No ensino secundário pretende-se:

- Assegurar a continuidade de estudos de alunos que frequentam o ensino vocacional básico.
- Desenvolver conhecimentos e capacidades técnicas de natureza profissional.
- Dar resposta a necessidades relevantes das empresas em termos de trabalhadores com qualificações técnicas específicas (nomeadamente de cariz regional).
- Assegurar uma oferta distinta dos cursos profissionais.

De uma forma sucinta, pode afirmar-se que o objectivo destes cursos (nos ensinos básico e secundário) é comum: combater o abandono escolar precoce e o insucesso escolar. Todavia, enquanto no básico a grande finalidade passa por manter a frequentar a escola os alunos que estão desenhados e se motivam com um ensino mais prático, no secundário, pretende-se também fornecer aos alunos algumas ferramentas de trabalho, ou seja dar-lhes uma qualificação, não esquecendo um possível prosseguimento de estudos.

Os cursos do ensino básico podem ser do 2º ciclo, dando equivalência ao 6º ano, ou do 3º ciclo, dando equivalência ao 9º ano. Estes cursos podem ter uma duração de um ou dois anos. Os alunos devem ter 13 ou mais anos, e pelo menos duas retenções em anos anteriores.

Os cursos do ensino secundário dão equivalência ao 12º ano e certificação profissional de nível 4 do Quadro Nacional de Qualificações. Têm sempre uma duração de dois anos. Os alunos devem ter 16 ou mais anos, o que em geral implica terem pelo menos uma retenção em anos anteriores.

A estrutura curricular dos cursos contempla três componentes: geral, complementar e vocacional. Esta última inclui uma parte lecionada em aula e uma parte que deve ser realizada numa empresa. No ensino básico a componente vocacional realizada em empresas concretiza-se em 3 períodos de 2 semanas de prática simulada. No ensino secundário a componente vocacional realizada em empresas é um estágio com uma duração total de 1400 horas. Mais detalhadamente a estrutura curricular prevista nas respetivas portarias é a seguinte:

Ensino Básico – 2º ciclo				Ensino Básico – 3º ciclo			
Componente/Disciplinas		Horas		Componente/Disciplinas		Horas	
Geral				Geral			
	Português	135			Português	110	
	Matemática	135			Matemática	110	
	Inglês	65			Inglês	65	
	Educação Física	65			Educação Física	65	
	Total	400			Total	350	
Complementar				Complementar			
	História/Geografia				História/Geografia		
	Ciências Naturais		130		Ciências Naturais/FQ		180
					2ª Língua		
Vocacional - 3 áreas diferentes				Vocacional I - 3 áreas diferentes			
	Aulas	360			Aulas	360	
	Prática simulada	70X3	210		Prática simulada	70X3	210
	Total	1100			Total	1100	

Tabela 1: Estrutura curricular dos cursos vocacionais básicos

Ensino Secundário	
Componente/Disciplinas	Horas
Geral	
Português	600
Inglês	
Educação Física	
Complementar	
Matemática Aplicada	130
Oferta(s) de escola	
Vocacional	
Unidades de Formação CD	1400
Estágio	
Total	3000

Tabela 2: Estrutura curricular dos cursos vocacionais secundários

A presente avaliação, de acordo com o despacho de nomeação da Comissão de Avaliação Externa da Experiência-piloto dos Cursos Vocacionais, deverá incidir sobre:

- *A sua adequabilidade tendo em vista os objetivos a que se propõem;*
- *A qualidade da oferta formativa, tanto ao nível dos conteúdos escolares como da formação ministrada pelas empresas;*
- *A adequabilidade da habilitação/formação docente para a especificidade dos cursos;*
- *A articulação que se pretende construir entre as escolas as empresas;*
- *As principais dificuldades ou fragilidades no processo de articulação entre a escola e a empresa;*
- *Os principais benefícios já alcançados para os alunos, para as empresas envolvidas e para as regiões;*
- *O impacto na promoção do sucesso escolar e no combate ao abandono escolar;*
- *As taxas de abandono e de sucesso;*
- *Os recursos humanos e físicos envolvidos;*
- *Os eventuais ajustes ou correções a realizar de forma a fortalecer esta oferta no futuro.*
- *A avaliação global da experiência-piloto, concluindo sobre a sua validade.*

Assim pretende-se nomeadamente avaliar se os cursos vocacionais, tal como foram implementados até agora, correspondem aos objetivos definidos e acima enunciados. Em particular, pretende-se avaliar se estes cursos conseguem aumentar a motivação e o sucesso escolar de alunos com histórico anterior de reprovações e se desenvolvem nos alunos conhecimentos e capacidades técnicas.

Na secção seguinte descrevemos a experiência piloto e caracterizamos a população abrangida. Na secção 3 aprofundamos os aspetos a avaliar, apresentando a metodologia seguida para responder aos pontos acima elencados. Na secção 4 descrevemos os instrumentos utilizados. Na secção 5 apresentamos os resultados e na secção 6 apresentamos as principais conclusões.

2. Breve caracterização da experiência-piloto

Os cursos vocacionais funcionaram pela primeira vez no ano letivo de 2012-13, numa experiência-piloto no ensino básico, com cursos do 2º ciclo e do 3º ciclo, num total de 15 turmas em 13 escolas públicas e privadas. No ano letivo de 2013-14, esta experiência alargou-se, tendo sido criadas 495 novas turmas em 386 escolas e iniciou-se uma experiência-piloto no ensino secundário com 20 turmas em 19 escolas.

A distribuição dos cursos criados por nível de ensino e tipo de escola é descrita nas tabelas abaixo. Os dados apresentados nesta secção resultam da base de dados construída pelo Ministério da Educação e Ciência (pela DGEEC) a pedido do Grupo de Acompanhamento da experiência.¹

2012/13		
Básico	nºcursos	nºescolas
Privado	5	4
Público	10	9
Total	15	13

Tabela 3: Número de alunos inscritos em 2012/13

2013/14			cursos novos	
Básico	nºcursos	nºescolas		
Privado	74	51		
Público	421	335		
Total básico	495	386		
Secundário	nºcursos	nºescolas		
Privado	2	2		
Público	18	17		
Total secundário	20	19		
Básico e Secundário	nºcursos	nºescolas		
Privado	76	51		
Público	439	342		
Total	515	393		

Tabela 4: Número de alunos inscritos em 2013/14

Note-se que em 2013/14 além dos 515 novos cursos encontravam-se ainda a funcionar 8 cursos que eram continuação de cursos iniciados em 2012/13. Assim, em 2013/14, estiveram a funcionar com cursos vocacionais, 523 turmas em 396 escolas.

¹ Consideramos os alunos registados na base de dados até 19 de Agosto de 2014. Em Setembro uma escola inseriu na plataforma mais 25 alunos (que foram sendo integrados nos 3 cursos da escola ao longo do ano) que não serão considerados nesta análise.

Em termos da duração dos cursos no ensino básico, onde as escolas podiam optar por uma duração de 1 ou 2 anos consoante o percurso dos alunos, verifica-se que nos cursos do 2º ciclo, quase 90% dos cursos têm uma duração de 1 ano, enquanto nos cursos de 3º ciclo, 60% dos cursos são de 2 anos. Na Tabela 5 pode ainda verificar-se que há algumas turmas, muito poucas, que designámos por "mistras", que integram alunos do 2º e do 3º ciclo.

2012/13 e 2013/14			
Duração	nº cursos		
	1 ano	2 anos	Total
2º Ciclo	98	15	113
Privado	4	1	5
Público	94	14	108
3º Ciclo	151	231	382
Privado	38	29	67
Público	113	202	315
Mistas	5	10	15
Privado	3	4	7
Público	2	6	8
Total	254	256	510

Tabela 5: Número de cursos em funcionamento e respetiva duração

Olhando agora para o número de alunos abrangidos por estes cursos, e para as suas características verificamos que no total estes cursos já abrangeram 11474 alunos, 413 no ensino secundário (3,6%) e 11061 no ensino básico (96,4%). A larga maioria dos alunos frequenta estes cursos em escolas públicas, embora no 3º ciclo chegue a 20% a percentagem de alunos a frequentar estes cursos em escolas privadas. Em todos os níveis de ensino, a larga maioria dos alunos, mais de dois terços, são rapazes. Esta percentagem é igual para os cursos básicos em escolas privadas e em escolas públicas. No entanto, ao nível dos cursos do ensino secundário, a percentagem de rapazes nas escolas privadas cai para 62%.

Nº Alunos	2º Ciclo	3º Ciclo	Total Básico	Secundário	Total
Total	2335	8726	11061	413	11474
% Rapazes	71%	66%	67%	71%	67%
% Privado	5%	20%	16%	13%	16%

Tabela 6: Número de alunos inscritos (sexo e sector)

Os gráficos seguintes mostram a distribuição dos alunos de cada nível de ensino pelas diferentes idades, considerando a idade que o aluno teria a 31 de Dezembro do ano que inicia o curso. De notar que, de acordo com os dados existentes na Base de Dados, no 2º ciclo há 2 alunos com 11 anos, e 19 alunos com 12 anos, no 3º ciclo há 4 alunos com 12 anos e no ensino secundário há 15 alunos com 15 anos, idades estas inferiores aos limites previstos nas respetivas portarias. Olhando mais detalhadamente para estes casos particulares verifica-se

que, no ensino básico, estes alunos mais novos são, mesmo assim, alunos que parecem já ter tido uma história anterior de retenções ou vir de Percursos Curriculares Alternativos. No entanto, no ensino secundário alguns destes alunos mais novos não parecem ter qualquer história anterior de inadaptação ao ensino regular. Estas informações são confirmadas com os resultados dos inquéritos aos alunos, onde aparecem alguns casos de alunos com idades inferiores às oficialmente previstas.

Excluindo estes casos excecionais o que se verifica é que os restantes alunos são mais velhos que o normal no respetivo nível de ensino: no 2º ciclo 71% dos alunos têm entre 14 e 15 anos, no 3º ciclo 78% dos alunos têm entre 15 e 17 anos e nos cursos do ensino secundário 70% dos alunos têm entre 17 e 19 anos. A predominância de rapazes verifica-se em todas as idades.

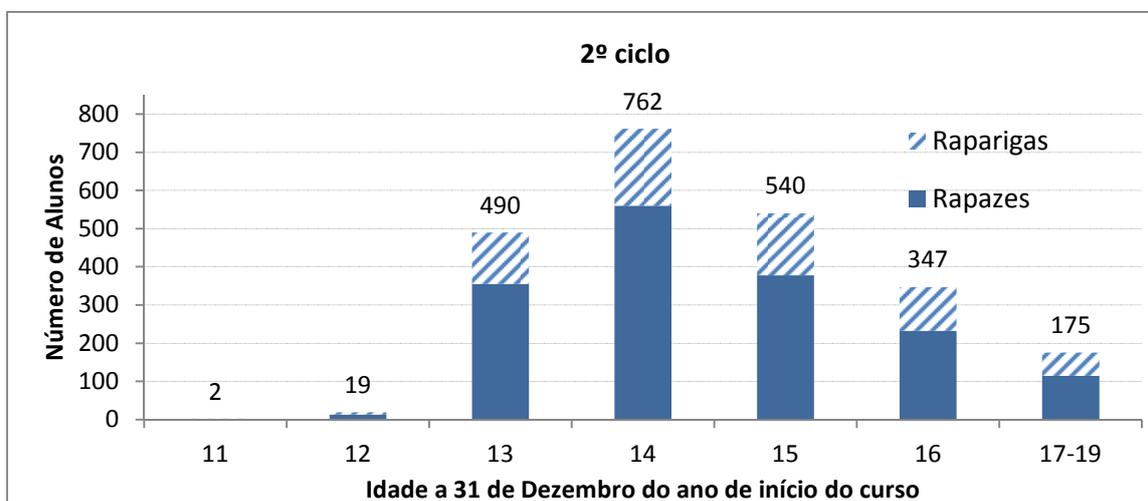


Figura 1: Idades dos alunos inscritos nos cursos do 2º ciclo

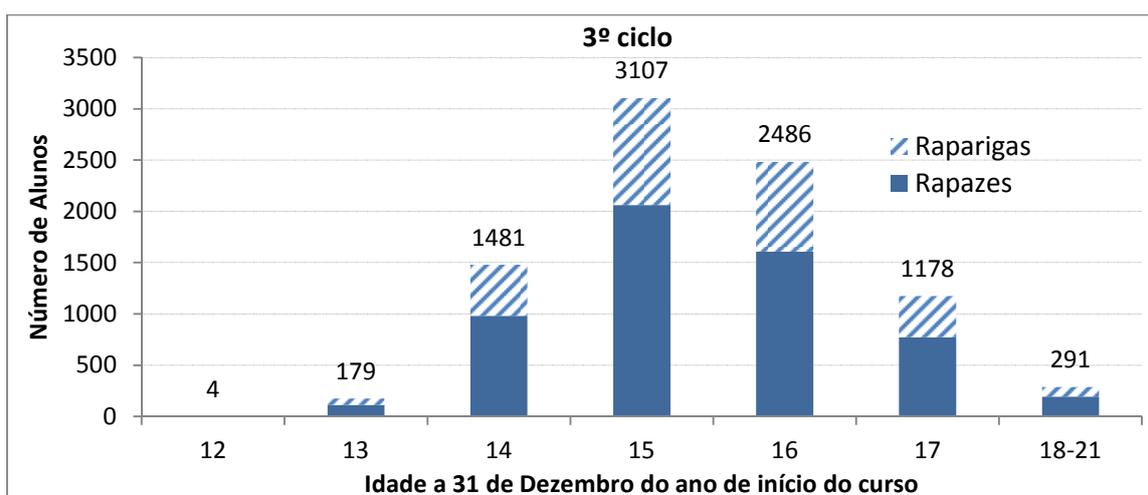


Figura 2: Idades dos alunos inscritos nos cursos do 3º ciclo

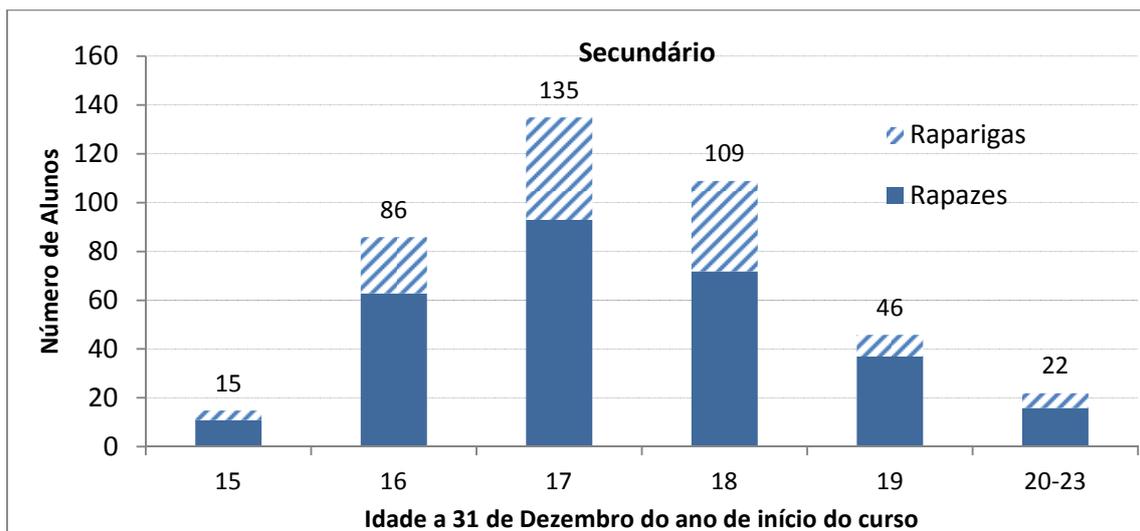


Figura 3: Idades dos alunos inscritos nos cursos do secundário

A tabela seguinte apresenta a idade média dos alunos por duração dos cursos e por ciclo de ensino. Verificamos que nos cursos do 3º ciclo com duração de um ano os alunos tendem a ser mais velhos. No 2º ciclo tal não se verifica mas é preciso ter em conta que, como vimos acima, a maioria dos cursos de 2º ciclo tem uma duração de um ano: apenas 16% dos alunos em cursos do 2º ciclo estão em cursos de 2 anos.

	Cursos de 1 ano	Cursos de 2 anos	Todos os cursos
2.º Ciclo	14,5	15,0	14,5
3.º Ciclo	16,0	15,1	15,4
Secundário		17,4	17,4

Tabela 7: Idade média dos alunos por duração dos cursos, em anos

Verifica-se também que no 3º ciclo e no secundário a média de idade dos alunos é ligeiramente mais alta nas escolas privadas, sendo a diferença inferior a um ano.

A análise dos dados relativos ao número de retenções anteriores ao ingresso nos cursos vocacionais não é apresentada porque verificámos um número muito grande de incongruências no reporte estatístico desta variável, com alunos muito novos com indicação de várias retenções e alunos bastante mais velhos com indicação de 0 retenções. Entre várias justificações possíveis, uma é o não preenchimento desta informação pelos coordenadores dos cursos, talvez por falta de informação.

Relativamente à escolaridade dos pais dos alunos, os dados disponíveis mostram que o nível de escolaridade é, em geral, baixo. Não há informação relativa ao nível de escolaridade de 33% dos pais e 26% das mães. Calculando as percentagens com base na informação disponível os gráficos abaixo mostram que apenas um terço dos pais tem o 3º ciclo ou mais e menos de 3% dos pais tem mais que o ensino Secundário.

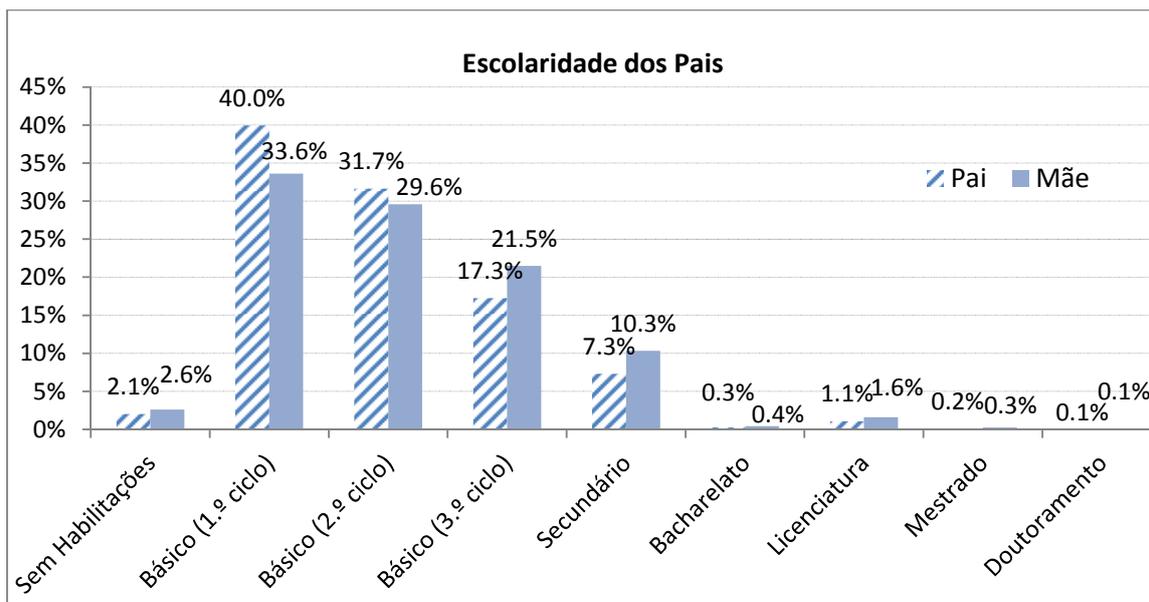


Figura 4: Escolaridade dos pais

Quando se comparam os dados dos alunos do básico e do secundário verifica-se que a escolaridade dos pais dos alunos dos cursos do secundário é ligeiramente mais alta. Entre os alunos do secundário, 5,3% das mães tem o bacharelato ou mais, enquanto entre as mães dos alunos do básico só 2,3% têm estes níveis de escolaridade. A diferença também se verifica para os pais, mas com valores mais baixos em ambos os casos.

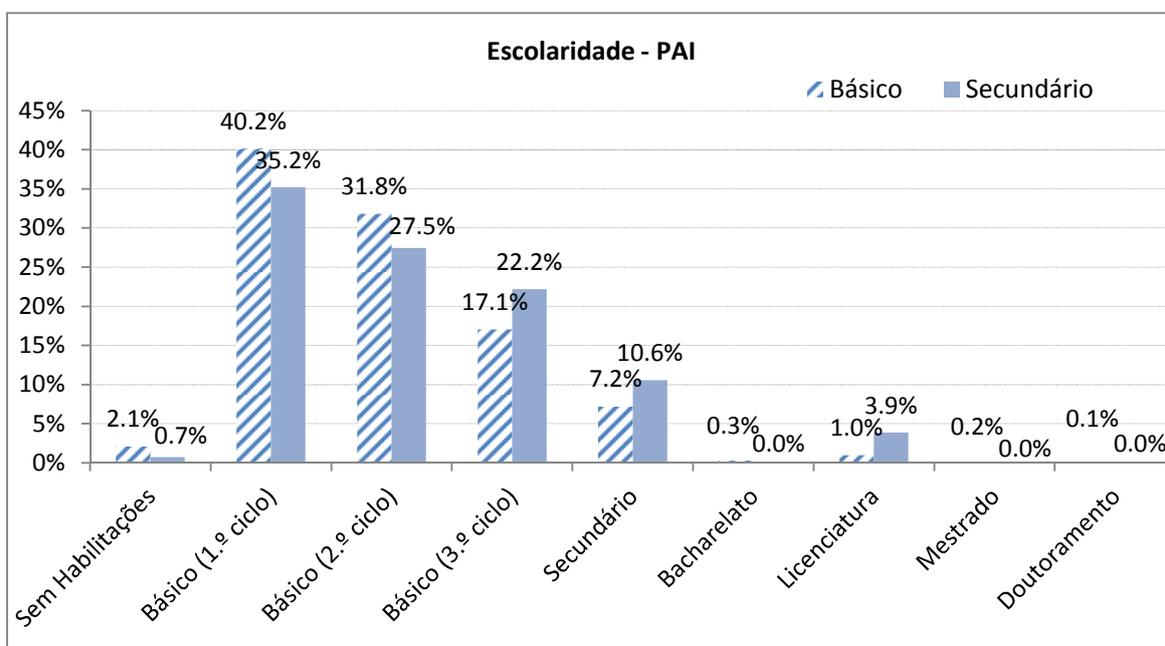


Figura 5: Escolaridade - Pai

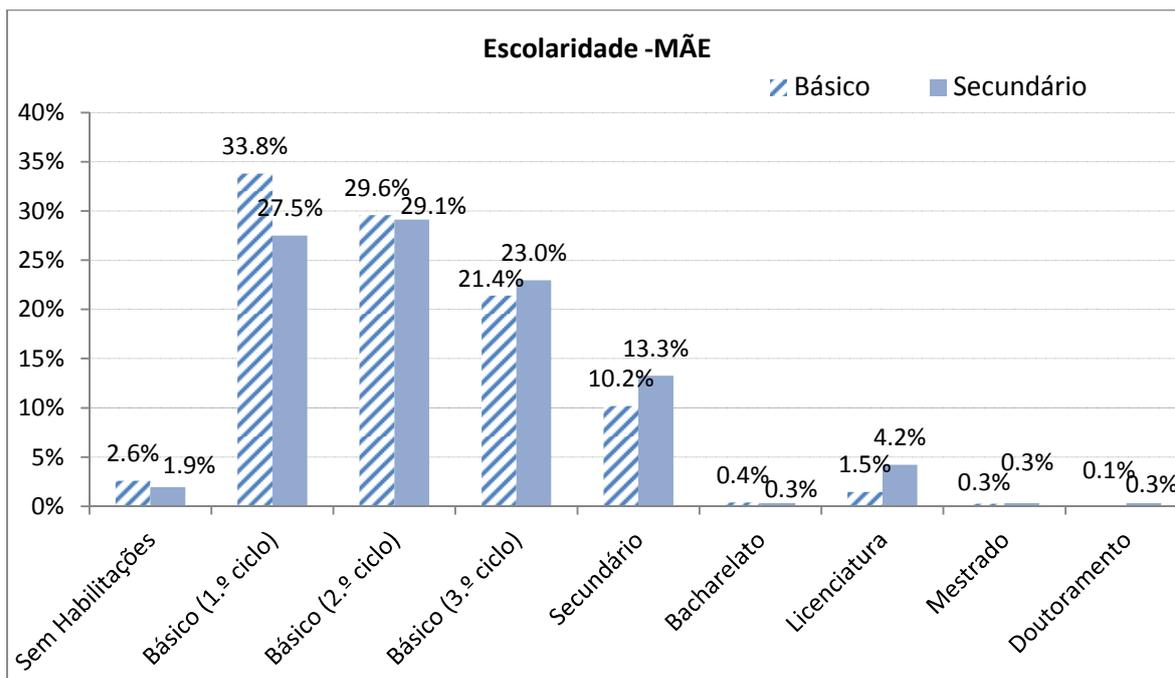


Figura 6: Escolaridade - Mãe

Em termos de distribuição geográfica a oferta em 2013/14 está espalhada pelo país, como se pode ver no mapa seguinte.

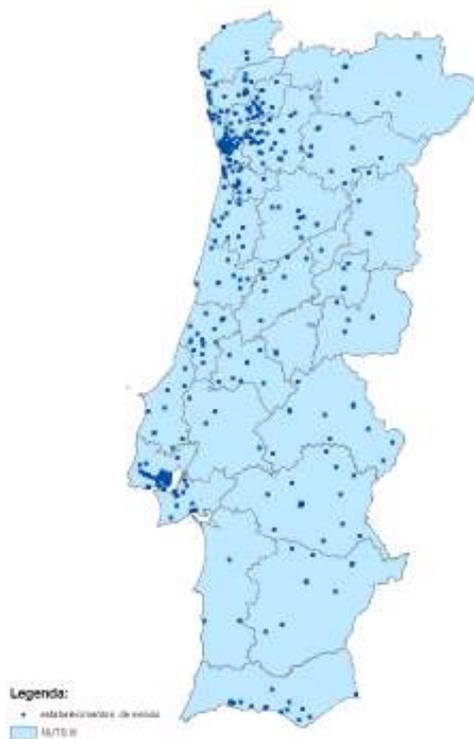


Figura 7: Localização dos cursos Vocacionais do Ensino Básico e Secundário

As áreas de formação vocacional no ensino básico são muito variadas e cada escola tem autonomia para as desenhar e combinar. São exemplos Ação Social, Artes e Multimédia, Carpintaria, Comércio, Cozinha, Desenho, Desporto, Eletricidade, Hotelaria, Informática, Jardinagem, Mecânica, Pastelaria, Restauração, Secretariado, Serralharia, Tecelagem, Turismo, Vitrinismo, etc.

No ensino secundário, apesar de ainda serem apenas 20 as turmas em funcionamento, há também bastante variedade de áreas. Os cursos são os seguintes:

- Jardinagem e Espaços Verdes
- Agricultura de Regadio
- Técnico de Turismo Ambiental e Rural
- Técnico de Mecatrónica
- Técnico de Manutenção Industrial
- Técnico de Planeamento Industrial de Metalurgia e Metalomecânica
- Cozinha / Pastelaria
- Técnico de Restaurante-Bar
- Técnico de Ferrador
- Técnico de Produção Animal
- Técnico de Produção Agropecuária
- Técnico Comercial
- Técnico de Manutenção Industrial de Metalurgia e Metalomecânica
- Tecnologias e Transformação de Cortiça/Técnico Preparador de Cortiça
- Gestão do Lazer e Animação Turística

Quanto à colaboração com as empresas, segundo os registos a 9 de Setembro de 2014, há 5598 empresas a receber alunos de cursos vocacionais para prática simulada ou estágios. O quadro seguinte mostra a sua caracterização em termos de número de pessoas ao serviço.

Dimensão da empresa	Básico	Secundário	Total
De 1 a 9 pessoas ao serviço	3162	54	3216
De 10 a 49 pessoas ao serviço	1489	41	1530
De 50 a 249 pessoas ao serviço	567	40	607
250 e mais pessoas ao serviço	149	16	165
Não Disponível	80		80
Total	5447	151	5598

Tabela 8: Número de Empresas que receberam alunos de cursos vocacionais, segundo a sua dimensão

Entre as empresas registadas como parceiras das escolas aparecem nalguns casos as próprias escolas, já que nalguns casos parte dos estágios realizou-se em serviços das próprias escolas. No entanto, das 5598 empresas que aparecem na tabela acima, identificamos apenas 343 registos como sendo das próprias escolas.

3. Aspectos a avaliar

Considerando as três fases de: **Planeamento**, **Funcionamento** e **Resultados**, interessa avaliar cada uma destas fases por si e como determinante da(s) fase(s) seguinte(s). Em cada uma destas fases há diferentes aspectos a analisar. Há ainda aspectos relativos ao **enquadramento geral** destes cursos, nas escolas e na sociedade, que vale a pena estudar, porque podem afetar o seu sucesso, embora só o possamos fazer de forma mais superficial.

1) Enquadramento:

- i. Aceitação e valorização destes cursos pelos pais dos alunos
- ii. Aceitação e valorização destes cursos pelas empresas

2) Planeamento:

- i. Origem da decisão de criar o curso
- ii. Parceria com empresa(s) nesta fase
- iii. Seleção dos alunos
- iv. Seleção dos professores

3) Funcionamento:

- i. Qualidade da formação
 - a. professores (componentes geral, complementar, vocacional)
 - b. outros recursos humanos (psicóloga, auxiliares, assistente social,...)
 - c. currículos (componentes geral, complementar, vocacional)
 - d. estágios / prática simulada
 - e. recursos físicos
 - f. avaliação global da qualidade
- ii. Articulação com as empresas
- iii. Motivação dos alunos
- iv. Constituição das turmas

4) Resultados finais:

- i. Taxas de conclusão
- ii. Taxas de desistência
- iii. Continuidade nos estudos
- iv. Para as empresas: necessidades de trabalhadores com formação técnica específica preenchidas

4. Metodologia

4.1 Instrumentos

Para realizar esta avaliação e responder aos vários pontos anteriormente listados recorreremos a diferentes instrumentos que descrevemos em seguida.

a) Base de dados da DGEEC com registos administrativos e resultados escolares

No início de 2013/14, aquando do alargamento da experiência no ensino básico e do lançamento dos cursos vocacionais no ensino secundário, o Grupo de Acompanhamento entendeu necessitar para o acompanhamento da experiência de um conjunto detalhado de dados que fosse sendo atualizado pelos coordenadores dos cursos. Assim, foi criada na DGEEC uma plataforma *online* para registo dos dados dos cursos vocacionais. Isto permitiu que ficassem registados os dados dos alunos e as características de cada curso, assim como as empresas onde os alunos fazem prática simulada ou estágio. A existência desta plataforma onde os coordenadores dos cursos foram registando ao longo do ano os módulos realizados pelos alunos, as suas avaliações e também os casos de desistência permitiu criar uma base de dados a que a comissão de avaliação teve acesso e que facilitou muito o trabalho de avaliação.

A pedido da comissão foram inseridos na mesma plataforma os dados referentes aos cursos que funcionaram (e terminaram) em 2012/13.

Uma base de dados deste tipo é um elemento essencial para uma monitorização atempada, completa e objetiva de uma nova oferta educativa. Foi esta a fonte utilizada na caracterização da população abrangida pela experiência e na avaliação dos resultados obtidos pelos alunos em termos de taxas de conclusão e de taxas de desistência.

Infelizmente, não existe na base de dados qualquer informação sobre os professores que lecionaram estes cursos, pelo que os aspetos relativos aos professores tiveram que ser avaliados usando outros instrumentos. No futuro, este deve ser um aspeto a melhorar.

Em relação aos cursos que ainda não terminaram nem sempre a informação na base de dados está atualizada, o que limitou a avaliação que é possível fazer relativamente aos resultados dos alunos nestes cursos. De qualquer modo a avaliação de resultados em cursos que ainda não terminaram seria sempre, necessariamente, muito limitada e preliminar.

b) Inquéritos

Há vários aspetos a avaliar que não são suscetíveis de ser avaliados através de dados administrativos e em relação aos professores não havia, como já foi dito, quaisquer dados administrativos. Assim pareceu-nos importante aplicar inquéritos aos vários elementos da comunidade educativa envolvida nestes cursos, incluindo também os tutores responsáveis pela integração e acompanhamento dos alunos nas empresas. Assim, aplicámos inquéritos aos alunos, aos pais, aos professores (incluindo os coordenadores), aos tutores e às direções das escolas. O inquérito aos alunos foi construído tomando por base o inquérito realizado em 2013 pelo Grupo de Acompanhamento da Experiência-piloto. Este inquérito foi adaptado tendo em conta as respostas obtidas na sua aplicação aos alunos da primeira experiência-piloto em 2012/13 como forma de reduzir o número de respostas abertas, colocando como respostas alternativas aquelas respostas que surgiram na sua aplicação aos alunos de 2012/13.

De referir que, não obstante a opção por um inquérito comum para o ensino básico e secundário, algumas das questões, e respetivas respostas, terão que ser devidamente enquadradas, na medida em que a sua importância nem sempre adquire o mesmo relevo nos dois níveis de ensino.

Os comentários e sugestões dos elementos do Grupo de Acompanhamento foram também importantes no desenho do inquérito. Construímos também um inquérito muito curto para ser respondido pelos pais e encarregados de educação dos alunos, como forma de conhecermos a sua avaliação desta oferta educativa. Os inquéritos aos alunos e aos pais foram aplicados em papel², tendo sido enviados para as escolas, por via eletrónica, no fim de Junho e pedido o seu preenchimento até ao final de Julho de 2014.

O inquérito aos professores teve também por base o inquérito realizado em 2013 pelo Grupo de Acompanhamento da Experiência-piloto. Construímos também inquéritos muito breves para serem respondidos pelos tutores nas empresas e pelas direções das escolas. Os inquéritos aos professores, aos tutores e às direções das escolas foram preenchidos *online*³ durante o mês de Julho.

² Inquéritos desenvolvidos e processados por leitura ótica usando a aplicação TELEFORM

³ Foi usada a ferramenta *Google Docs*

Os cinco inquéritos realizados foram enviados a toda a população respetiva de todos os cursos em funcionamento no ano letivo de 2013/14. Indicam-se de seguida o número de respostas obtidas em cada um. Os inquéritos aplicados estão disponíveis em anexo no final do relatório (Anexos 1 a 5).

Inquérito	Direções	Professores	Coordenadores	Tutores	Alunos	Pais
nº respostas	329	2948	462	1285	6436	6018

Tabela 9: Número de inquéritos processados

4.2 Caracterização e representatividade das amostras dos inquéritos

4.2.1 Inquéritos às Direções

Nos inquéritos às Direções obtivemos 329 respostas de 298 Agrupamentos diferentes. Nalguns casos em que há mais do que uma resposta do mesmo agrupamento podem ser escolas diferentes no mesmo agrupamento, o que pode levar a que no total haja mais escolas a responder, mas houve também escolas em que há mesmo mais do que uma resposta. Verificámos que em alguns casos não foram realmente as direções a responder mas provavelmente professores responsáveis pelos cursos.

Nº de respostas das Direções das Escolas	
Básico	308
Básico e Secundário	10
Secundário	11

Tabela 10: Número de inquéritos das direções das escolas por ciclos

No total recebemos respostas de 76% das Direções das escolas com cursos vocacionais em 2013/14, sendo que no secundário todas as escolas responderam e no básico a taxa de resposta é de 73%.

4.2.2 Inquéritos aos professores

Relativamente aos professores que lecionaram os cursos vocacionais não temos qualquer informação na base de dados da DGEEC: não sabemos sequer quantos são. A estimativa que fazemos resulta da seguinte pergunta inserida no inquérito às Direções: “Na sua escola, no ano letivo de 2013/14, quantos professores deram aulas aos cursos vocacionais?”. A variação nas

respostas é grande - entre 2 e 36 – mas, mais de dois terços das respostas situam-se entre 8 e 12. O valor médio é de 12,5 o que multiplicando pelas 393 escolas daria cerca de 4900 professores. Tendo em conta que mais de dois terços das Direções indicam ter entre 8 a 12 professores a lecionar estes cursos, é possível que o número total de professores seja mais baixo. Assim, pensamos que as respostas de professores que recebemos correspondem a mais de 60% dos professores.

Recebemos 2948 respostas ao inquérito aos professores, das quais 462 de coordenadores. A tabela abaixo descreve como estas respostas se distribuem pelos níveis de ensino. Há um número elevado de respostas (9%) que não indica qual o nível de ensino, o que será tido em conta na análise; 87% das respostas são de professores dos cursos do ensino básico e 4% de professores do ensino secundário.⁴ Estas percentagens estão alinhadas com o peso respetivo dos cursos: apenas 4% dos cursos a funcionar em 2013/14 são cursos do ensino secundário.

	Professores		São coordenadores
Básico	2556	87%	16%
Secundário	107	4%	22%
Básico e Secundário	8	0%	0%
Não Responde	277	9%	14%
Total	2948	100%	16%

Tabela 11: Número de inquéritos de professores por ciclos

Os professores inquiridos são maioritariamente do sexo feminino (69%), sendo que esta percentagem é mais baixa no grupo dos professores dos cursos vocacionais secundários (59%). Em termos de idade, destaca-se o grupo dos 41-50 anos de idade, o que, conjugado com o facto de que cerca de 80% do corpo docente ter mais de 11 anos de tempo de serviço, permite concluir que o corpo docente afeto aos cursos vocacionais é experiente (Figura 8). Em termos de habilitações académicas, a maioria (70%) é detentor do grau de licenciado.

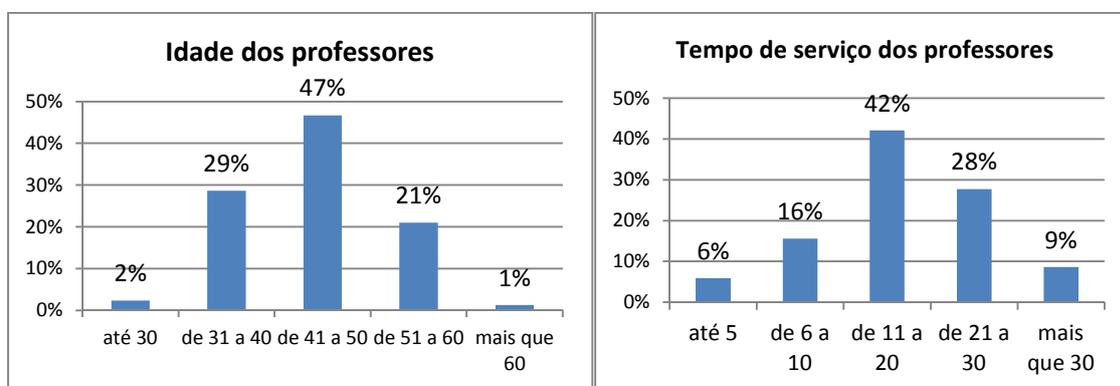


Figura 8: Caracterização dos professores - Idade e tempo de serviço

⁴ 9% das respostas não registam o nível de ensino lecionado devido a um problema informático que ocorreu na aplicação do questionário online nos dias 14, 15 e 22 de Julho de 2014.

Os professores que responderam ao inquérito distribuem-se pelas 3 áreas dos cursos vocacionais da seguinte forma: 1502 lecionam disciplinas da componente geral, 605 lecionam disciplinas da componente complementar e 964 lecionam disciplinas da componente vocacional.

Note-se que isto soma mais que as 2948 respostas que obtivemos ao inquérito já que como se pode ver na tabela abaixo alguns professores lecionam disciplinas de mais que uma área.

Componente lecionada	Nº de professores		
	Todas as respostas	Básico	Secundário
Geral	1428	1239	39
Complementar	527	467	14
Vocacional	879	749	49
Geral e Complementar	29	27	1
Geral e Vocacional	36	32	1
Complementar e Vocacional	40	34	3
Todas	9	8	0
Total	2948	2556	107

Tabela 12: Número de respostas dos professores por ciclos e componentes de formação

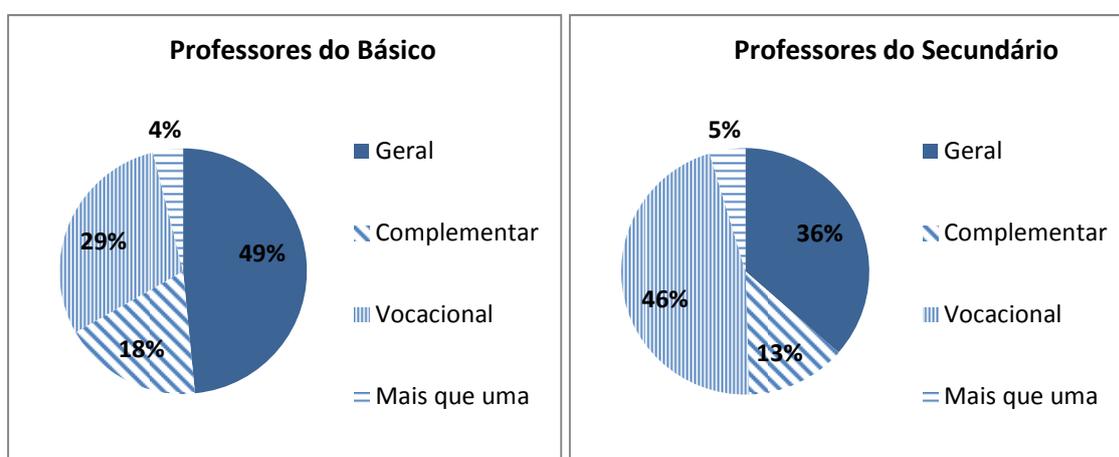


Figura 9: Distribuição da amostra de professores por ciclos e componentes de formação

4.2.3 Inquéritos aos coordenadores

Das respostas que recebemos dos professores, 16% referiam ter desempenhado funções de coordenação. Note-se que isto pode indicar que desempenhavam a função de Coordenador do Curso ou a de Diretor de Turma. Nalguns cursos estas duas funções são desempenhadas pelo mesmo professor, noutros não. De qualquer forma as 462 respostas de professores que

desempenharam funções de coordenação representam provavelmente mais de 60% dos coordenadores.

4.2.4 Inquéritos aos Tutores

Na base de dados da DGEEC havia, a 19 de Agosto, indicação de 6468 tutores relativos aos cursos de 2013/14, sendo 190 de cursos do ensino secundário. Se pudéssemos considerar este registo atualizado, as 1285 respostas que recebemos corresponderiam a uma taxa de respostas global de 20%. No entanto, há várias empresas que não têm registado o número de tutores e recebemos respostas de 272 tutores de cursos do secundário, o que nos leva a pensar que existirão mais tutores do que o número indicado na plataforma.

A taxa de respostas no secundário parece ser muito elevada, mas no básico será à volta de 15%.

Em relação aos tutores que responderam ao inquérito, verifica-se que a distribuição em termos do género é muito equitativa no ensino básico sendo a percentagem de homens mais expressiva nos tutores que acompanham alunos do secundário(59%). Em relação à idade, mais de dois terços estão entre os 30 e os 50 anos.

Quanto à experiência na empresa mais de metade diz ter mais de 10 anos de experiência e apenas 11% responde estar há menos de 2 anos na empresa. Os valores são os mesmos para os cursos do básico e do secundário.

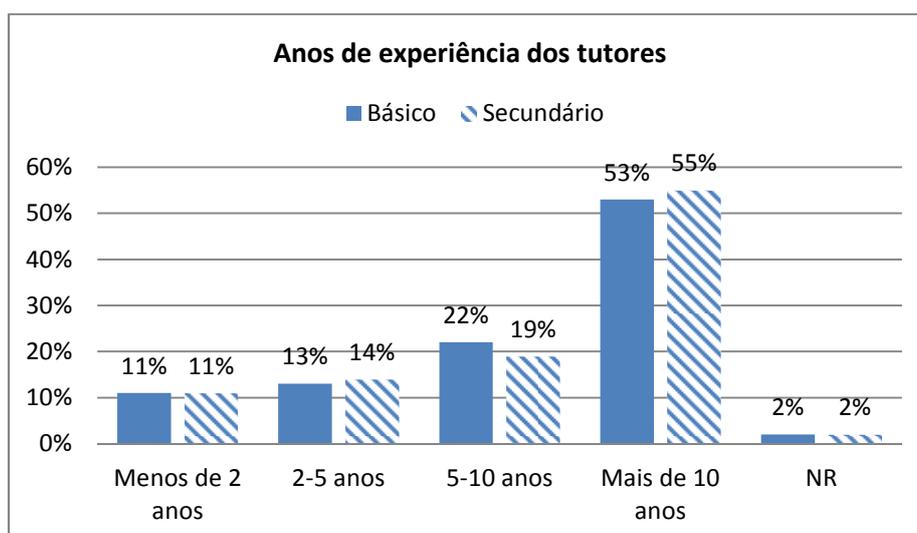


Figura 10: Caracterização da amostra de tutores - anos de experiência profissional

Quanto à formação dos tutores também não há diferenças relevantes entre os dois tipos de curso. No entanto nas empresas maiores, há uma maior percentagem de tutores com pelo menos o bacharelato.

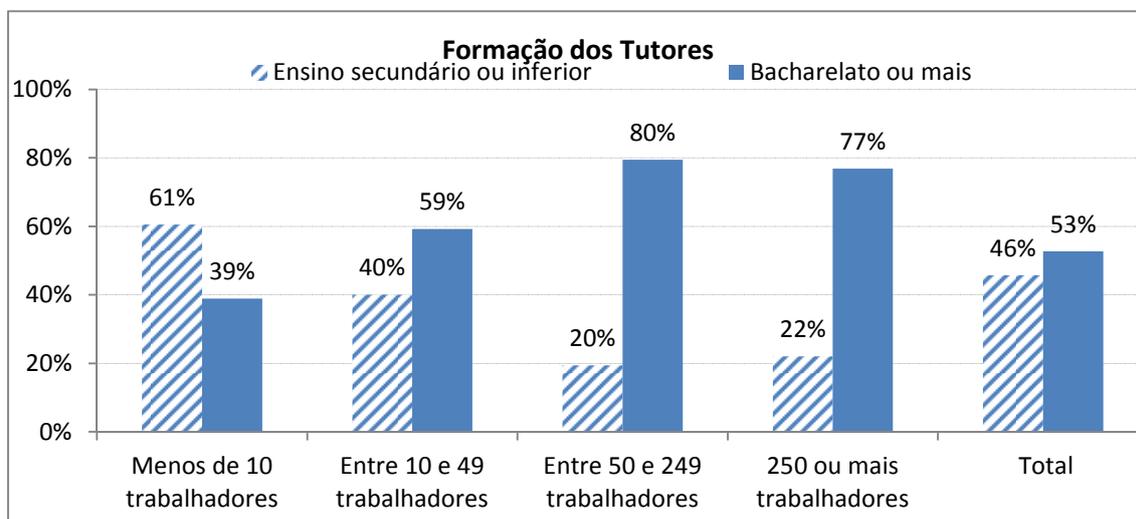


Figura 11: Caracterização da amostra de tutores - Formação académica

4.2.5 Inquéritos aos alunos

Foram rececionados e validados 6436 inquéritos, o que representará aproximadamente 65% da população de alunos a frequentar cursos vocacionais no final do ano letivo de 2013/14⁵. Destes, 96,6% correspondem a alunos inscritos em cursos do ensino vocacional básico, distribuição muito próxima da apresentada pelos alunos a frequentar o curso no final do ano letivo (97,1% - 2,9%).

Numa breve caracterização deste grupo, pode dizer-se que as respostas válidas distribuem-se maioritariamente por rapazes (66%), também muito próximo da distribuição inicial de alunos inscritos (67%). O peso de cada um dos sexos é praticamente igual em todas as faixas etárias.

Esta distribuição é similar quando analisamos de forma independente os cursos vocacionais básicos e os secundários⁶.

⁵ Considerando os cursos iniciados em 2013/14 e aqueles que tinham iniciado em 2012/13 mas tinham uma duração de 2 anos, temos em 2013/14 um total de 11335 alunos. No entanto até ao final do ano letivo, altura em que foram realizados os inquéritos, 1391 alunos desistiram dos cursos.

⁶ Nas respostas aos inquéritos são referenciados vários casos de alunos com idade inferior aos 13 anos, o que não está de acordo com o despacho que cria esta oferta educativa. Este facto é todavia compatível com a consulta da base de dados da DGEEC, onde se registam casos similares.

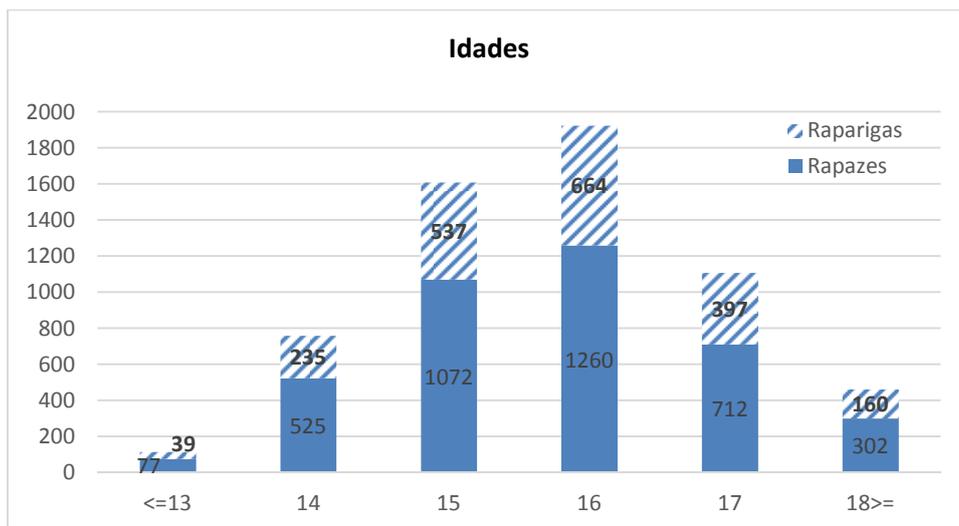


Figura 12: Caracterização da amostra de alunos - Idades dos alunos inquiridos, por sexo

A idade média dos alunos é de cerca de 15,7 anos no caso dos alunos dos cursos do ensino básico, e de 17,5 anos, para os alunos dos cursos vocacionais secundários, muito próxima da idade média do conjunto de alunos inscritos nos cursos.

Em termos de escolaridade dos pais, o padrão geral é coincidente com o revelado no inquérito aos pais/encarregados de educação: ou seja, estamos perante alunos cujos pais têm baixos níveis de escolaridade, sendo que, no conjunto, a percentagem de pais ou mães que possuem formação superior, é inferior a 3%.

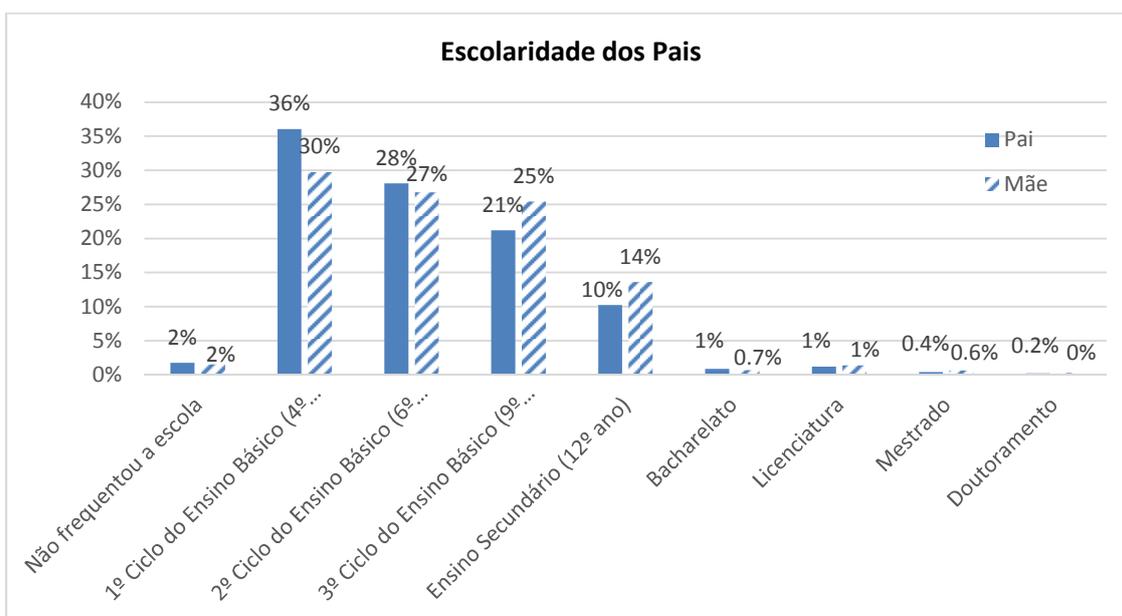


Figura 13: Caracterização da amostra de alunos: escolaridade dos pais/EE

A análise dos subgrupos revela que a escolaridade dos pais dos alunos dos cursos do ensino secundário tende a ser ligeiramente maior que a escolaridade dos pais dos alunos dos cursos do ensino básico, embora a diferença seja pequena.

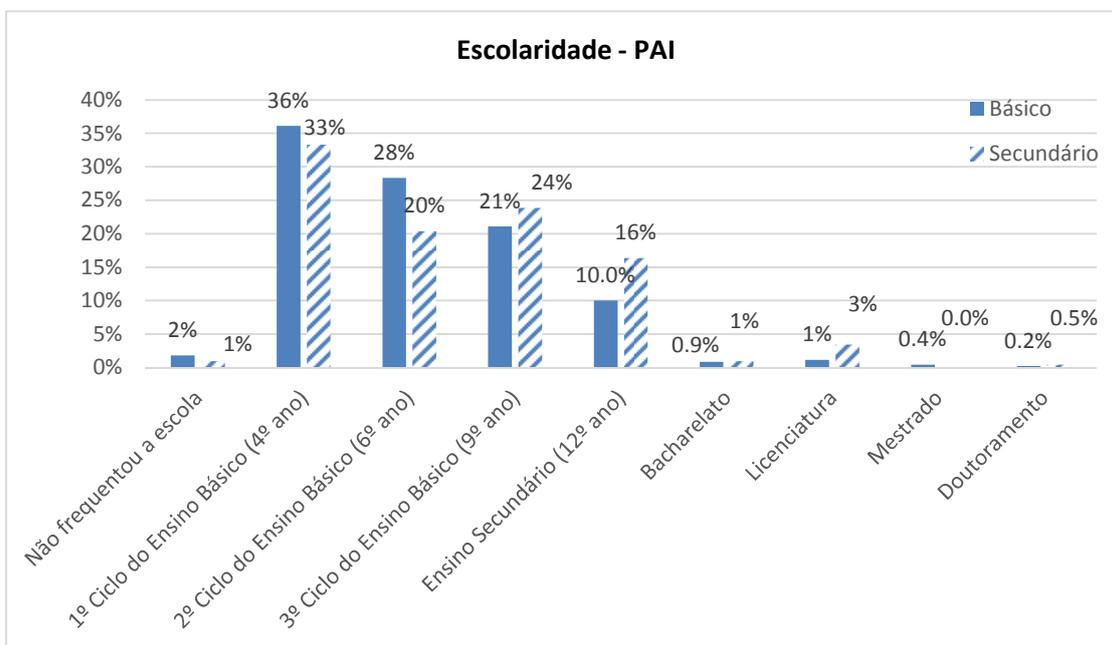


Figura 14: Caracterização da amostra de alunos: escolaridade do Pai

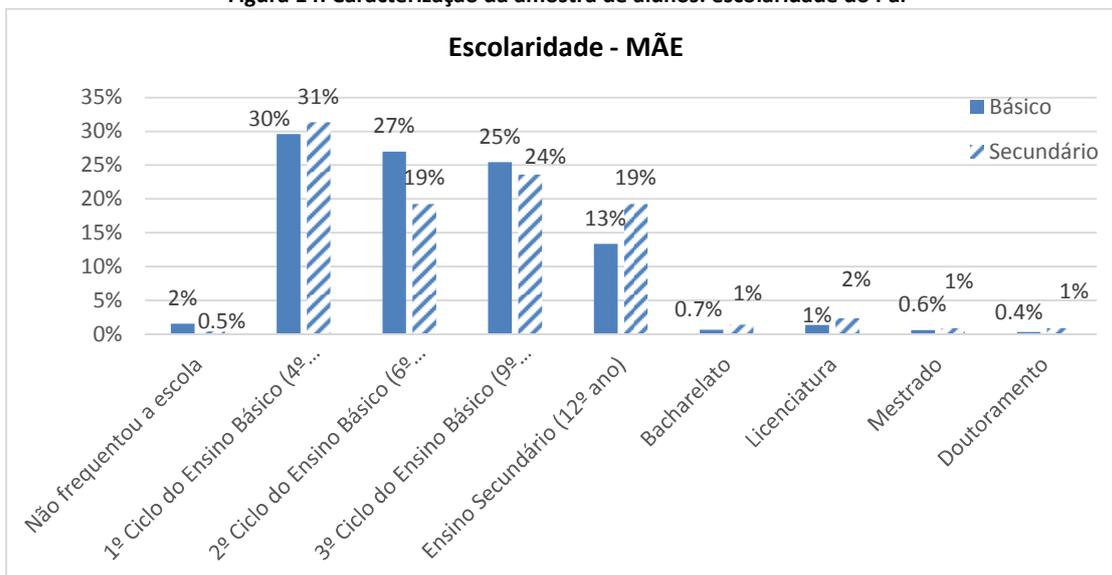


Figura 15: Caracterização da amostra de alunos: escolaridade da Mãe

No que diz respeito à ocupação ou atividade económica dos pais dos alunos, embora a maioria exerça uma profissão, confirma-se a elevada percentagem de “desempregados”, superior entre as mães (31%), do que entre os pais (22,5%).

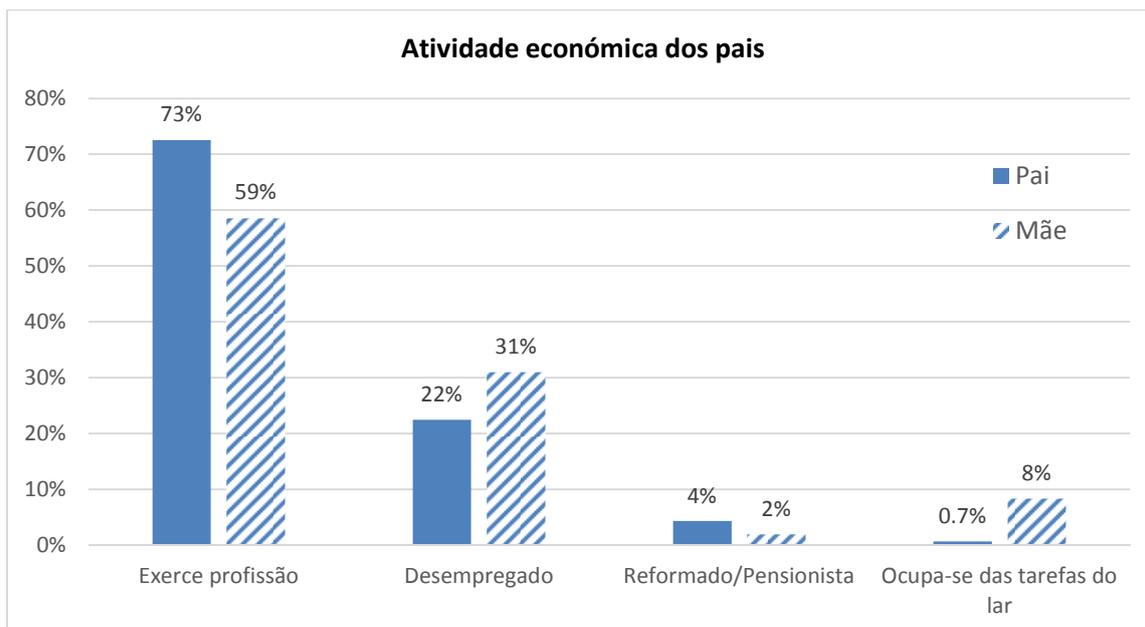


Figura 16: Caracterização da amostra de alunos - atividade Económica dos Pais/EE

De entre as profissões dos pais, são mais frequentes as ligadas ao setor da construção civil, agricultura, tarefas domésticas e, no geral, as profissões menos qualificadas.

No que diz respeito à situação dos alunos antes de ingressarem no curso vocacional, entre os alunos que respondem aos inquéritos, constata-se que a maioria dos alunos (75,5%) frequentavam um dos anos do 3º ciclo, salientando-se todavia que, enquanto os alunos dos cursos vocacionais básicos transitaram, na esmagadora maioria, do ensino regular, já no caso dos alunos dos cursos vocacionais secundários, uma elevada percentagem transitaram de CEF (28,2%) bem como de cursos profissionais (13,2%) (Figura 17).

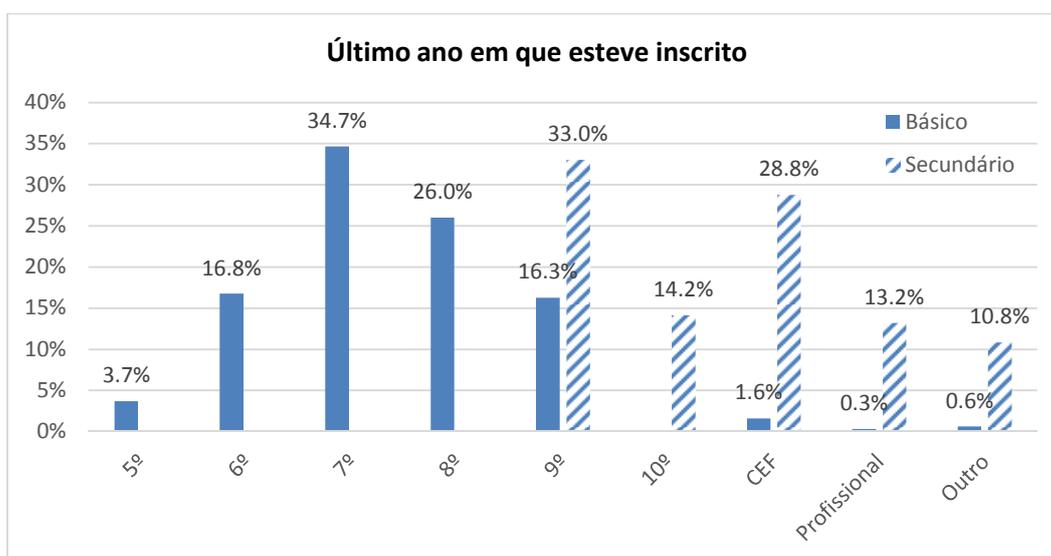


Figura 17: Caracterização da amostra de alunos: último ano de inscrição

Estes números são muito próximos daqueles que resultam da análise dos dados administrativos. A Figura 18 abaixo, apresenta a origem escolar de todos os alunos inscritos nos cursos vocacionais de acordo com os dados administrativos.

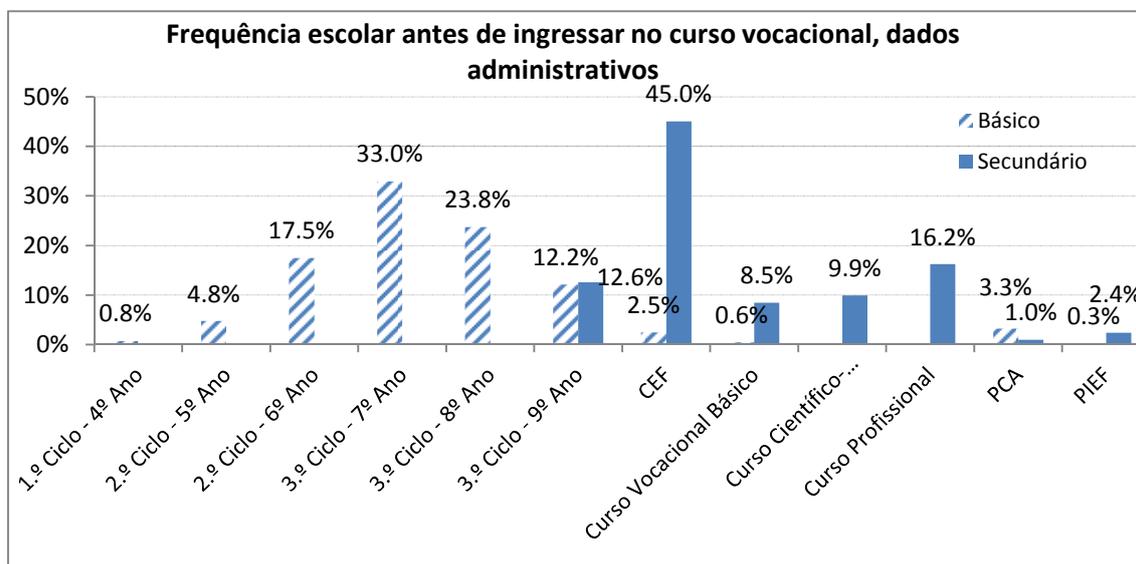


Figura 18: Frequência escolar antes de ingressar no curso vocacional - Dados administrativos

Assim, podemos concluir que a percentagem de alunos que respondeu ao inquérito é bastante elevada e que esta amostra é representativa da população de alunos no que se refere ao nível de ensino, ao sexo, à idade, à escolaridade dos pais e à origem escolar dos alunos. No entanto, é importante ter em conta que, dado que o inquérito foi realizado em Julho de 2014, não responderam ao inquérito os alunos que desistiram dos cursos ao longo do ano, e teria sido importante aferir as razões dos abandonos/desistências.

4.2.6 Inquéritos aos Pais

Foi distribuído o inquérito a todos os pais/encarregados de educação (P/EE). Foram rececionados e validados 6018 inquéritos, o que representará aproximadamente 61% da população. Destes, 96,5% correspondem a pais/encarregados de educação de alunos inscritos em cursos do ensino vocacional básico, distribuição muito próxima da apresentada pelos alunos a frequentar o curso no final do ano letivo (97,1% - 2,9%).

Numa breve caracterização deste grupo, pode dizer-se que maioritariamente responderam ao inquérito as “Mães” dos alunos (67,4%), seguindo-se os “Pais” (18,2%). Esta distribuição é

similar quando analisamos de forma independente os cursos vocacionais básicos e os secundários (Figura 19).

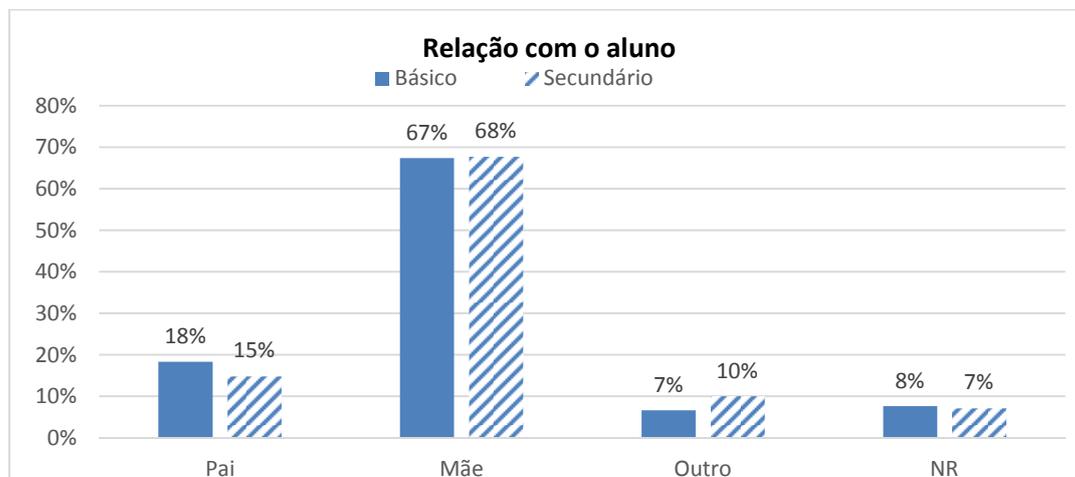


Figura 19: Caracterização da amostra de Pais/EE: relação com o aluno

Ao nível da escolaridade, verifica-se que a percentagem de P/EE com um baixo nível de habilitações é elevada, porquanto mais de 75% dos respondentes têm, como escolaridade, no máximo, o 3º ciclo, sendo que menos de 5% tem formação académica superior. Ainda assim, nota-se que a percentagem de P/EE com habilitações mais elevadas (ensino secundário completo e superior), é bastante superior entre os P/EE dos alunos do ensino secundário (24% contra 16,3%). Estes níveis de escolaridade são coerentes com as respostas dos alunos.

Comparando com os dados administrativos, a escolaridade dos pais que responderam aos inquéritos é ligeiramente mais alta podendo indicar uma maior taxa de respostas entre os pais com maior nível escolaridade.

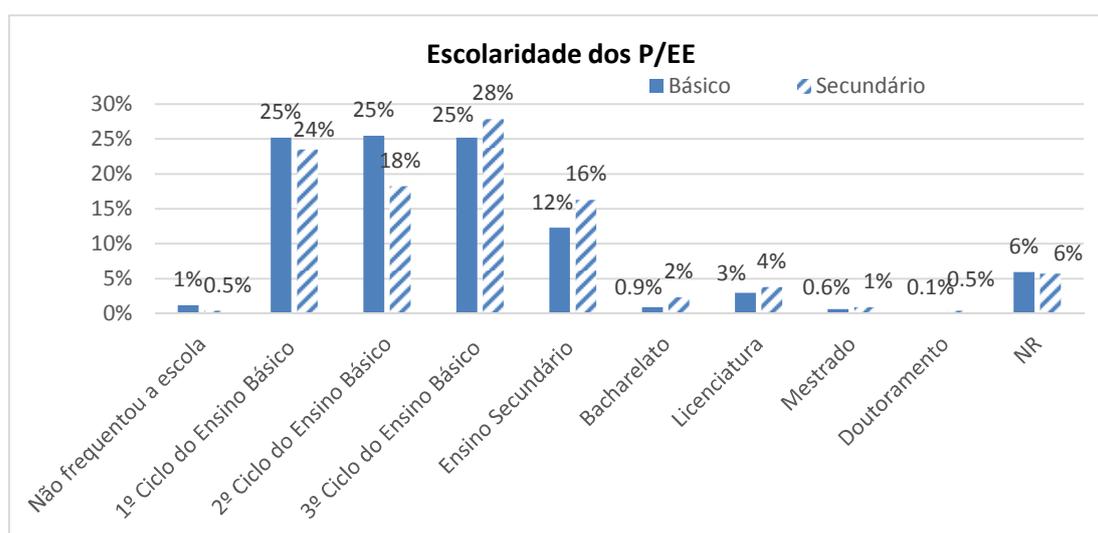


Figura 20: Caracterização da amostra de Pais/EE - nível de escolaridade

No que diz respeito à ocupação ou atividade económica dos P/EE, embora a maioria exerça uma profissão (mais de 50%), não deixa de ser relevante a percentagem de “desempregados” (superior a 26%). Estas respostas são coerentes com as dos alunos se tivermos em conta que foram maioritariamente as mães que responderam ao inquérito (ver Figura 16).

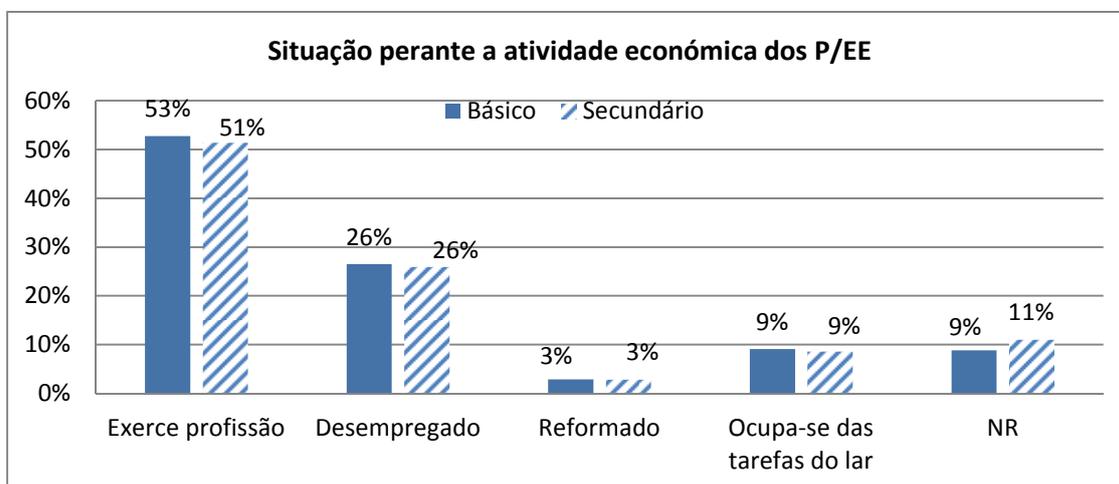


Figura 21: Caracterização da amostra de Pais/EE - Atividade económica

4.3 Visitas a escolas

A 14 e 15 de julho de 2014, com a presença dos peritos estrangeiros, a Comissão de Avaliação visitou 5 escolas onde funcionaram no ano de 2013/14 vários cursos vocacionais do ensino básico e secundário. Com as visitas pretendeu-se ganhar sensibilidade para vários aspetos relevantes na análise a realizar.

Para além de reuniões entre os membros da comissão, foram visitadas 5 escolas:

- Escola de Comércio, de Lisboa;
- Escola Secundária António Damásio, de Lisboa;
- Agrupamento de escolas Calazans Duarte, da Marinha Grande;
- Agrupamento de escolas Figueira Mar, da Figueira da Foz e,
- Agrupamento de escolas D. Sancho I, de Vila Nova de Famalicão.

O sumário do relatório das visitas está disponível em anexo (Anexo 6).

5 Resultados

Conforme descrito na Secção 3 (Aspetos a avaliar), procederemos de seguida a uma análise dos resultados dos inquéritos, analisando os aspetos do planeamento, do funcionamento e dos resultados. Como ponto preliminar, avaliaremos alguns aspetos gerais de enquadramento, nomeadamente sobre as perceções que os vários agentes têm sobre os cursos vocacionais. Por último, procuraremos responder às questões/objetivos sobre os quais esta avaliação deveria dar resposta conforme constante no Despacho do Sr. Ministro da Educação e Ciência.

5.1 Enquadramento geral

Começamos por olhar para a posição perante a escola dos alunos e suas famílias e especificamente para a sua opinião relativamente aos cursos vocacionais. Tendo os inquéritos sido aplicados em Julho de 2014 já refletem necessariamente o impacto da frequência por estes alunos da nova oferta de cursos vocacionais.

Olhamos também brevemente para a posição dos tutores que, de alguma forma, representam aqui a posição das empresas. Mais uma vez, a opinião dos tutores já reflete certamente o conhecimento dos alunos dos cursos vocacionais que já fizeram estágio na empresa. Todavia, dado que os cursos vocacionais secundários ainda se encontravam (no momento desta avaliação) a meio do seu percurso, verificando-se casos de formandos que ainda não realizaram as práticas em empresas, e dada ainda a dimensão da amostra, as opiniões dos tutores bem como algumas outras respostas relacionadas com o envolvimento das empresas, devem ser relativizadas. Adicionalmente, importa reter que há tutores que recebem alunos em prática simulada enquanto outros recebem alunos em estágio formativo, conforme sejam alunos do ensino básico ou do ensino secundário.

5.1.1 Alunos, Pais e Direções

Procurando avaliar a perceção, pelos alunos, de qual é a importância que os respetivos pais atribuem à escola, foi formulada a questão *“O que pensa a tua família sobre a Escola?”*. A análise das respostas (Figura 22), mostra que os alunos têm plena consciência de quais os aspetos que os respetivos pais valorizam sobre a escola: apenas 3% diz não saber o que os pais

pensam sobre a escola. Em especial destacam a sua importância na perspectiva de “se conseguir um emprego” (69,6%) e consideram que na escola “aprendem-se coisas úteis” (18,5%), sendo que os alunos dos cursos vocacionais secundários valorizam mais a questão do emprego. De notar ainda que os resultados são coerentes com as respostas dadas à mesma questão pelos próprios pais/encarregados de educação (Figura 23).

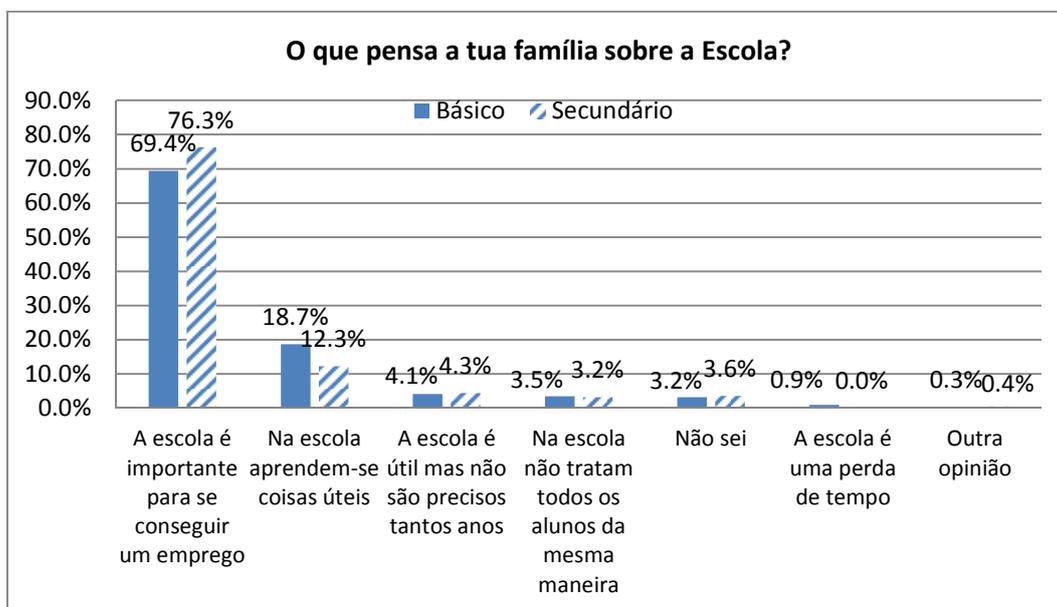


Figura 22: Opinião dos alunos sobre "O que pensa a tua família sobre a Escola?"

Questionados também **os pais** sobre a importância da escola em geral, não restam dúvidas de que a esmagadora maioria atribui à escola um papel fundamental como facilitadora para se “conseguir um emprego” (56,7%) e para a aprendizagem de “coisas úteis” (29%).

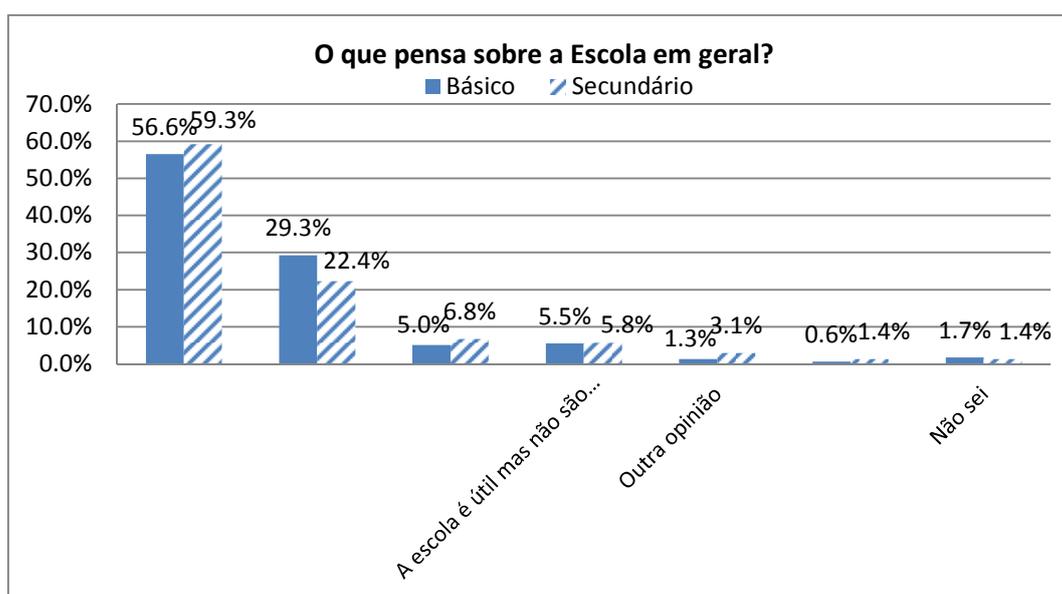


Figura 23: Opinião dos pais sobre "O que pensa sobre a escola em geral?"

Ainda assim, globalmente, cerca de 11% dos inquiridos aponta alguns aspetos negativos à escola no seu geral. Esta percentagem é mais significativa entre os P/EE dos alunos dos cursos do Secundário (14%).

De igual forma, formulou-se também aos alunos a questão sobre qual seria a opinião dos seus pais sobre estes cursos vocacionais (Figura 24). Os resultados evidenciam uma vez mais que o contributo destes cursos para a obtenção de emprego é o aspeto mais valorizado (42,2% no total), e mais especialmente pelos alunos dos cursos vocacionais secundários (60%), o que vem de encontro a um dos objetivos específicos para os cursos deste nível de ensino. De notar ainda que a imagem associada a uma menor grau de dificuldade destes cursos face ao ensino regular é mais percecionada pelos alunos do que pelos próprios pais.

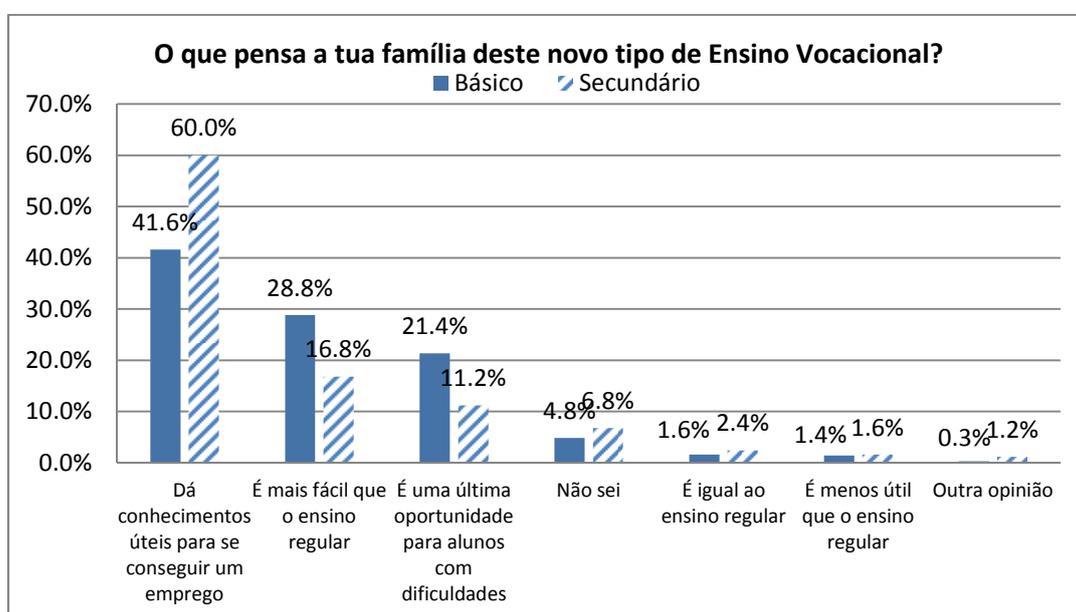


Figura 24: Opinião dos alunos sobre "o que pensa a tua família deste novo tipo de ensino vocacional?"

Quando questionados especificamente os pais sobre os cursos vocacionais, sobressai novamente a importância dada pelos pais à preparação para obtenção de emprego (45,3%), ressaltando-se a identificação de dois aspetos particulares: por um lado o reconhecimento de que se trata de uma "oportunidade para alunos com dificuldades" (26,9%), e, por outro, a associação de que se trata de uma oferta formativa "mais fácil" do que o ensino regular (22,2%).

A utilidade dos conhecimentos adquiridos para "se conseguir um emprego", é todavia, e de novo, mais valorizada entre os PE/EE dos alunos dos cursos do ensino Secundário (51,3%) do que entre os PE/EE dos alunos do ensino Básico (45,1%), e ao inverso, estes valorizam mais o

facto de esta oferta formativa poder assumir o papel de “última oportunidade dos alunos com dificuldades” (27,1% no Básico contra 20,8% no Secundário).

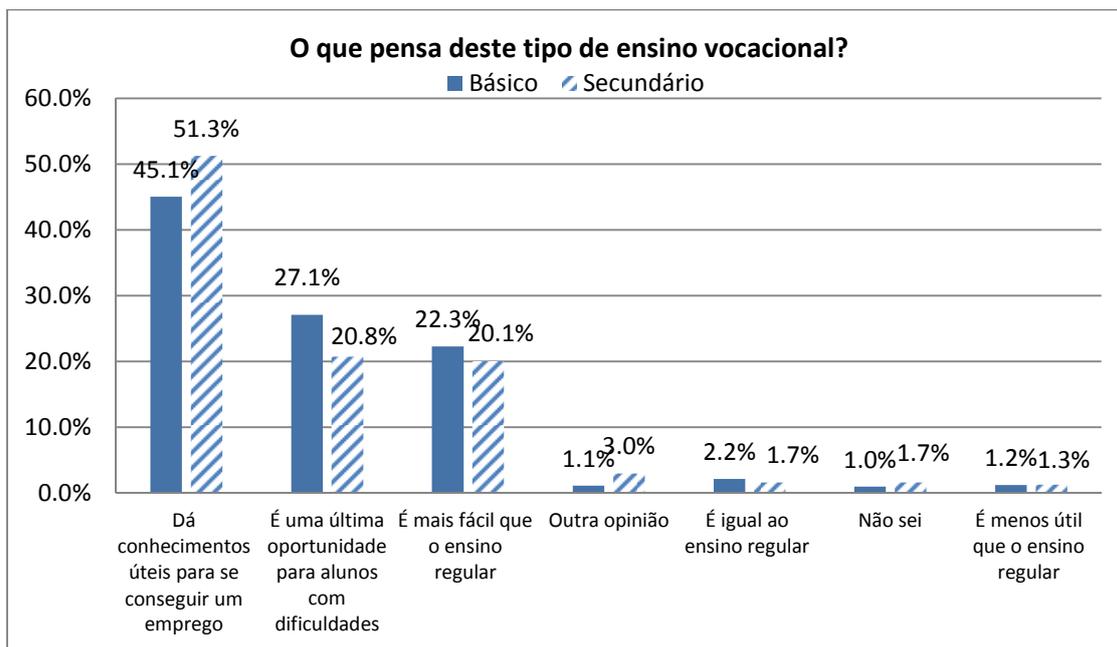


Figura 25: Opinião dos pais sobre "O que pensa deste tipo de ensino vocacional?"

Dado que a integração dos alunos nos cursos vocacionais exige a aceitação por parte dos pais/encarregados de educação, indagou-se junto das **Direções** das escolas sobre a eventual existência de resistências por parte destes à integração dos seus educandos nas turmas dos cursos vocacionais. A análise das respostas mostra que, sobretudo nos cursos vocacionais do ensino básico “foi fácil obter a aceitação dos pais”. Ainda assim, apresenta alguma expressão a percentagem de pais que terão recusado a integração dos seus filhos educandos nestas turmas, sendo que esta recusa foi ligeiramente superior nos cursos secundários.

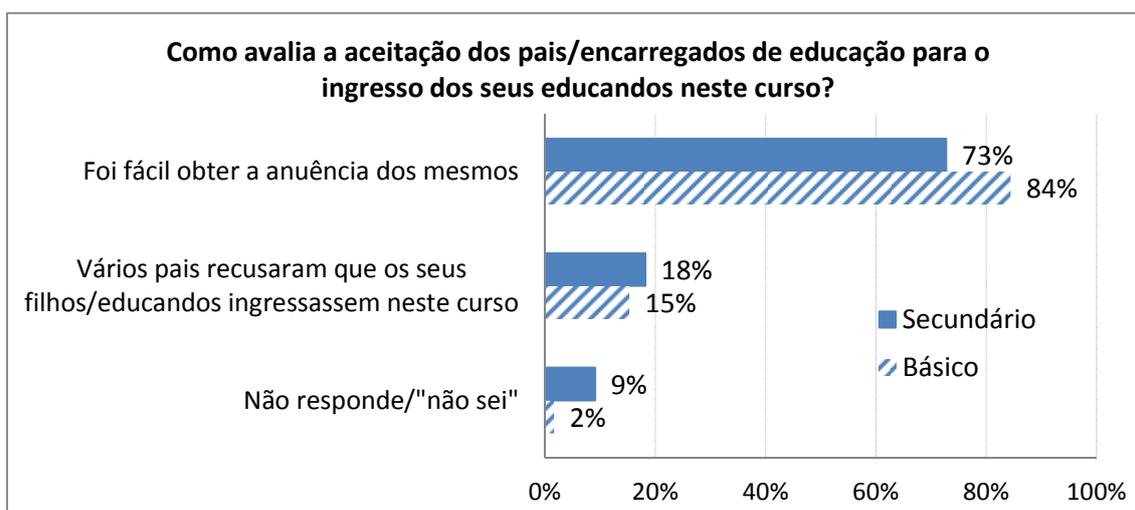


Figura 26: Opinião das Direções sobre a aceitação dos pais quanto ao ingresso dos alunos no curso vocacional

Foi enfatizada, em alguns comentários das Direções, que a aceitação dos cursos pelos pais e pelos alunos foi facilitada por uma explicação cuidada e pelo enquadramento dado.

Em termos gerais, e pelo menos a nível do ensino básico, estes números não indiciam que existisse uma rejeição desta oferta educativa pelas famílias dos alunos.

5.1.2 Empresas

Na pergunta colocada às Direções das escolas sobre o grau de dificuldade em encontrar empresas com as quais estabelecer parcerias, mais de um terço (36,5%) diz ter sido *“Difícil”* ou *“Muito Difícil”* (ver Figura 28). Isto indicia alguma falta de abertura das empresas para o tipo de estágios ou práticas simuladas exigidas por estes cursos.

Por outro lado, quando em julho se perguntou aos tutores se concordavam com a afirmação de que *“No futuro, a empresa beneficiará de haver alunos que frequentaram esta formação vocacional”*, a maioria (64%), respondeu que concordava e apenas 9% assinalou que discordava. No entanto, a taxa de respostas aos inquéritos por parte dos tutores foi reduzida e não é provavelmente representativa da posição da generalidade das empresas, principalmente daquelas que ainda não tiveram qualquer contacto com os alunos destes cursos.

5.2 Planeamento

5.2.1 A criação dos cursos

As respostas das Direções das escolas à questão sobre as motivações para a criação de cursos vocacionais nas respetivas escolas, parecem mostrar haver alguma sintonia com as intenções do ministério, porquanto as respostas *“dar uma resposta aos alunos desmotivados”*, *“manter na escola alunos em risco de abandono”* ou *“dar uma preparação para o mundo do trabalho a alunos desinteressados em prosseguir estudos”*, recolheram mais de 90% das afirmações de concordância (Figura 27).

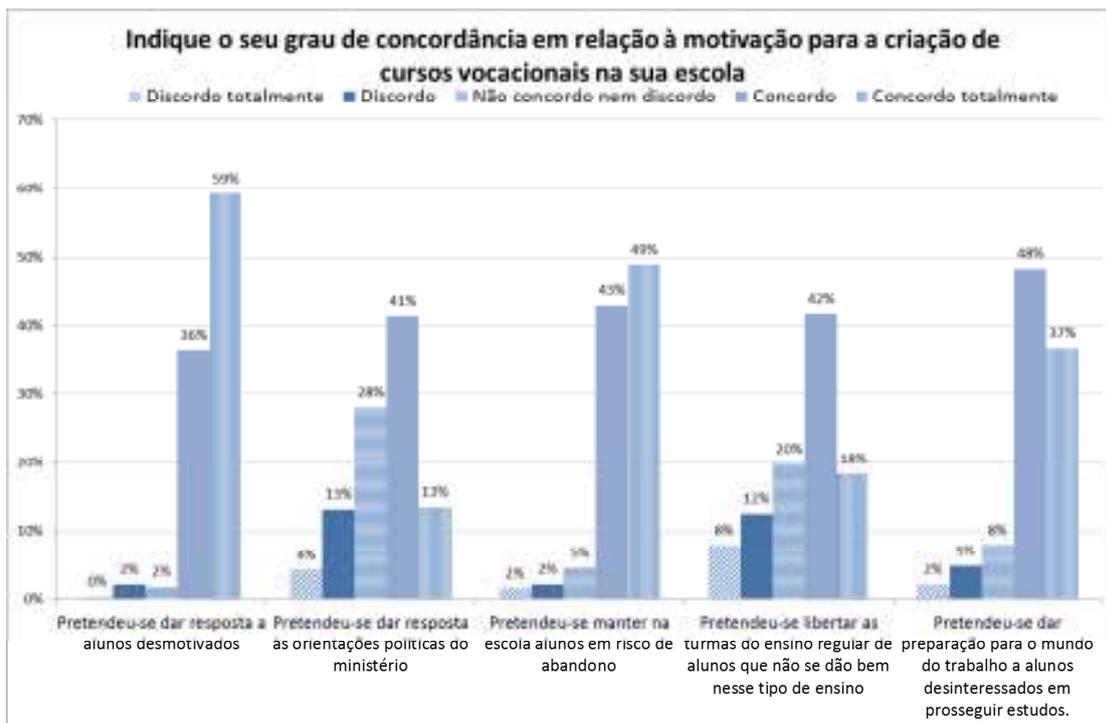


Figura 27: Opinião das Direções - motivações para a criação dos cursos vocacionais

Sobre os passos seguintes, ou fases do processo de organização do curso vocacional, pode afirmar-se que as direções das escolas não tiveram dificuldades relevantes ao nível dos recursos internos (professores, instalações e designação dos coordenadores de curso), apenas adquirindo expressão a maior dificuldade em encontrar empresas para efeitos de acolhimento dos alunos para realização da componente vocacional na empresa, na medida em que cerca de 36% dos inquiridos responderam ter sido esta uma tarefa “difícil” ou “muito difícil” (Figura 28).

As respostas das direções das escolas aos inquéritos mencionam também dificuldades em garantir atempadamente o número mínimo de alunos para poder abrir o curso, considerando que podendo abrir o curso com um número mais reduzido de alunos poderiam depois do curso já aberto ir integrando mais alunos.

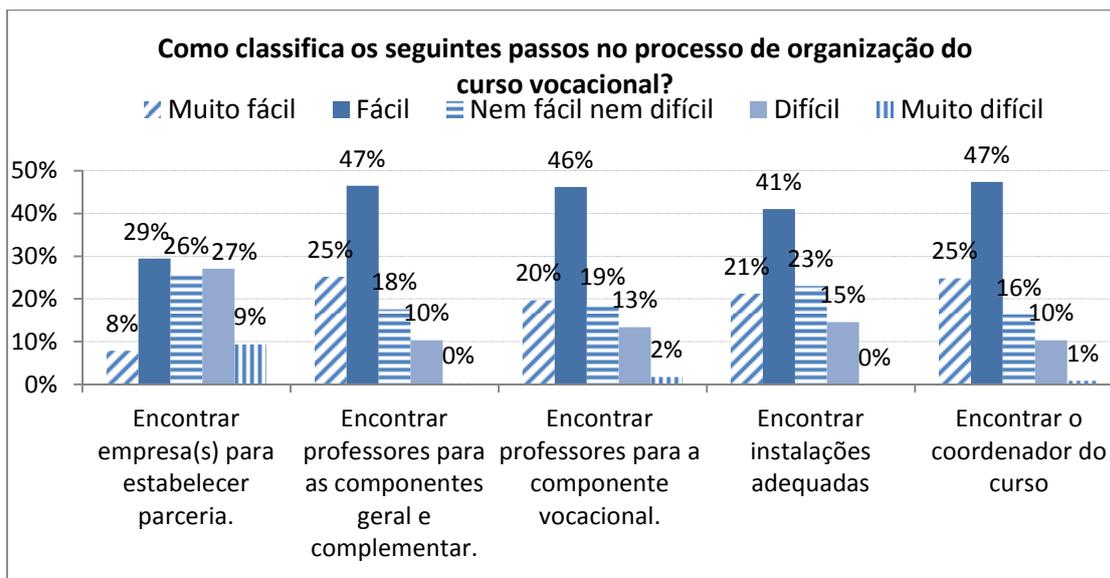


Figura 28: Opinião das Direções - passos na organização dos cursos vocacionais

Relativamente aos cursos do nível secundário, constatámos por ocasião das visitas às escolas que a ligação das matrizes curriculares com os referenciais de formação do nível IV do Quadro Nacional de Qualificações, parece introduzir alguma rigidez que não parece ser do agrado nem dos professores, nem das empresas e que dificulta a criação de novos cursos.

5.2.2 A articulação com as empresas na fase de planeamento

Procurando saber se o processo de planeamento e candidatura dos cursos oferecidos por cada escola foi um processo participado com as empresas, constata-se que no caso dos cursos do ensino básico o envolvimento destas se resumiu, na esmagadora maioria dos casos, ao estabelecimento de parceria com vista ao acolhimento dos alunos na prática simulada. Todavia, este menor envolvimento das empresas no caso dos cursos vocacionais básicos parece-nos normal, porquanto não se exige um nível de envolvimento que implique o conhecimento dos conteúdos do currículo dos alunos, o que é imprescindível nos casos dos cursos vocacionais secundários, onde de facto se confirma que terá havido um envolvimento mais aprofundado e participativo das empresas.

De referir ainda que nos comentários há algumas referências à intervenção da autarquia ou instituições locais, que parece ter-se efetivamente verificado sobretudo fora das grandes cidades. Esta intervenção, será sem dúvida importante no futuro.

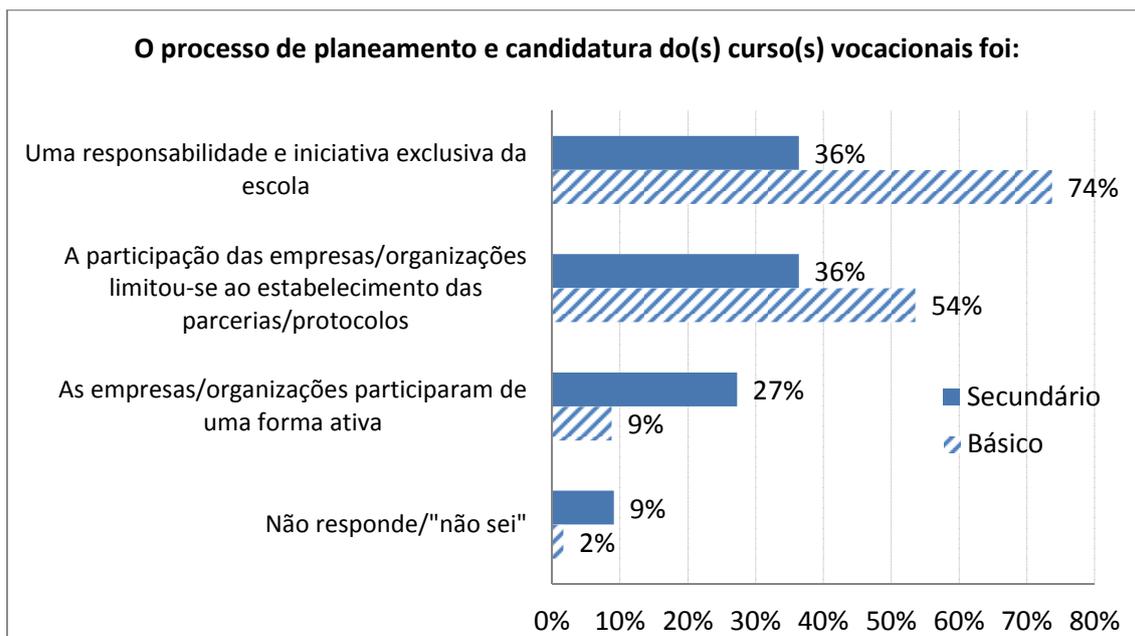


Figura 29: Opinião das Direções: processo de planeamento dos cursos vocacionais

A dificuldade em encontrar empresas para estabelecer parceria identificada pelas direções (Figura 28) confirma, também, a reduzida articulação com as empresas na fase de planeamento dos cursos, que se pode considerar normal nos cursos do Básico, mas já com alguma expressão nos cursos do Secundário, como atrás foi referido.

Vimos que, na opinião das direções das escolas, o envolvimento das empresas se centrou sobretudo no estabelecimento das parcerias para realização dos estágios. Inquiridos os tutores das empresas sobre este mesmo aspeto, no total cerca de 58% referem que *“a empresa participou ativamente no processo de planeamento”* do curso (57% no básico e 61% no secundário) e mais de 75% (76% no básico e 72% no secundário) indicam que o plano de estágio/prática simulada foi previamente elaborado em articulação com os orientadores da escola. Ainda que como já se referiu, o envolvimento das empresas no planeamento dos cursos vocacionais do ensino básico não adquira uma relevância significativa, podendo limitar-se a uma simples manifestação de concordância, já nos cursos do ensino secundário, é necessário um maior envolvimento, pelo que seria de esperar uma taxa de respostas positivas superior entre os tutores dos cursos do ensino secundário e se justifica uma análise mais aprofundada destes números. A eventual ligação anterior das empresas com as escolas, nomeadamente ao nível dos cursos profissionais, e o pouco tempo que as escolas tiveram para apresentar as suas propostas, é uma explicação possível para estes números que são relativos ao primeiro ano de funcionamento destes cursos.

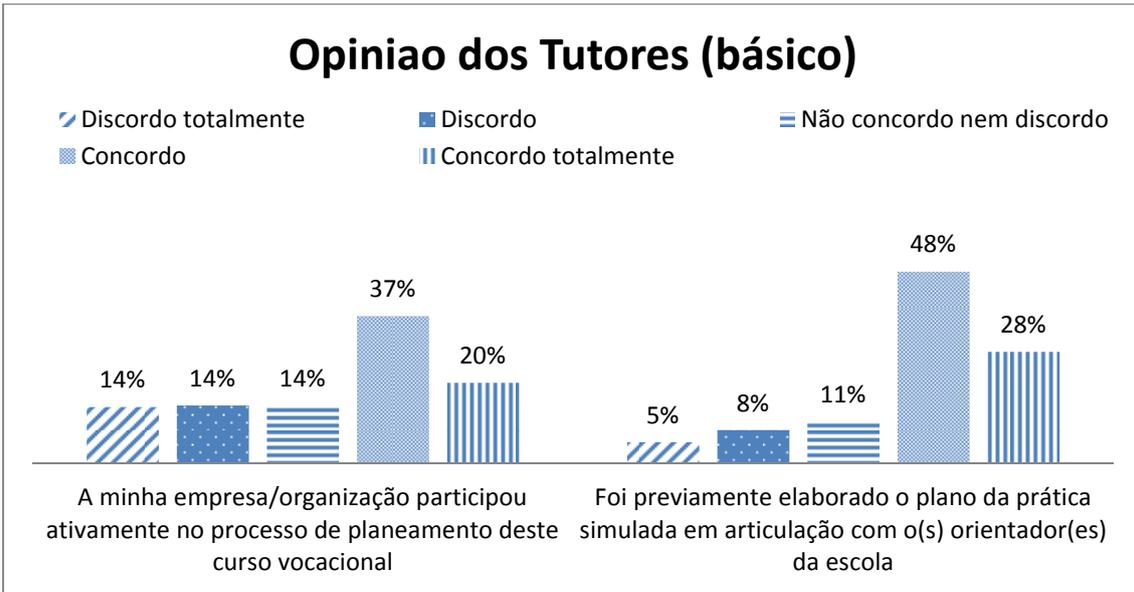


Figura 30: Opinião dos tutores - intervenção das empresas no processo de planeamento dos cursos vocacionais do ensino básico

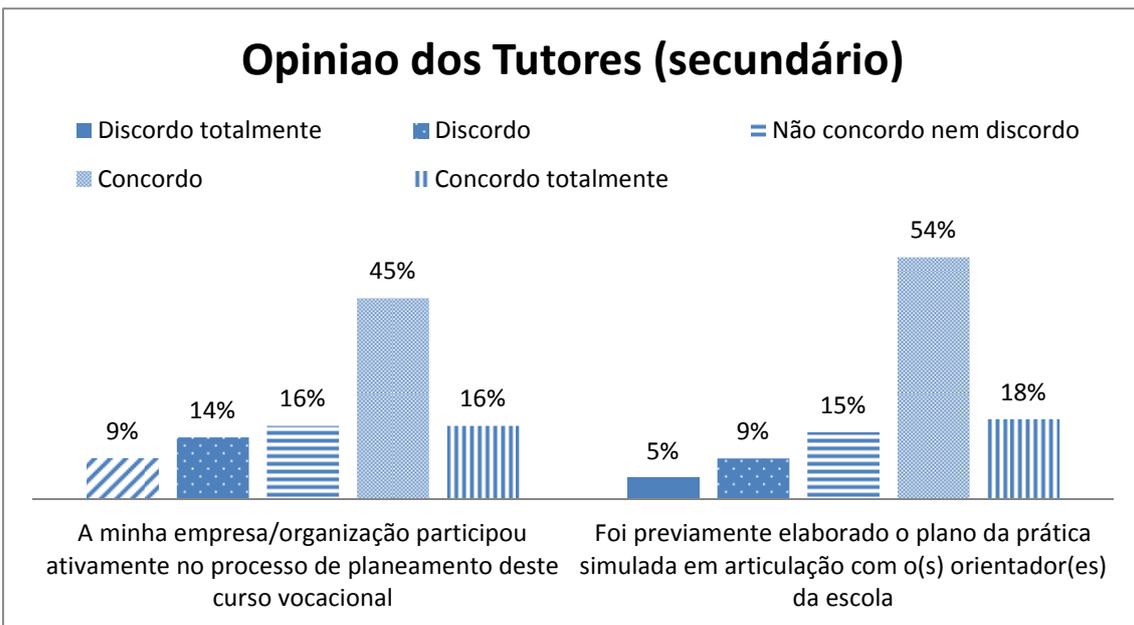


Figura 31: Opinião dos tutores - intervenção das empresas no processo de planeamento dos cursos vocacionais do ensino secundário

Ainda assim, consideramos significativo que cerca de 14% dos tutores dos cursos do ensino secundário tenham manifestado discordância quanto à existência de articulação com a escola na elaboração dos planos de estágio, o qual nos parece essencial para o sucesso destas atividades.

5.2.3 A seleção dos alunos

Relativamente aos cursos vocacionais do ensino Básico, o nº 2 do artigo 1º da Portaria n.º 292-A/2012 de 26 de setembro, prevê que a experiência-piloto *“integrará alunos com mais de 13 anos, designadamente alunos que tenham duas retenções no mesmo ciclo ou três retenções em ciclos distintos”*. Por seu turno, a Portaria n.º 276/2013 de 23 de agosto que regulamenta os cursos vocacionais no ensino secundário, prevê, no seu artigo 2º, que *“A experiência-piloto referida no número anterior integrará alunos que concluíram o 3.º ciclo do ensino básico ou equivalente, completaram 16 anos de idade ou que, tendo frequentado o ensino secundário, pretendem reorientar o seu percurso escolar para uma oferta educativa mais técnica, designadamente os que se encontrem em risco de abandono escolar”*.

A análise das respostas dos alunos indica a existência, nos cursos vocacionais do ensino básico, de alunos com apenas uma reprovação ou inclusive nenhuma reprovação, o que à priori, e a ser verdade, constituiria uma violação do disposto no normativo acima mencionado. Não é possível aferir esta informação utilizando a base de dados da DGEEC, a qual poderá conter erros, já que, como mencionado na Secção 2, há várias inconsistências entre a idade dos alunos e o número de retenções aí registado. Não existindo informação suficiente que nos permita extrair uma conclusão sustentada, podendo o conceito de “retenção” ter sido mal interpretado, ou não contabilizado em algumas modalidades formativas frequentadas pelos alunos (CEF, PIEF), sugere-se contudo que seja averiguada esta situação e, se for o caso, corrigida também a base de dados.

A existência, ainda que legal, de alunos sem retenções a frequentar cursos vocacionais secundários, parece-nos poder ser suscetível de incentivar alguns alunos a transitarem para estes cursos, pela simples razão de que *“seria uma forma de concluírem o ensino secundário mais rapidamente”* (2 anos, em vez de 3), como aliás foi possível confirmar nas visitas às escolas efetuadas pela Comissão de Avaliação. Esta conclusão é coerente com as expectativas de continuação de estudos no ensino superior destes alunos (21,9%), conforme mostraremos mais adiante (Figura 116). Aceitando-se que um aluno com 16 anos e sem histórico de retenções, mas que decide mudar de percurso escolar, possa frequentar estes cursos e concluir o ensino secundário em 2 anos, parece importante garantir que o aluno preenche as condições previstas pela Portaria e avaliar se poderá contribuir para uma maior heterogeneidade das turmas, um dos aspetos “negativos” que é percecionado por vários

agentes inquiridos. Neste sentido, a Comissão sugere uma reflexão mais aprofundada sobre as condições de ingresso nos cursos vocacionais do ensino secundário.

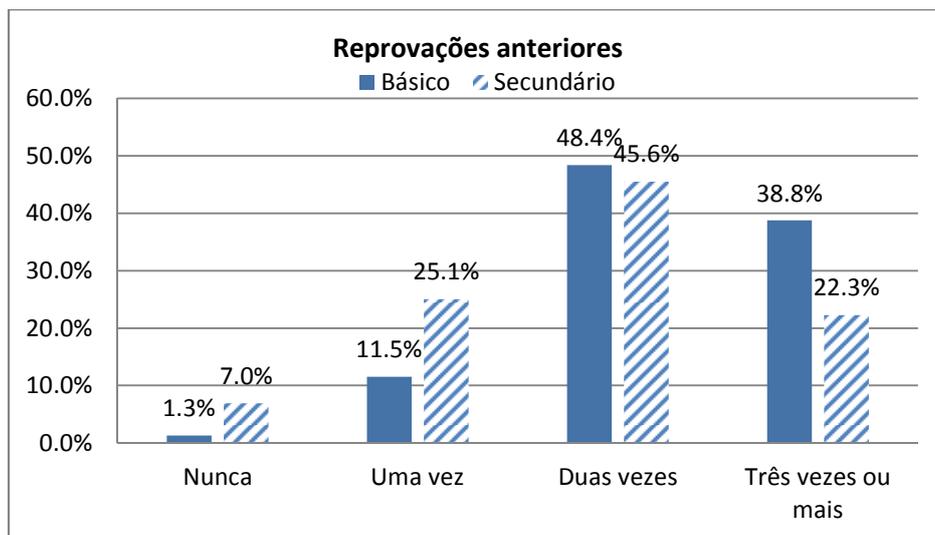


Figura 32: Inquéritos aos alunos - reprovações anteriores

Em termos de ciclos onde se verificaram as reprovações, constata-se que as mesmas se concentram sobretudo no 2º e 3º ciclos do ensino básico. Por outro lado, quase metade dos alunos (48%), declaram ter reprovado em mais do que um ciclo de ensino.

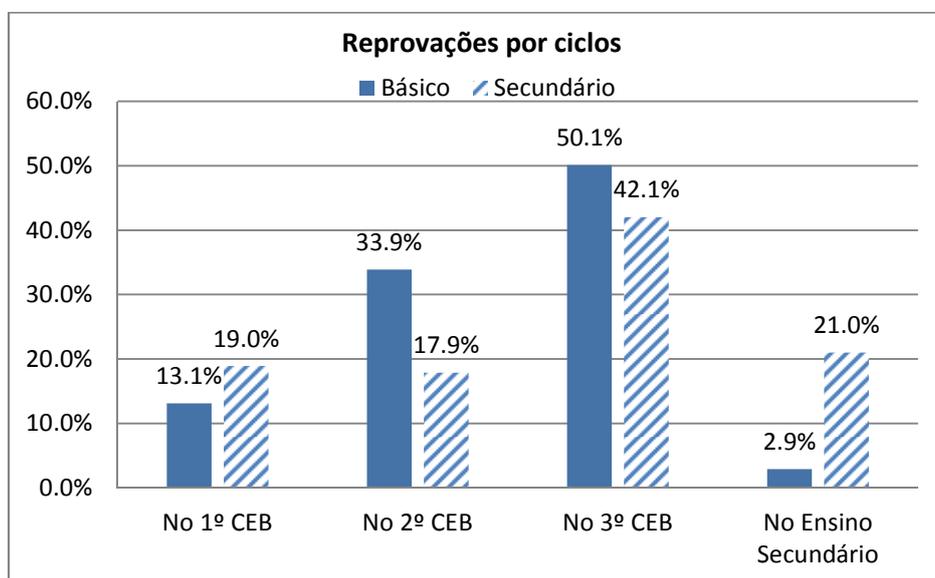


Figura 33: Inquéritos aos alunos - reprovações anteriores por ciclos de ensino

Em termos de proveniência dos alunos, é de referir que embora a maioria se tenha mantido na mesma escola já anteriormente frequentada (64,2%, no total), uma percentagem significativa (31,2%), mudou de escola expressamente para frequentar este curso, sendo este facto mais frequente entre os alunos dos cursos vocacionais secundários.

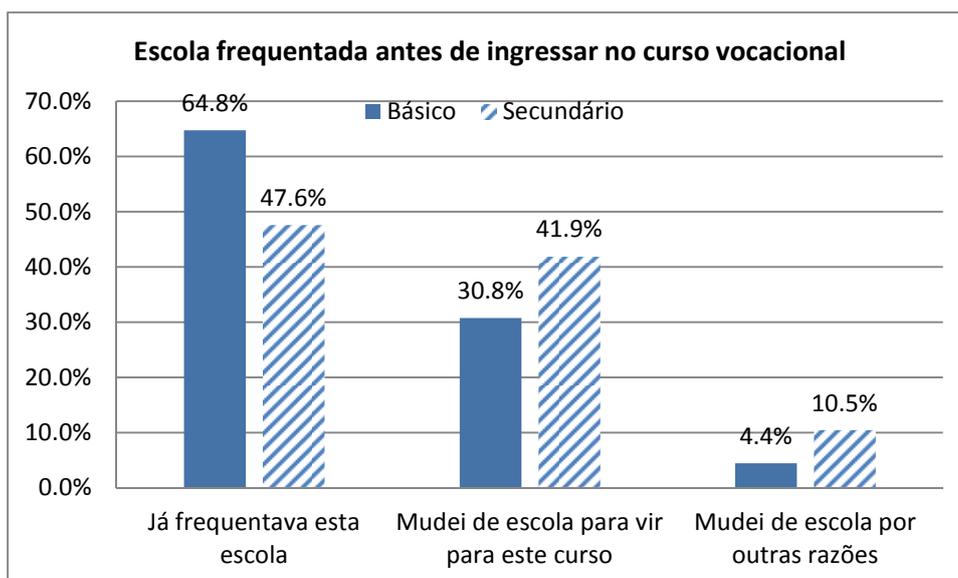


Figura 34: Inquéritos aos alunos: escola frequentada antes de ingressar no curso vocacional

Os dados administrativos permitem analisar a proveniência dos alunos em termos da sua frequência escolar anterior à entrada no curso vocacional. Constatou-se que a maioria dos alunos (75,5%) frequentavam um dos anos do 3º ciclo, salientando-se todavia que, enquanto os alunos dos cursos vocacionais básicos transitaram, na esmagadora maioria, do ensino regular, já no caso dos alunos dos cursos vocacionais secundários, quase metade transitaram de CEF (45%).

Aprofundando a análise para os cursos do ensino básico verificamos que nos cursos do 3º ciclo mais de 80% dos alunos vem do 3º ciclo do ensino regular, mas há ainda quase 10% que vem diretamente do 2º ciclo do ensino regular e há ainda uma percentagem com algum significado que vem de CEF ou PCA. Nos cursos do 2º ciclo, a maioria dos alunos vem do 2º ciclo do ensino regular mas mais de 20% vem do 3º ciclo do ensino regular, ou seja são alunos que optaram por um curso vocacional, mesmo que num nível de ensino mais baixo.

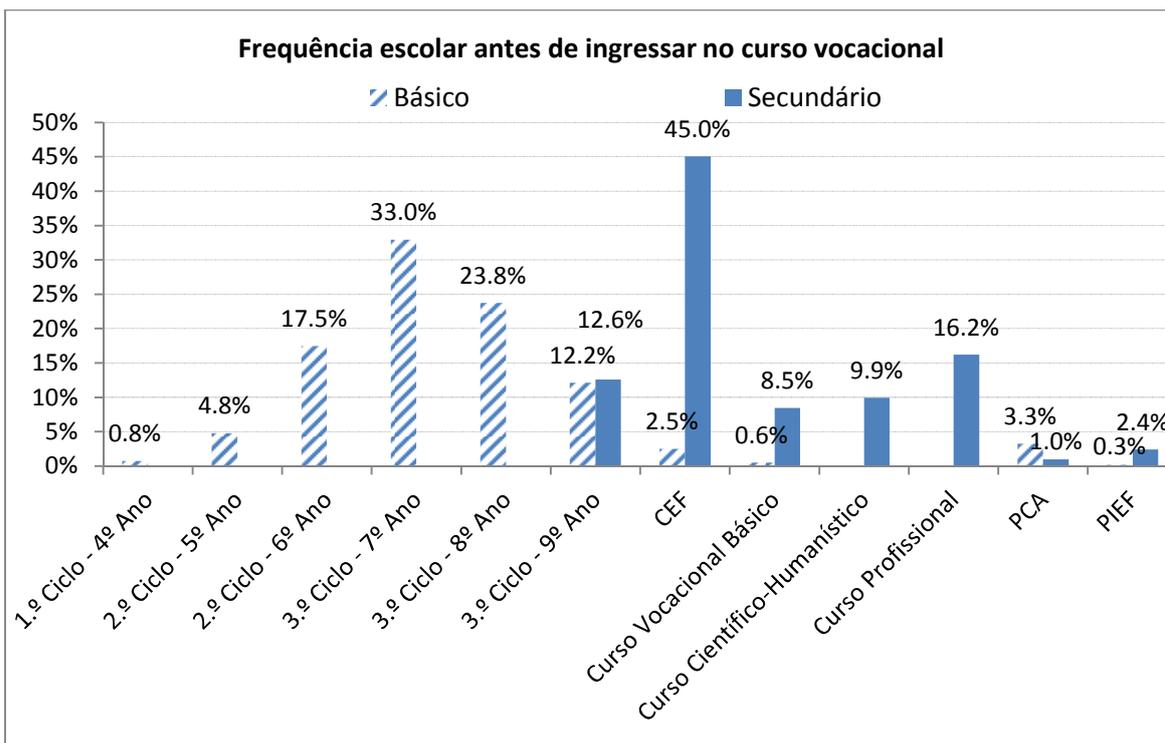


Figura 35: Frequência escolar antes de ingressar no curso vocacional (todos ciclos) – dados administrativos

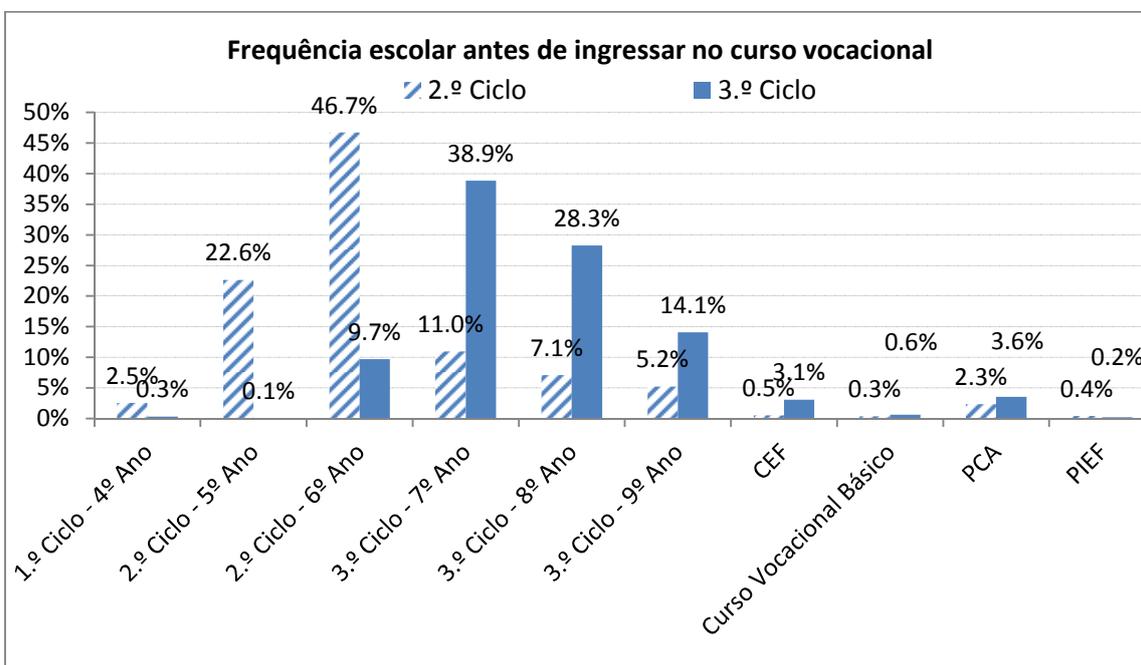


Figura 36: Frequência escolar antes de ingressar no curso vocacional (só 2º e 3º ciclos) – dados administrativos

No que diz respeito à responsabilidade e iniciativa pela tomada de decisão para a frequência destes cursos vocacionais, conclui-se que, maioritariamente se tratou de uma decisão

partilhada, envolvendo o aluno e o seu encarregado de educação, influenciada fortemente por alguns professores e, como não podia deixar de ser, pelos psicólogos escolares (Figura 37).

De notar que, também de forma natural, a intervenção do aluno na decisão é mais intensa nos cursos vocacionais secundários. Nos casos em que são referenciados “outros” intervenientes, constata-se com maior frequência a influência de “amigos”, do “diretor de turma” ou de outros familiares, como o “irmão”.

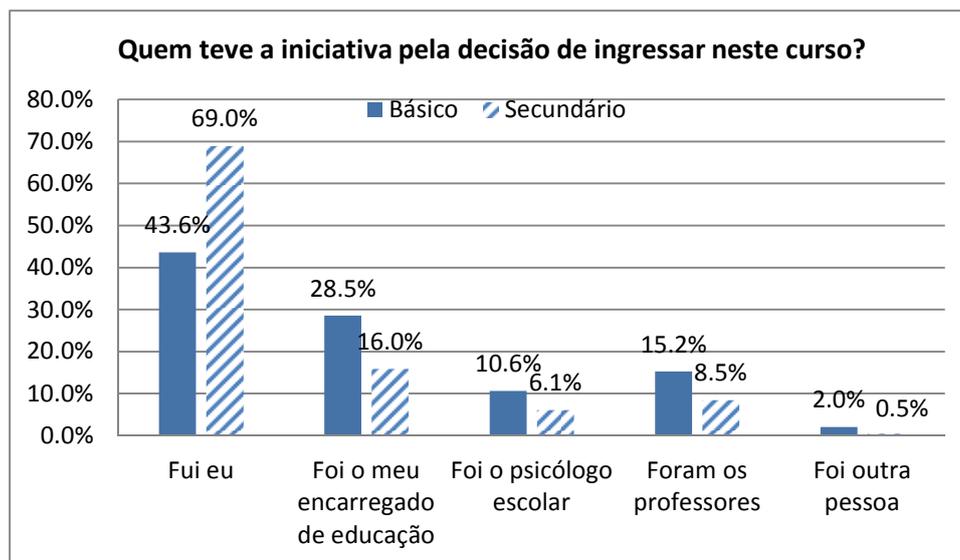


Figura 37: Inquéritos aos alunos - iniciativa da decisão de ingressar no curso

Inquiridos sobre as razões que estiveram na base das dificuldades dos alunos no seu percurso escolar anterior, destacam-se duas razões: “Ter dificuldade em perceber as matérias”, com um total global de 45,6% e “Não gostar de frequentar a escola”, com um total de 26,8% de respostas. Esta distribuição não se altera de forma significativa quando analisamos as respostas ao nível dos subgrupos básico/secundário.

Avaliadas as “outras razões”, com maior expressão entre os alunos dos cursos vocacionais secundários, são invocadas sobretudo dificuldades de natureza pessoal e individual, como o sejam “excesso de faltas”, “ser preguiçoso”, “mau relacionamento com os colegas”; “mau comportamento”; “não gostar do curso” e ainda, a “falta de motivação”.

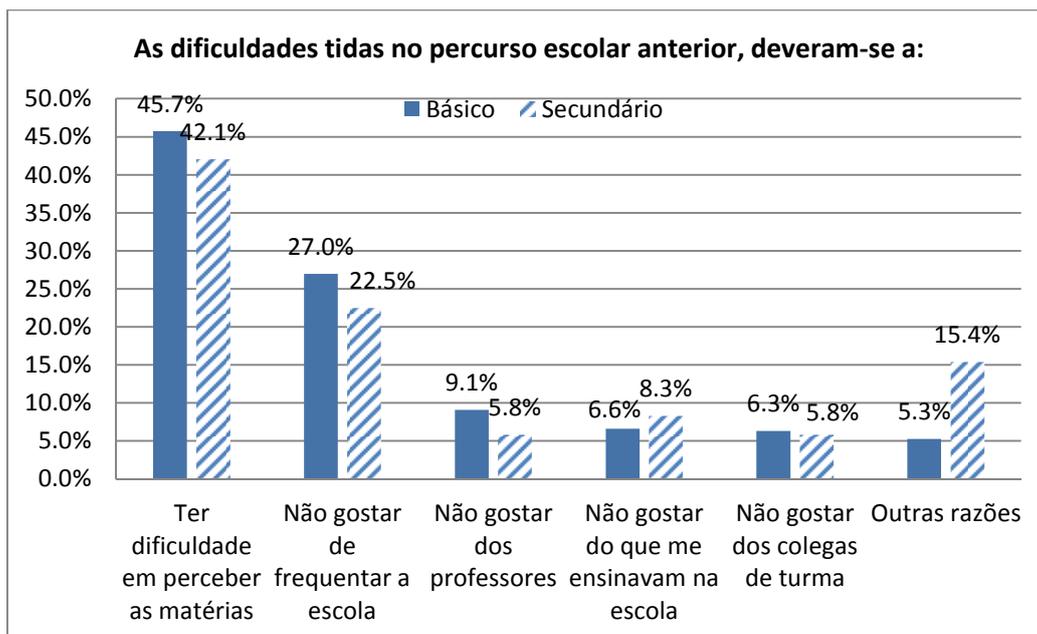


Figura 38: Inquéritos aos alunos - dificuldades no percurso escolar anterior

Sobre o que mais esperam aprender com estes cursos, enquanto os alunos dos cursos vocacionais básicos valorizam mais a aquisição de conhecimentos que lhes permitam não só conseguir uma profissão, mas também o prosseguimento de estudos, já os alunos dos cursos vocacionais secundários, certamente por se encontrarem mais próximos duma possível entrada no mercado de trabalho, atribuem mais importância à aquisição de conhecimentos “que sejam úteis para conseguir uma profissão”. Refira-se ainda assim a existência de alguns objetivos específicos e precisos, como o “fazer o 9º ano”, ou “poder ir para um curso profissional”.

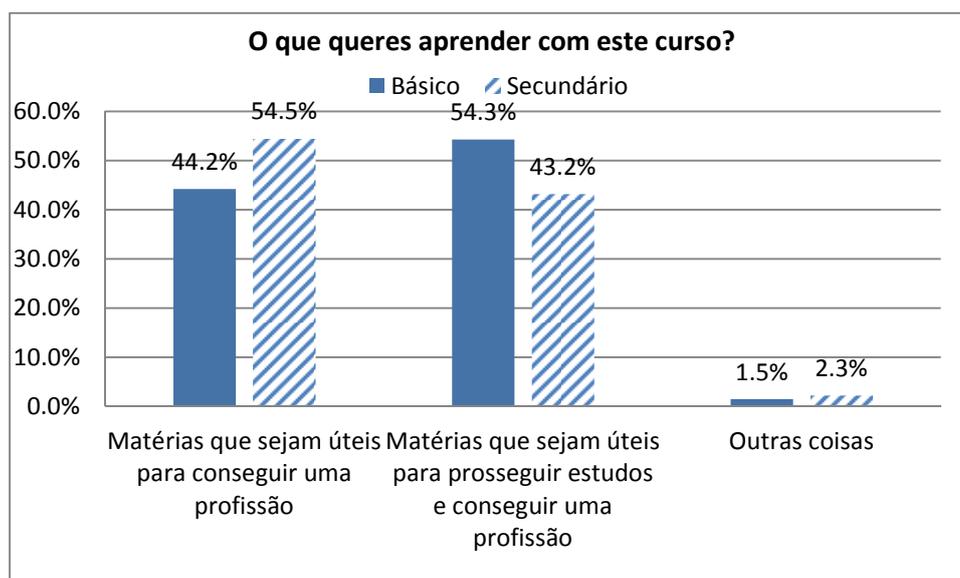


Figura 39: Inquéritos aos alunos – expectativas de aprendizagem com o curso

Inquirindo a **percepção dos professores** acerca do modo como se desenrolou o processo de seleção dos alunos, há 25% de respostas que dizem não saber como os alunos foram selecionados, e mesmo entre os coordenadores esta percentagem é de 13%.

Mesmo assim, mais de 50% das respostas assinala que a maioria ou todos os alunos foram escolhidos de acordo com o objetivo do curso, sendo que a visão dos coordenadores é mais favorável que a da generalidade dos professores.

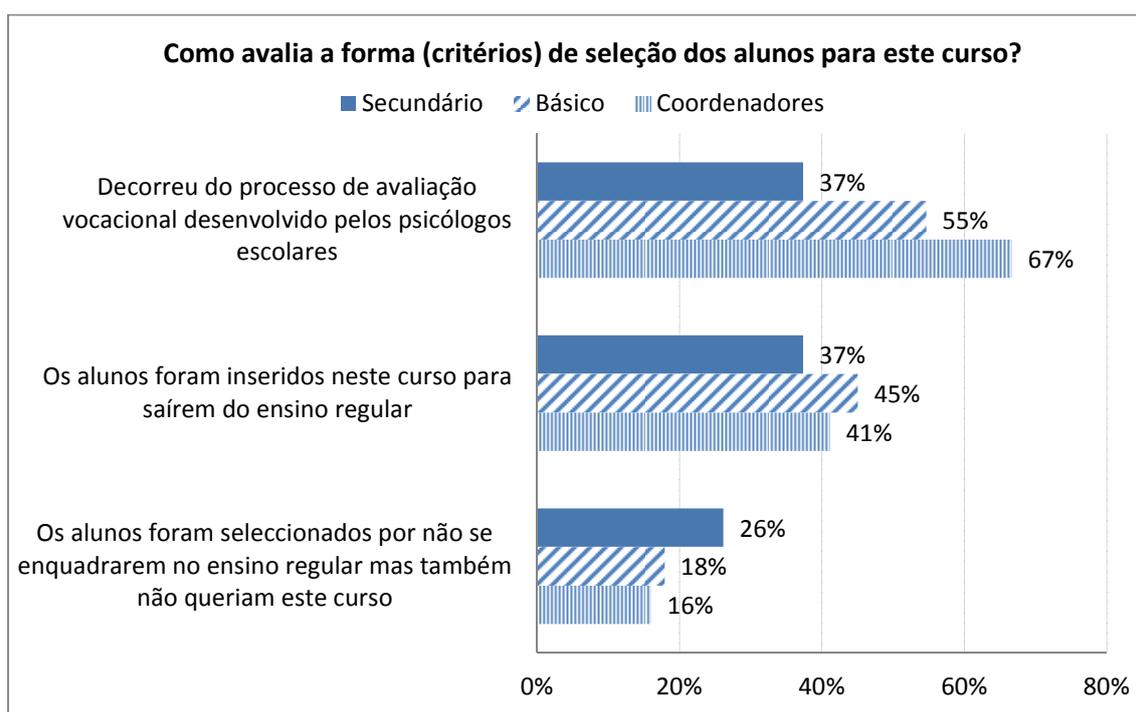


Figura 40: Inquéritos aos professores - forma e critérios de seleção dos alunos

Entre os professores do ensino secundário apenas 45% assinala as opções “*todos*” ou “*a maioria*” quando questionada sobre a percentagem de alunos escolhidos de acordo com os objetivos do curso. Nas visitas às escolas, e relativamente aos cursos do secundário, foi mencionado que nalguns casos, para atingir o número mínimo de alunos que permitia abrir o curso, foram integrados alunos que não teriam o perfil adequado. Não dispondo a comissão de dados que permitam avaliar se se trata de uma prática com expressão relevante, recomenda-se, ainda assim, que as escolas cumpram com o disposto no nº 2 do artigo 2º da Portaria nº 276/2013 de 23 de agosto, ou seja, que a seleção dos alunos seja efetivamente precedida de “*um processo de orientação vocacional, que fundamente ser esta via adequada às suas necessidades de formação e, simultaneamente, corresponda aos interesses vocacionais dos alunos*”.

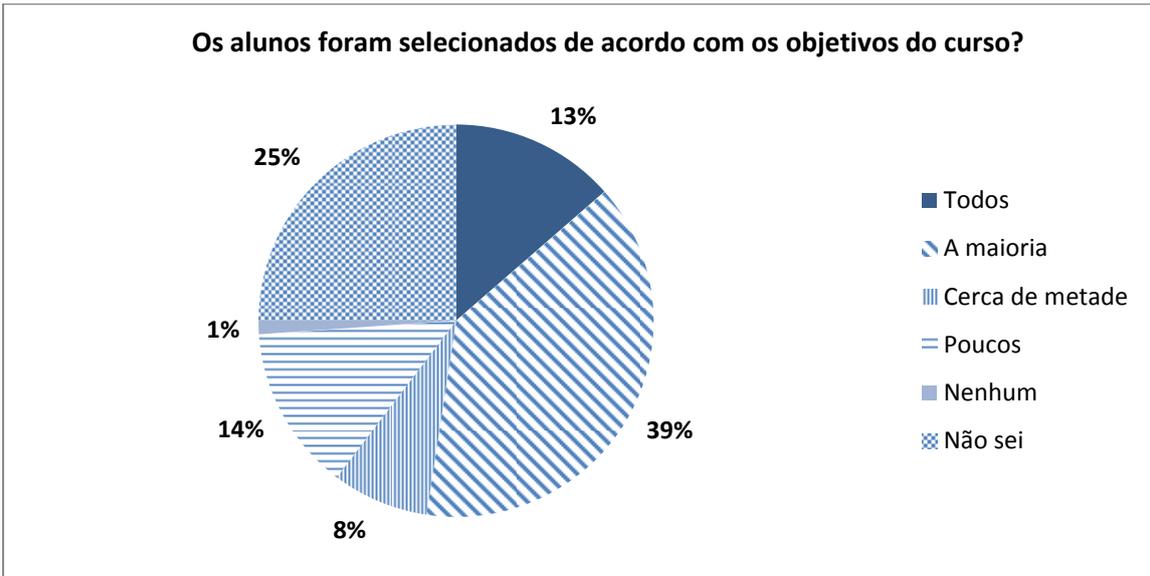


Figura 41: Inquéritos aos professores - seleção dos alunos de acordo com os objetivos

5.2.4 A seleção dos professores

No que diz respeito à forma como os professores foram afetos à lecionação destes cursos, pode afirmar-se que decorreu com naturalidade, no âmbito do processo de distribuição do serviço docente, notando-se ainda alguma preocupação em envolver docentes que tiveram, em anos anteriores, experiência na lecionação de cursos de natureza similar (CEF; PIEF, etc.).

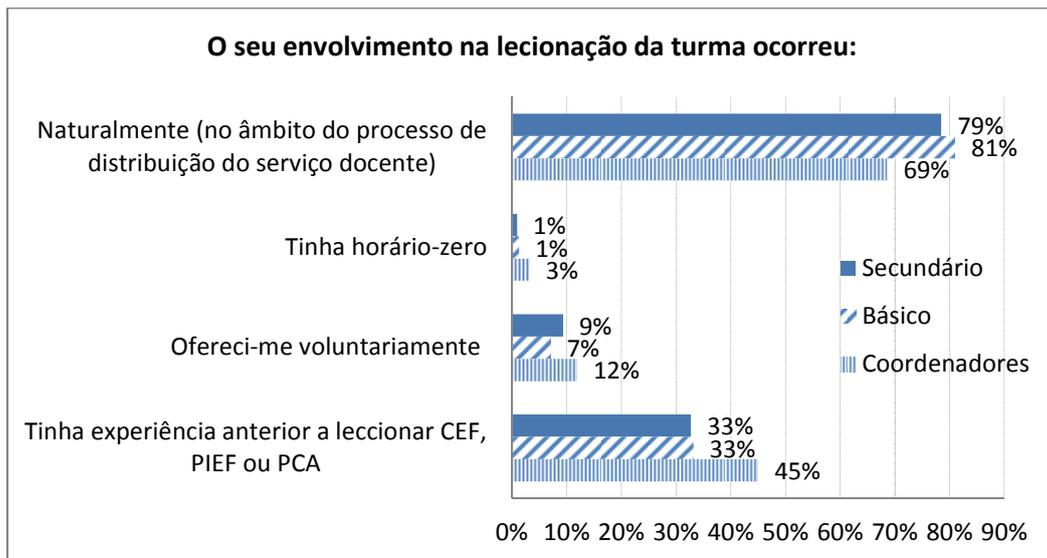


Figura 42: Inquérito aos professores - envolvimento na lecionação do curso

Relativamente à não detenção pelos professores de formação específica na área vocacional do curso, a percentagem é elevada (67% no básico, 53% no secundário) entre o conjunto de todos os professores. No entanto, para os professores das componentes geral e complementar esta formação não será necessária. Olhamos, por isso, especificamente para os professores da componente vocacional. No ensino básico registamos para este grupo uma percentagem de 22% sem formação específica na área vocacional do curso, o que não parece constituir aspeto de grande relevo, na medida em que, neste nível de ensino, o professor assume sobretudo um papel de motivador para a profissão. Todavia já a percentagem de professores da área vocacional dos cursos do secundário que afirma não ter formação específica na área vocacional do curso, 17%, pode ser motivo de reflexão.

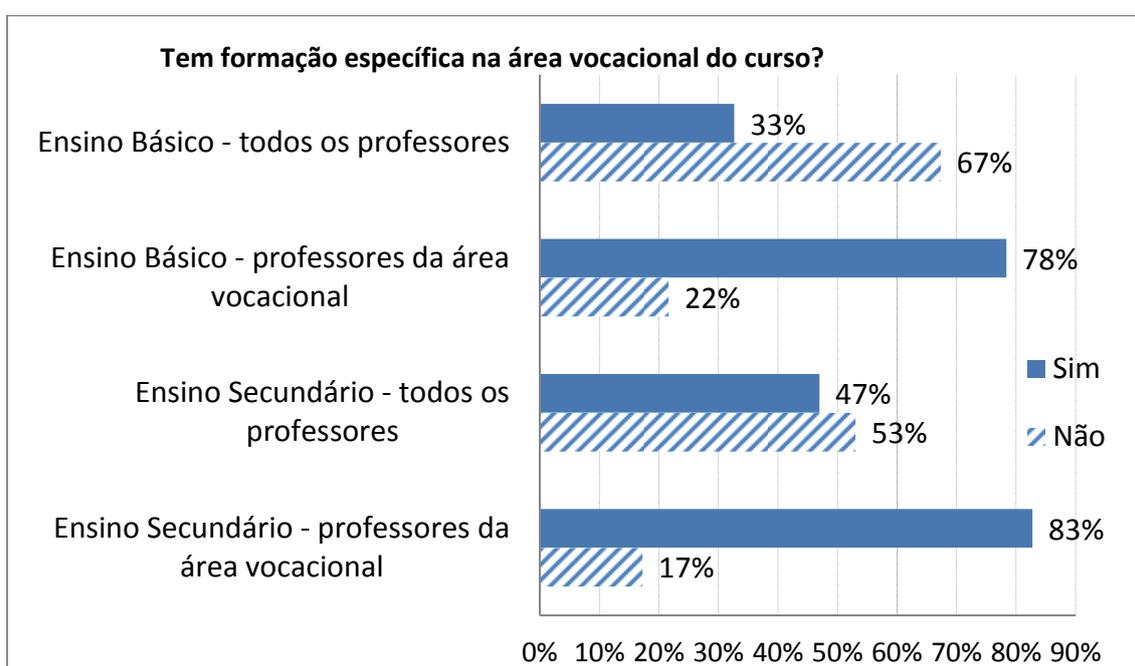


Figura 43: Inquérito aos professores - formação específica na área vocacional do curso

5.3 Funcionamento

5.3.1 A opinião das Direções das escolas

Inquiridos sobre vários aspetos relacionados com o funcionamento dos cursos, as direções das escolas parecem concordar em que, do lado dos alunos, a principal dificuldade residiu nos problemas de disciplina (68% de respostas “concordo” ou “concordo totalmente”), adquirindo ainda relevo a falta de motivação e a assiduidade dos mesmos.

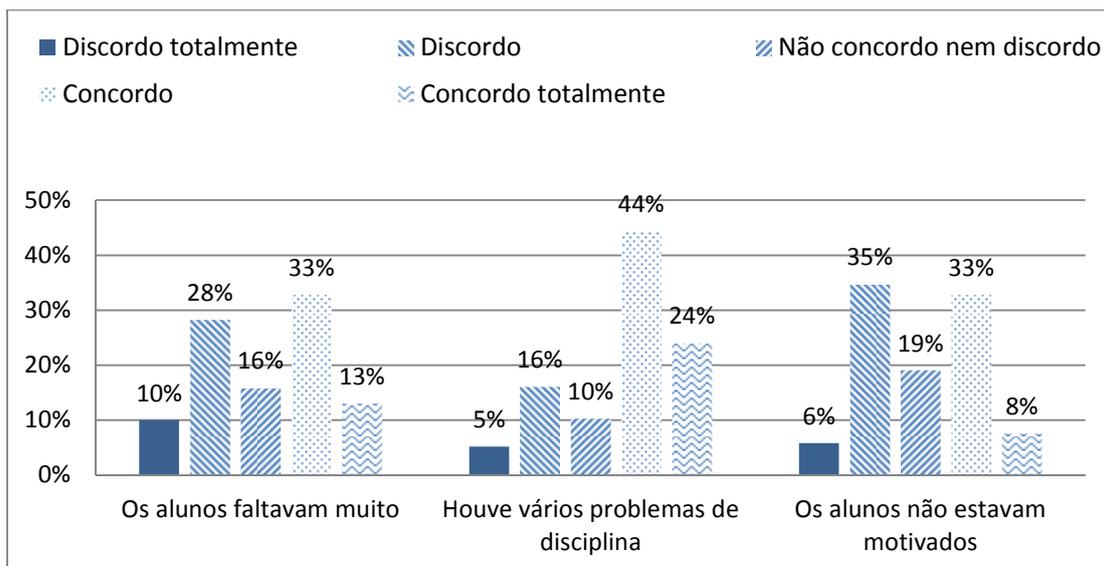


Figura 44: Inquéritos às Direções – dificuldades relacionadas com atitudes e comportamentos dos alunos

Por outro lado, adquire alguma expressão (na perspetiva das direções das escolas), o argumento da falta de preparação e motivação dos professores e sobretudo algumas dificuldades no funcionamento dos estágios, relacionados com as “dificuldades de transporte dos alunos para os locais de estágio”.

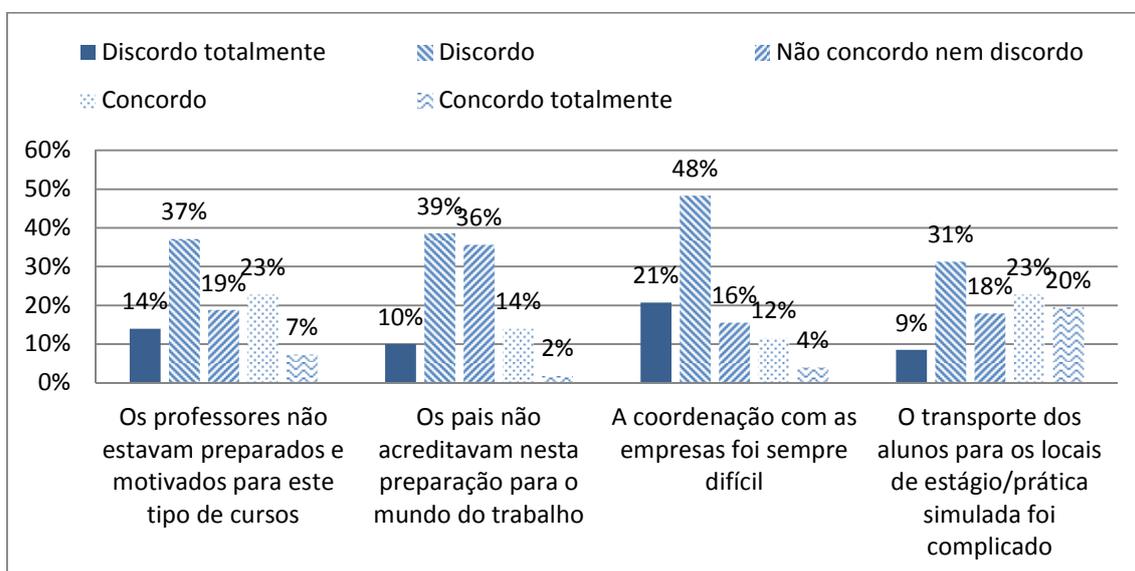


Figura 45: Inquéritos às Direções - outras dificuldades

5.3.2 A opinião dos professores

Numa perspetiva global, os professores são de opinião que os cursos vocacionais constituem uma resposta manifestamente adequada face aos alunos que os frequentam, sendo de apenas 16%, a percentagem de professores que consideram tratar-se de uma resposta inadequada. As respostas dos professores dos cursos vocacionais secundários são ainda assim ligeiramente mais favoráveis do que as dos cursos vocacionais básicos.

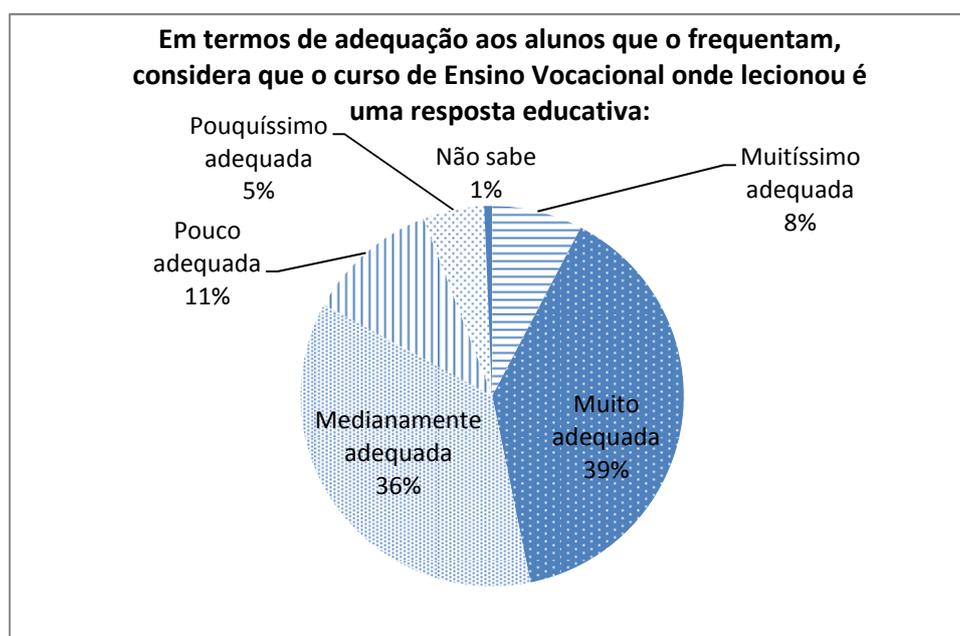


Figura 46: Inquéritos aos professores: adequação dos cursos vocacionais enquanto resposta educativa

Aprofundando os aspetos em que os cursos vocacionais são uma resposta adequada questionou-se a concordância com as seguintes questões (Figura 47):

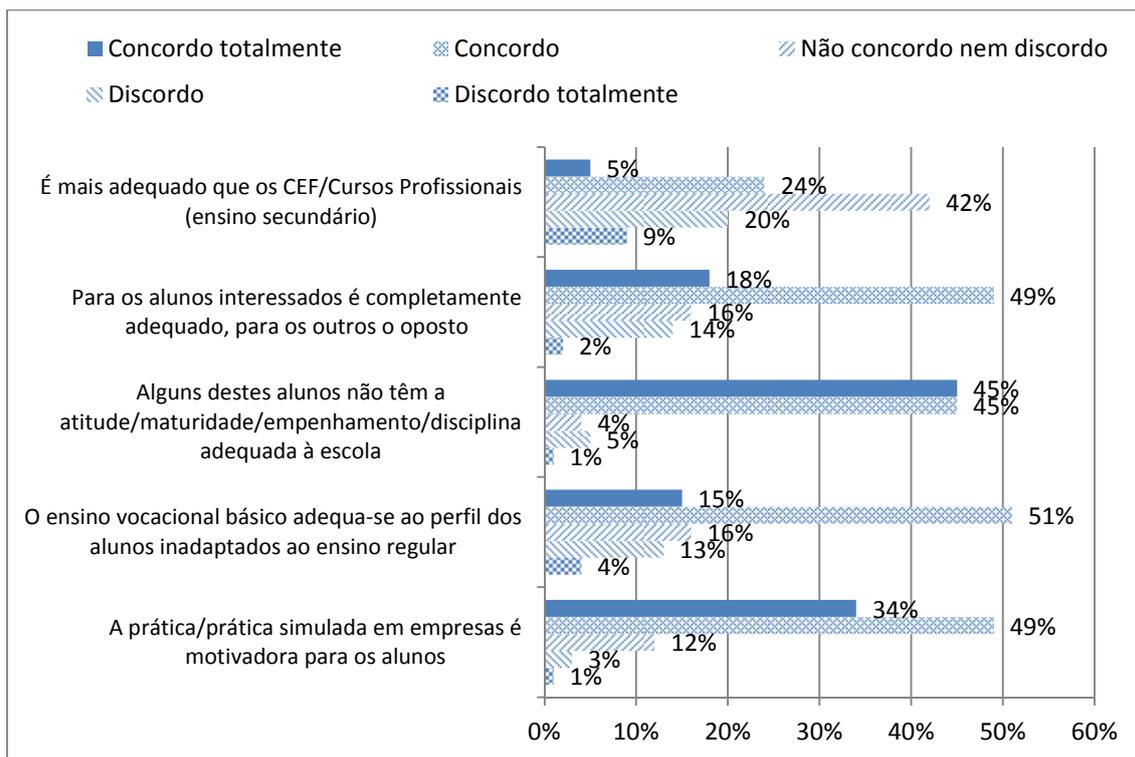


Figura 47: Inquéritos aos professores - adequação dos cursos vocacionais

Dos pontos focados acima, a única questão em que há alguma diferença quando olhamos apenas para as respostas dos professores do secundário é a última "O ensino vocacional é mais adequado que os CEF/Cursos Profissionais (ensino secundário)" onde a concordância é ligeiramente mais alta quando nos restringimos aos professores do secundário:

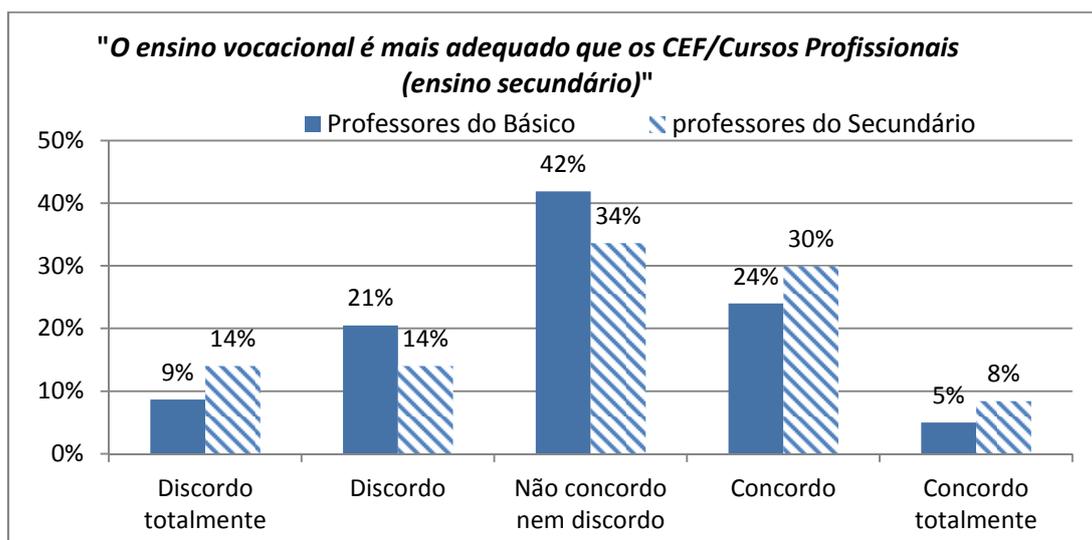


Figura 48: Inquéritos aos professores - adequação dos curso vocacionais vs CEF/cursos profissionais

Na perspetiva dos interesses e das necessidades dos alunos, os professores consideram que a matriz curricular é adequada, sendo, ainda assim de 22%, a percentagem de docentes que a matriz curricular não se revela adequada. A distribuição é idêntica no secundário e no básico.

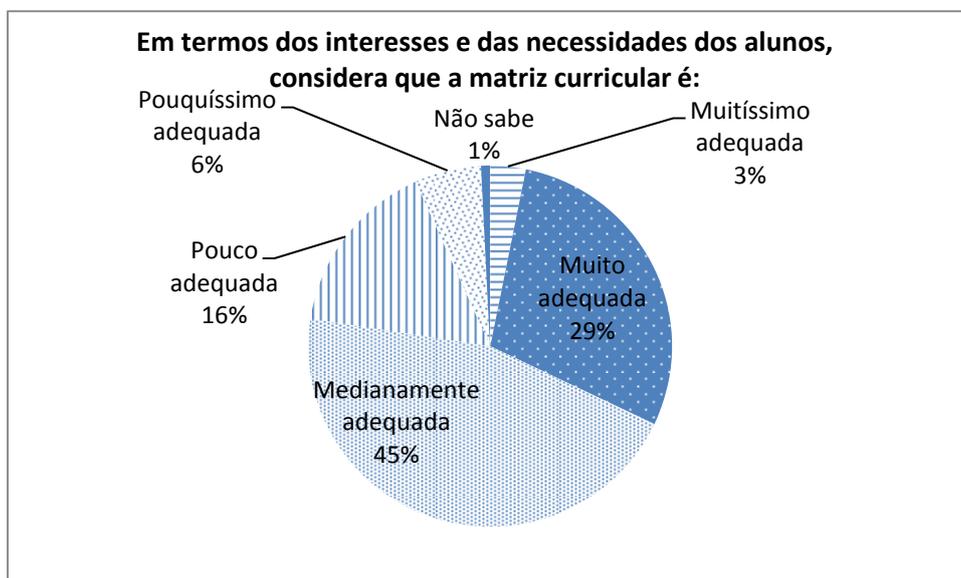


Figura 49: Inquéritos aos professores - adequação global da matriz curricular

De modo a analisar aspetos específicos da adequabilidade da matriz curricular pediu-se a avaliação dos professores em relação aos seguintes aspetos (Figura 50):

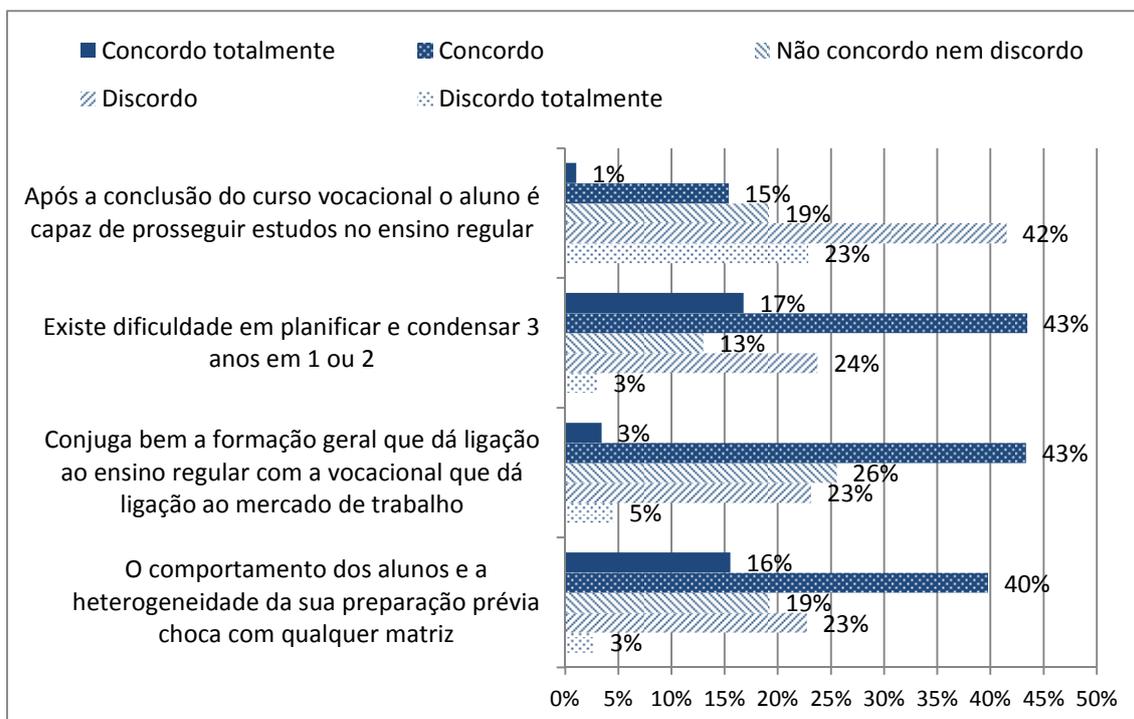


Figura 50: Inquéritos aos professores - aspetos específicos sobre a adequabilidade da matriz curricular

Mais uma vez, nos aspetos focados, não há praticamente diferenças nas respostas dos professores do secundário. No entanto, em relação à capacidade de prosseguir estudos no ensino básico, 65% dos professores que responderam aos inquéritos não estão de acordo com a ideia de que após o curso vocacional os alunos estejam capazes de prosseguir estudos, enquanto no grupo dos professores do secundário, essa percentagem é apenas 48%.

Procurando identificar os principais aspetos positivos dos cursos, os professores salientam o facto de estes cursos constituírem “*um novo rumo de formação para alunos sem saída no ensino regular (inclusão educativa)*”, com 71% das respostas (ao nível global), seguindo-se os aspetos relacionados com a vertente prática e a ligação às empresas (Figura 51).

Todavia quando olhamos só para respostas do secundário o ponto mais positivo é a “*adequabilidade da componente prática/prática simulada e a ligação escola-empresas*”.



Figura 51: Inquéritos aos professores - aspetos positivos dos cursos

Quanto aos aspetos negativos, a “indisciplina dos alunos” e a “falta de responsabilidade dos alunos e dos seus encarregados de educação” são claramente os aspetos mais salientados (Figura 52).

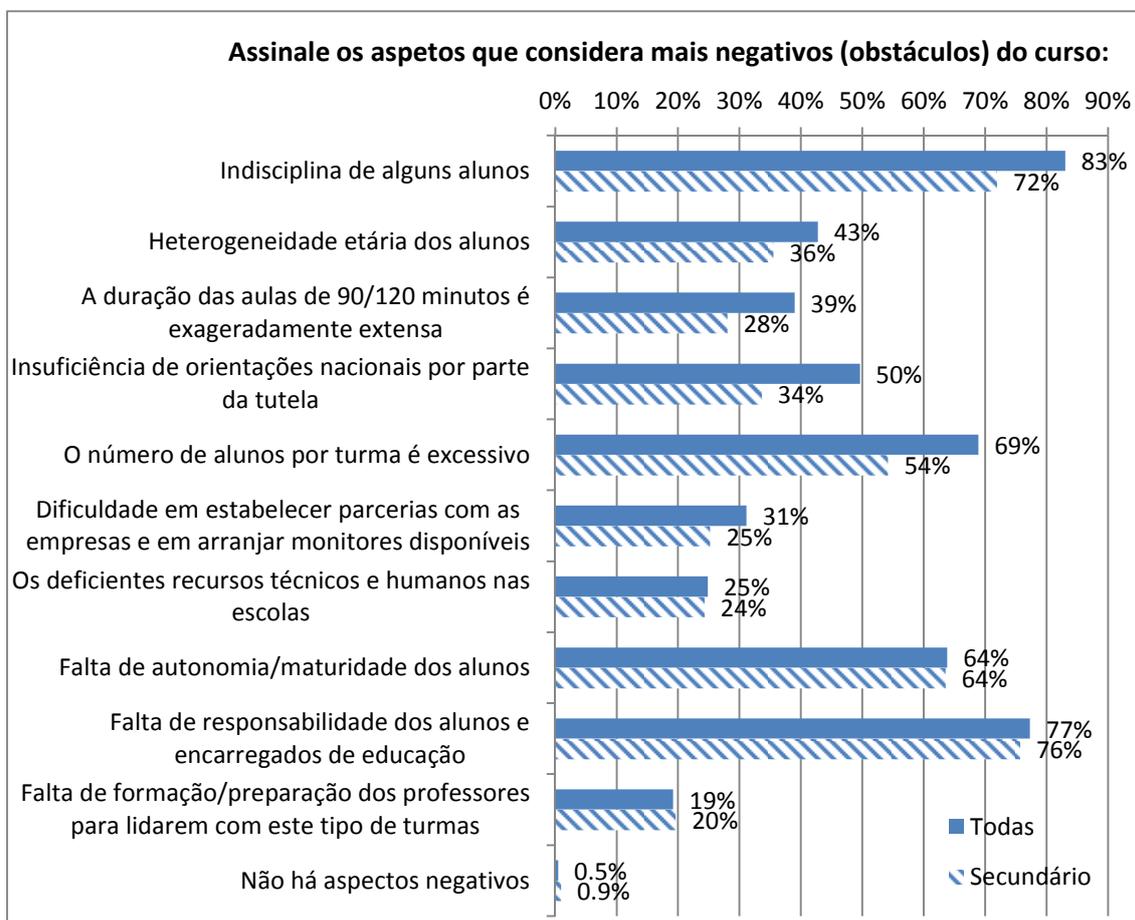


Figura 52: Inquéritos aos professores - aspetos negativos dos cursos

Quanto à matriz curricular a maioria dos professores prefere manter a carga horária total assim como a de cada componente. No entanto, há uma diferença clara entre as componentes geral e complementar, e a componente vocacional.

Nas componentes geral e complementar, 38% das respostas indicam uma preferência para **reduzir** a carga horária. Na componente vocacional e também na prática simulada ou estágio, mais de 30% das respostas indicam uma preferência por **umentar** a carga horária (Figura 53).

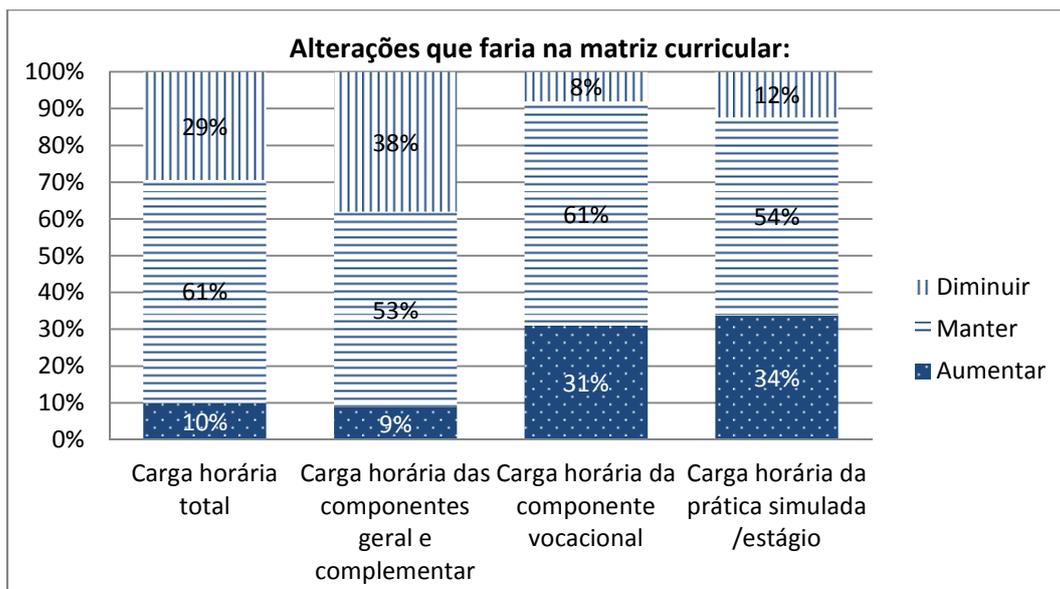


Figura 53: Inquéritos aos professores - alterações das cargas horárias das matrizes curriculares

Em termos de medidas sugeridas para melhorar os cursos vocacionais, as respostas dos professores concentram-se sobretudo na “*redução do número de aluno por turma*”, bem como num maior “*envolvimento e responsabilização dos encarregados de educação*”.

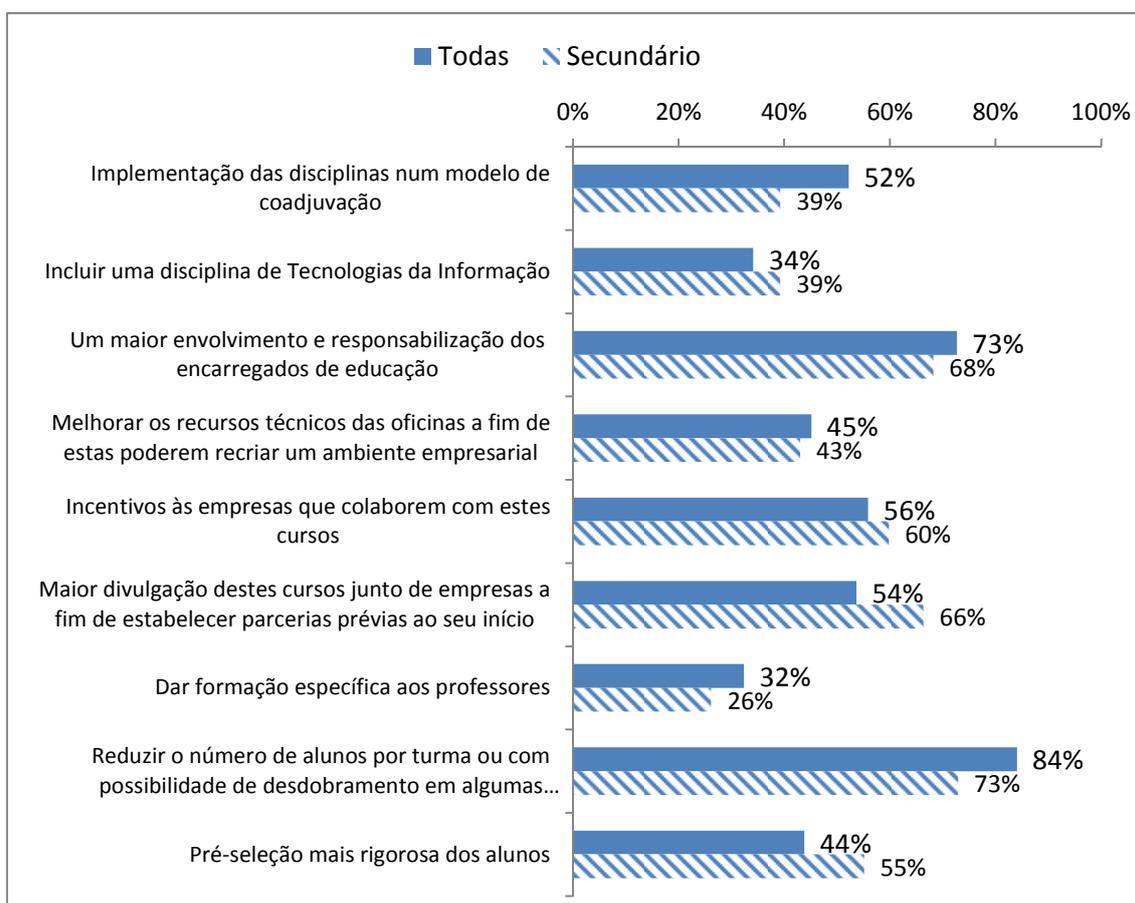


Figura 54: Inquéritos aos professores - sugestões para melhorar os cursos vocacionais

Em relação ao desenvolvimento de uma estratégia para envolvimento das famílias dos alunos mais de metade das respostas respondem que “*pensam desenvolver ou já estão a desenvolver*” estratégias com este objetivo. Quando se consideram todas as respostas, 39% respondem que não sabem, e esta percentagem é idêntica para os professores do básico e do secundário. No entanto, quando se restringe a análise às respostas dos coordenadores, a percentagem de “*não sei*”, cai para cerca de 20%, aumentando os “*Sim*” para 69% nos cursos do ensino básico, e os “*Não*” para 25% nos cursos do secundário.

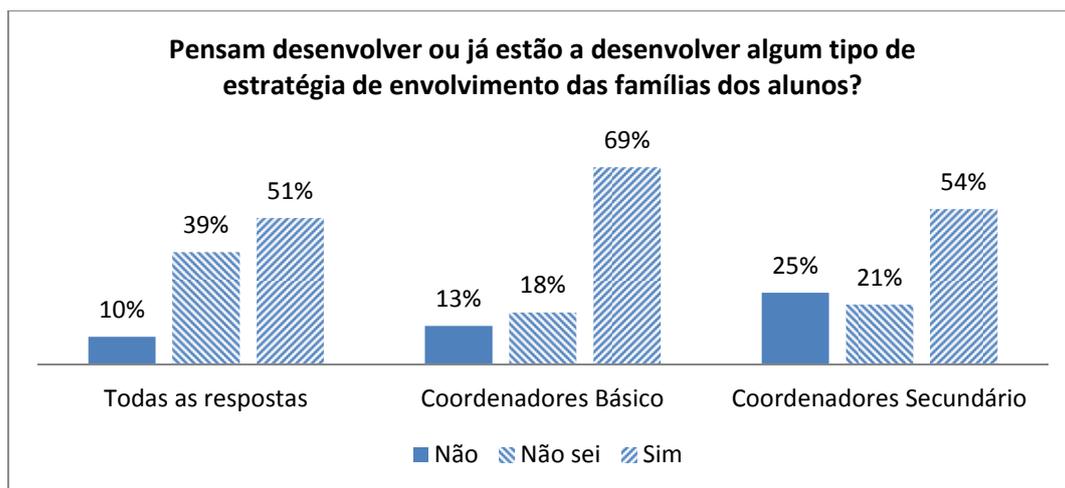


Figura 55: Inquéritos aos professores - estratégias de envolvimento das famílias

Relativamente aos materiais auxiliares de ensino próprios para os cursos vocacionais, há uma enorme maioria de professores a afirmar que têm sido criados estes materiais, quer no ensino básico quer no ensino secundário.

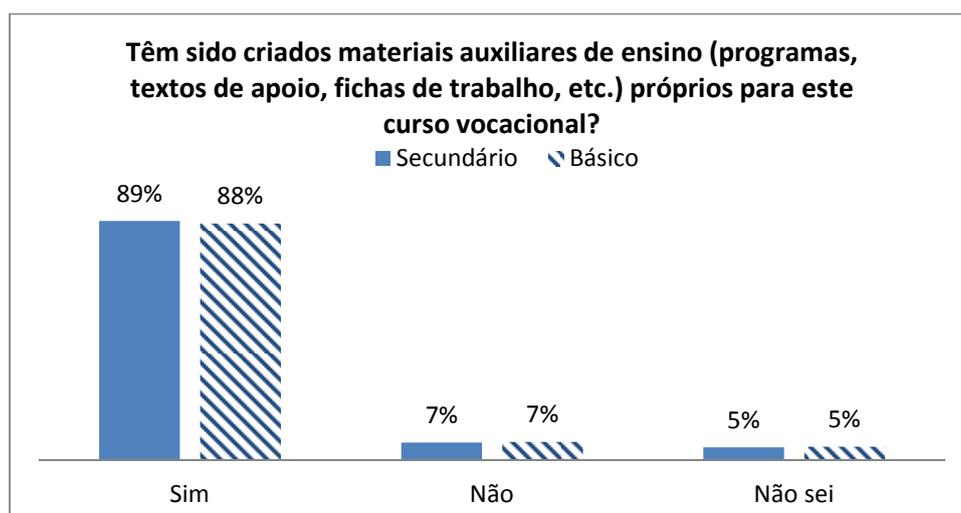


Figura 56: Inquéritos aos professores - criação de materiais auxiliares

Em relação à existência de dificuldades na criação destes materiais as opiniões dividem-se. No entanto há mais respostas no sentido da existência destas dificuldades no ensino básico (57%) do que no ensino secundário (48%).

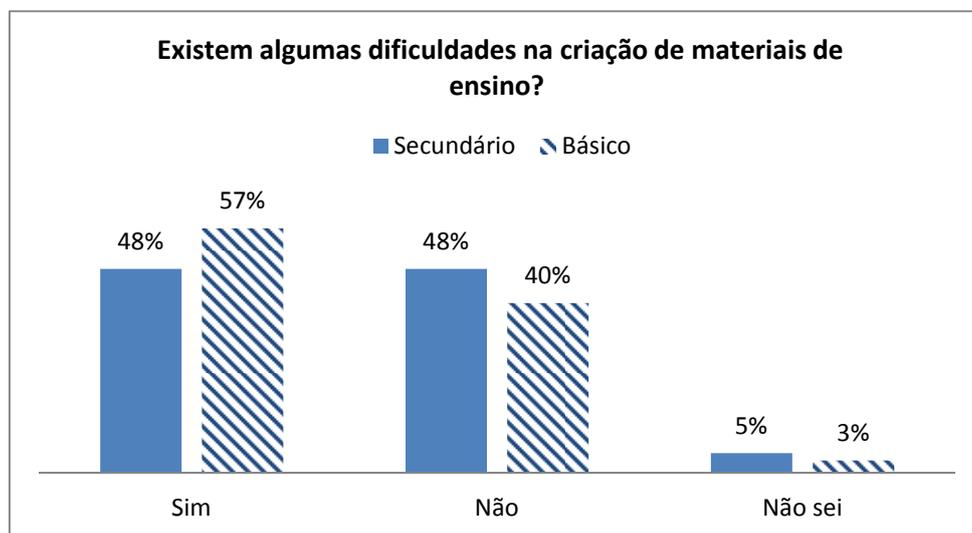


Figura 57: Inquéritos aos professores - dificuldades na criação de materiais de ensino

Quanto à identificação das principais dificuldades na criação de materiais, no ensino básico a “*falta de orientações a nível nacional*” é invocada pelos professores como a dificuldade mais sentida, sendo indicada por 60% dos professores que responderam aos inquéritos. No ensino secundário, esta é uma dificuldade menos relevante. Nos dois níveis de ensino a “*falta de tempo dos professores*” é uma dificuldade importante.

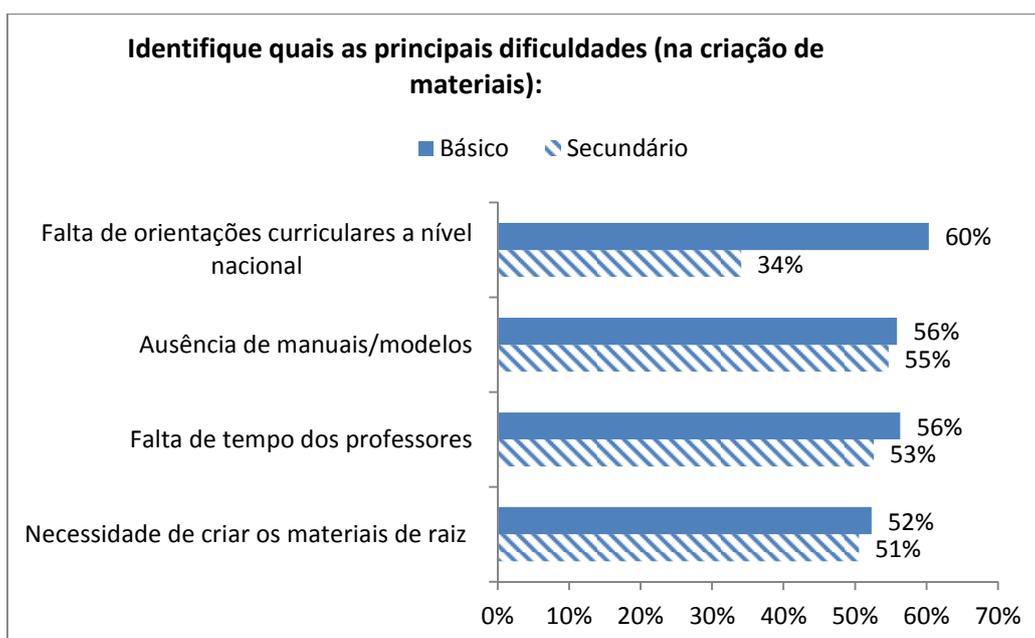


Figura 58: Inquéritos aos professores - principais dificuldades na criação de materiais de ensino

Entre as outras razões apresentadas, a “heterogeneidade” na formação prévia dos alunos, também aparece. Uma dificuldade evocada por vários professores, é a falta de interesse dos alunos por qualquer tipo de material de apoio.

No que diz respeito ao processo de avaliação dos alunos, constata-se que cerca de 95% das respostas respondem que o curso tem sido avaliado em reuniões do Conselho de Turma. As fichas de trabalho e testes escritos assim como a realização de trabalhos práticos são indicados em cerca de 80% das respostas. Os contactos informais com outros professores ou responsáveis têm uma taxa de resposta mais baixa mas, ainda assim, próxima de 60%. Quando olhamos apenas para as respostas do secundário, as diferenças são muito pequenas (Figura 59).

Quando olhamos separadamente para as respostas de professores das áreas geral ou complementar e para as respostas de professores da área vocacional as diferenças também são pequenas, embora se note que os professores das áreas geral ou complementar respondem um pouco mais que utilizam fichas de trabalho e testes escritos (86% versus 78%) e os professores da área vocacional respondem um pouco mais que utilizam trabalhos práticos (84% versus 78%). A conclusão mais relevante parece ser que a enorme maioria dos professores utiliza todos estes meios para avaliar os alunos.

Vários professores mencionam também reuniões ou contactos informais com os tutores ou outros responsáveis das empresas, com a psicóloga escolar e com a direção da escola.

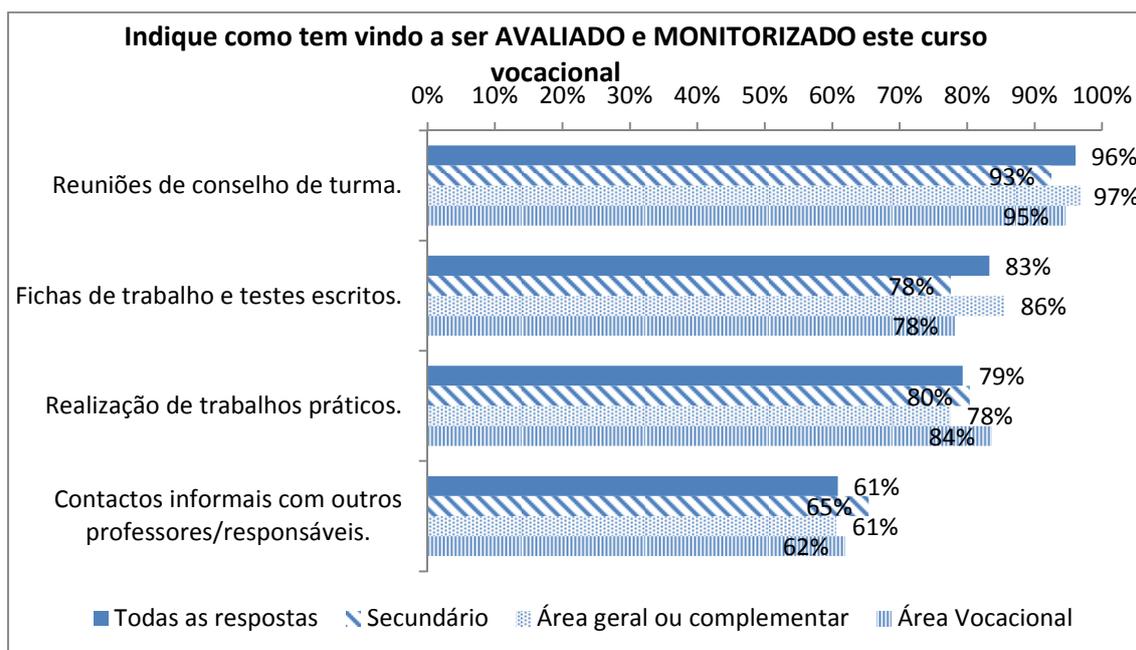


Figura 59: Inquéritos aos professores - avaliação e monitorização do ensino

Em relação à avaliação semanal, os instrumentos mais usados são as “*grelhas de observação direta*”, com 71% dos professores a indicarem utilizar este instrumento (64% dos professores do secundário). As “*fichas de trabalho e mini-testes*” são utilizados por cerca de metade dos professores que responderam aos inquéritos. Apenas cerca de 10% assinala a existência de “*reuniões semanais do conselho de turma*”. Nas visitas às escolas, foi mencionada a coordenação entre professores através de email, e este meio de coordenação é também mencionado em algumas respostas. Outros professores referem reuniões quinzenais ou mensais.

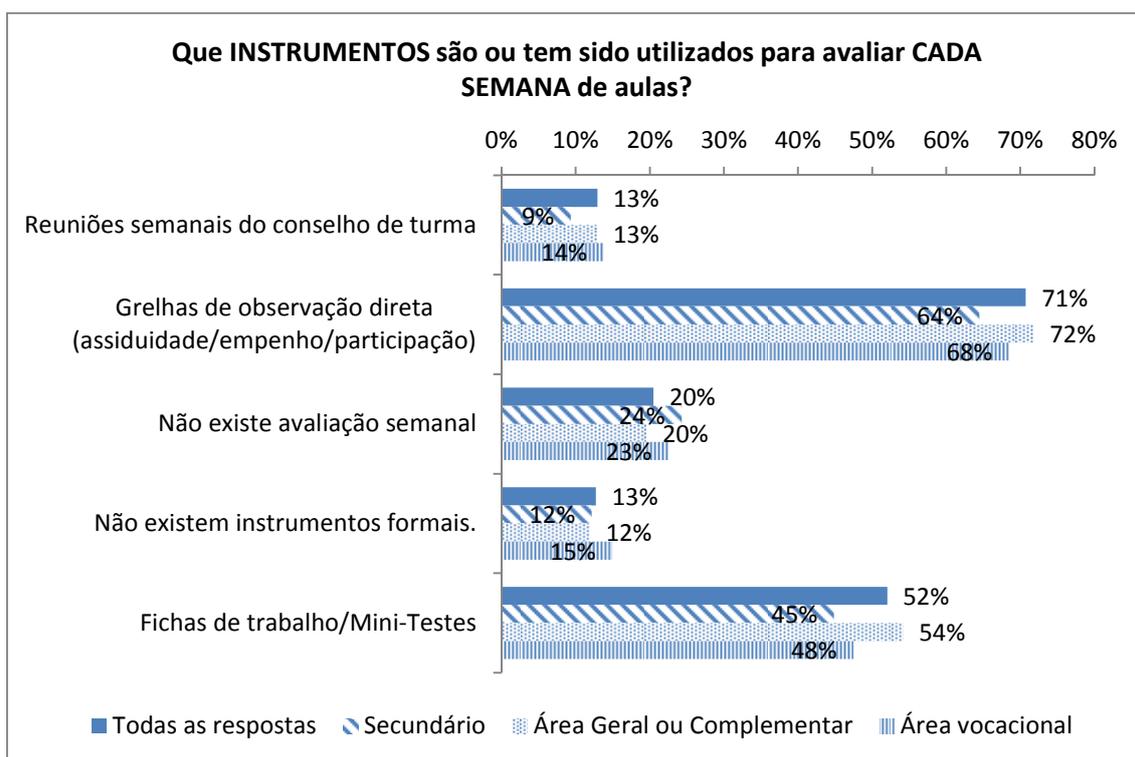


Figura 60: Inquéritos aos professores - instrumentos de avaliação semanal utilizados

No que diz respeito à coordenação entre as várias áreas, pode afirmar-se que em geral a coordenação entre as várias áreas parece ter corrido bem ou pelo menos de forma regular. Há alguns casos (7%), em que correu mal. Embora os coordenadores tenham uma visão mais positiva, como talvez fosse expectável, sobre a forma como a coordenação decorreu, a diferença entre as respostas dos coordenadores e a dos restantes professores não é grande.

Não há quase diferença entre as respostas dos professores do básico e do secundário. No entanto, no secundário, não há nenhuma resposta que diga que a coordenação correu muito mal. No básico essa foi a resposta em 2% dos casos.

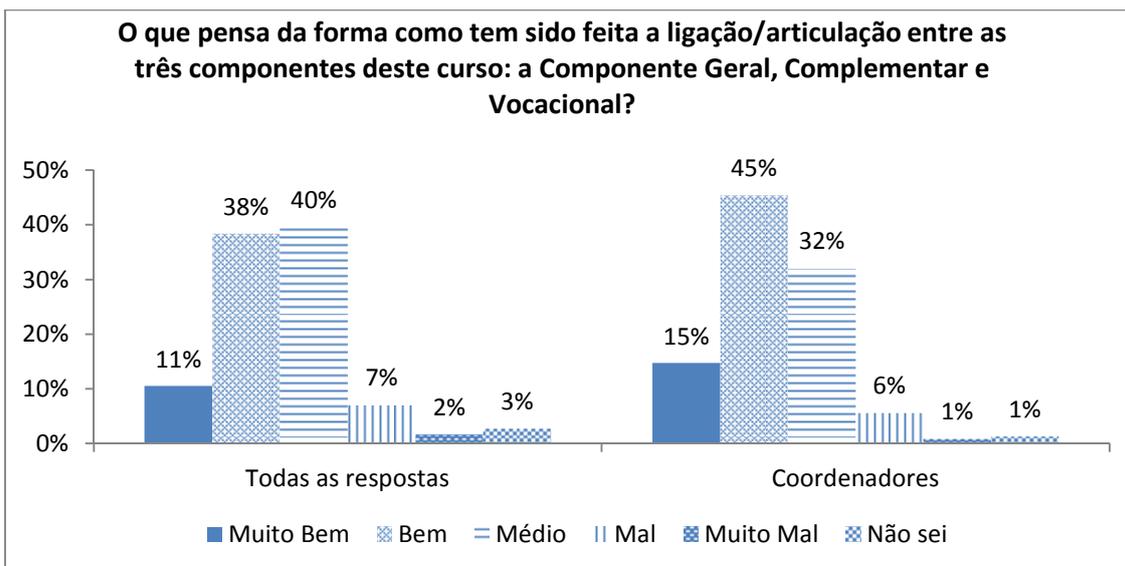


Figura 61: Inquéritos aos professores - articulação entre as componentes dos cursos

Em termos do funcionamento de cada uma das componentes, não se registando problemas de maior, parece contudo que o funcionamento da componente vocacional dos cursos terá decorrido de forma mais positiva que as restantes componentes, não se registando diferenças de relevo entre os cursos vocacionais básicos e secundários.

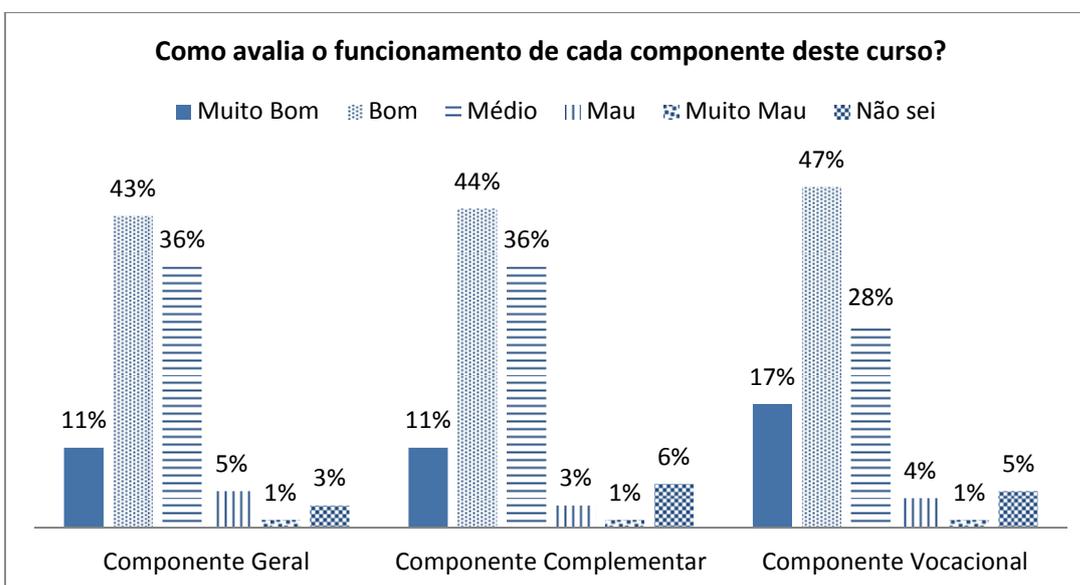


Figura 62: Inquéritos aos professores - funcionamento das componentes dos cursos

Quanto à existência de obstáculos à articulação entre as várias áreas, as respostas dividem-se de forma bastante equitativa, entre o "Sim" e o "Não" (Figura 63). Os coordenadores respondem que não existem obstáculos em metade dos casos, enquanto os restantes professores só o fazem em 42% dos casos. Comparando as respostas dos professores do

secundário e os do básico, estes últimos parecem sentir em mais casos obstáculos à articulação.

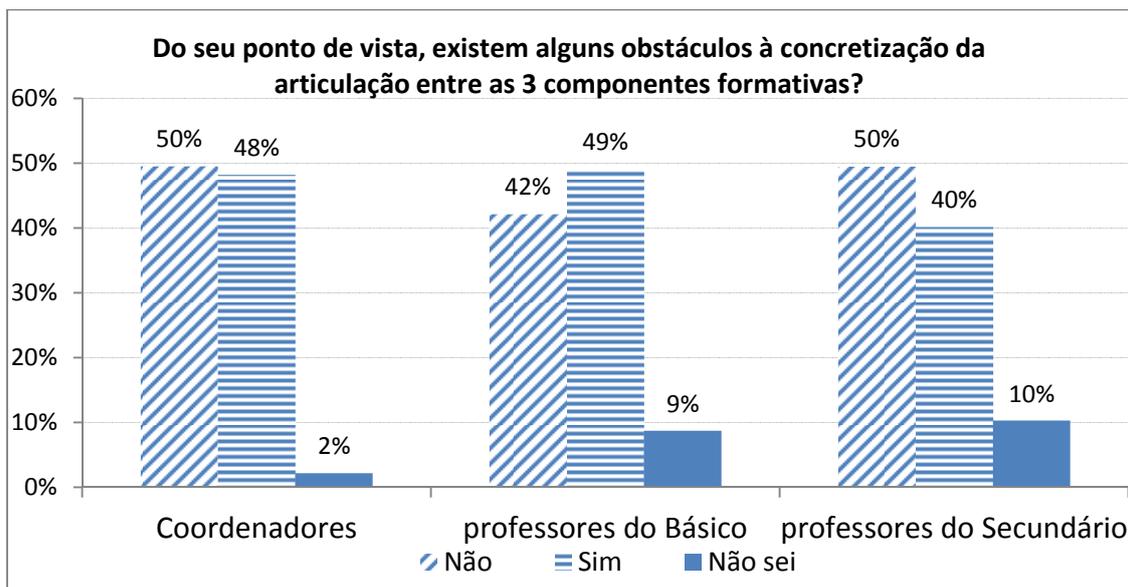


Figura 63: Inquéritos aos professores - existência de obstáculos na articulação entre as componentes dos cursos

Entre os professores que sentem a existência de obstáculos à articulação, o obstáculo mais relevante parece ser a falta de motivação e “*empenho dos alunos*”. A “*falta de tempo dos professores*” é o segundo motivo mais mencionado, havendo alguns professores que mencionam que seria útil estar previsto tempo no seu horário para reuniões semanais de coordenação (Figura 64).

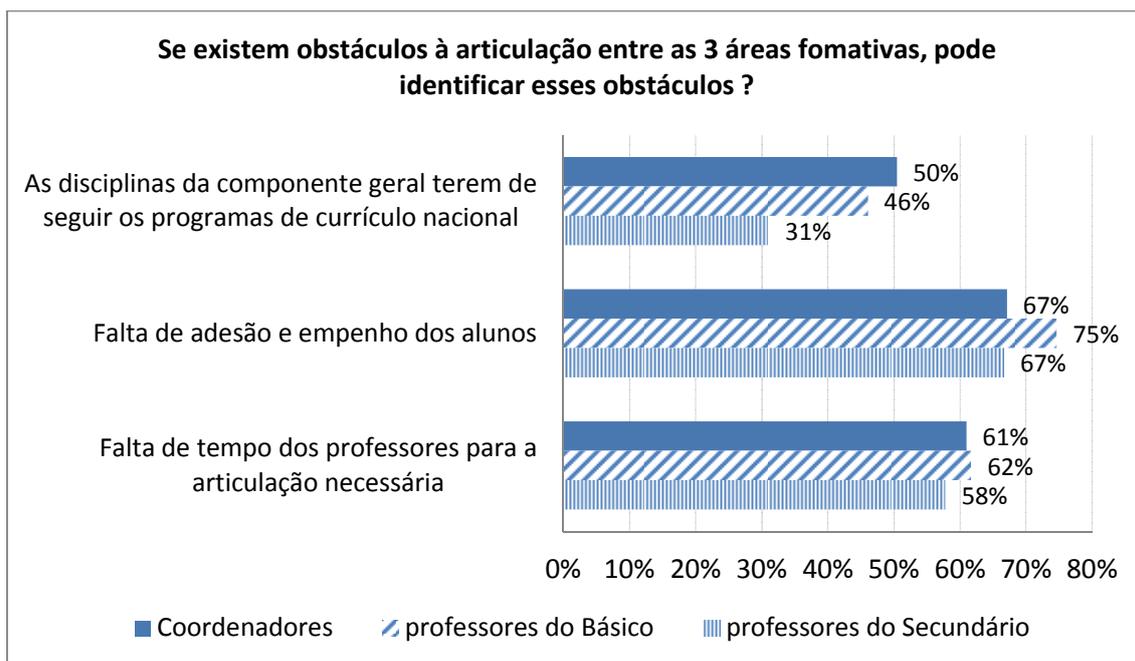


Figura 64: Inquéritos aos professores - identificação dos obstáculos na articulação das componentes dos cursos

Ao analisar a articulação com as empresas é importante ter em conta que a responsabilidade por esta articulação cabe ao coordenador do curso. Mesmo assim, pareceu-nos interessante perguntar a todos os professores se tinham visitado as empresas em que os alunos do respectivo curso tinham a componente prática do mesmo. As respostas são apresentadas na Figura 65. Que 15% dos coordenadores refiram não ter efetuado qualquer visita às empresas parece apontar para a existência de algumas falhas ao nível da articulação com as empresas (os números são semelhantes se analisarmos separadamente os cursos do ensino básico e do ensino secundário). A percentagem de professores da componente vocacional que referem não ter efetuado qualquer visita, 25%, também nos parece elevada. Não obstante a reduzida dimensão da amostra e não ter sido possível identificar o número de casos em que a componente prática já teve início, este indício é confirmado quando, de entre os professores da área vocacional, cerca de 17% dos professores (13%, considerados apenas os professores dos cursos do ensino secundário) afirmam ter conhecido os tutores da empresa, mas não ter havido qualquer trabalho conjunto. Sendo de esperar uma boa coordenação entre a atividade nas empresas e as aulas das áreas vocacionais, especialmente ao nível dos cursos do secundário, é necessário colocar uma especial atenção sobre a forma e frequência da ligação da escola e dos professores, com as empresas. Não sendo possível fazer generalizações, ainda assim, foram sentidas, nas visitas realizadas, algumas dificuldades, nomeadamente ao nível da falta de tempo dos coordenadores, assim como dificuldades de transportes e financeiras, que podem ter condicionado esta articulação.

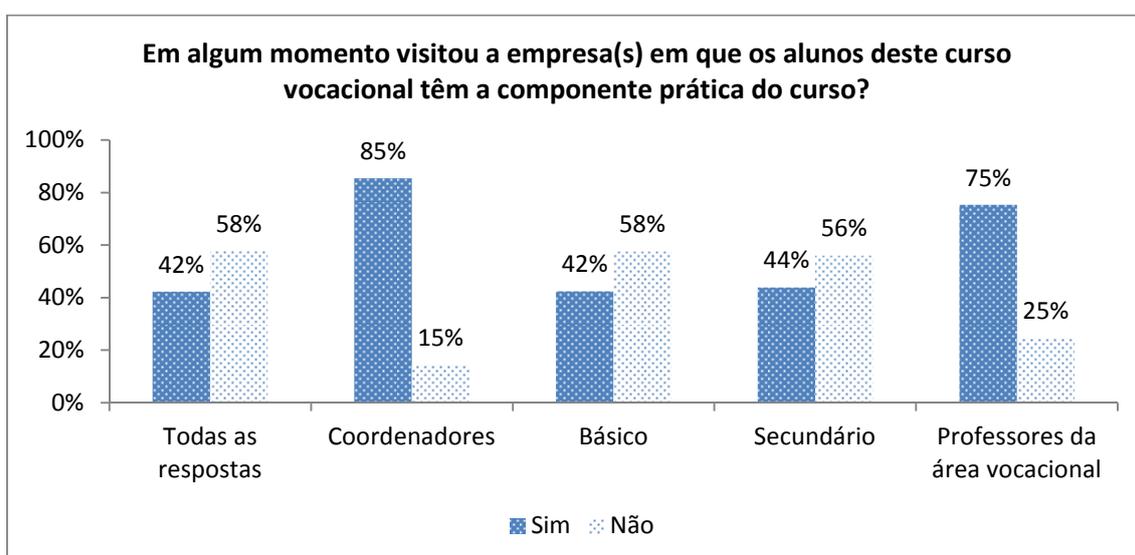


Figura 65: Inquéritos aos professores - participação nas visitas às empresas

Em coerência com a pergunta anterior, são similares os resultados quando se questionam os professores se tiveram algum contacto com os monitores das empresas (Figura 66).

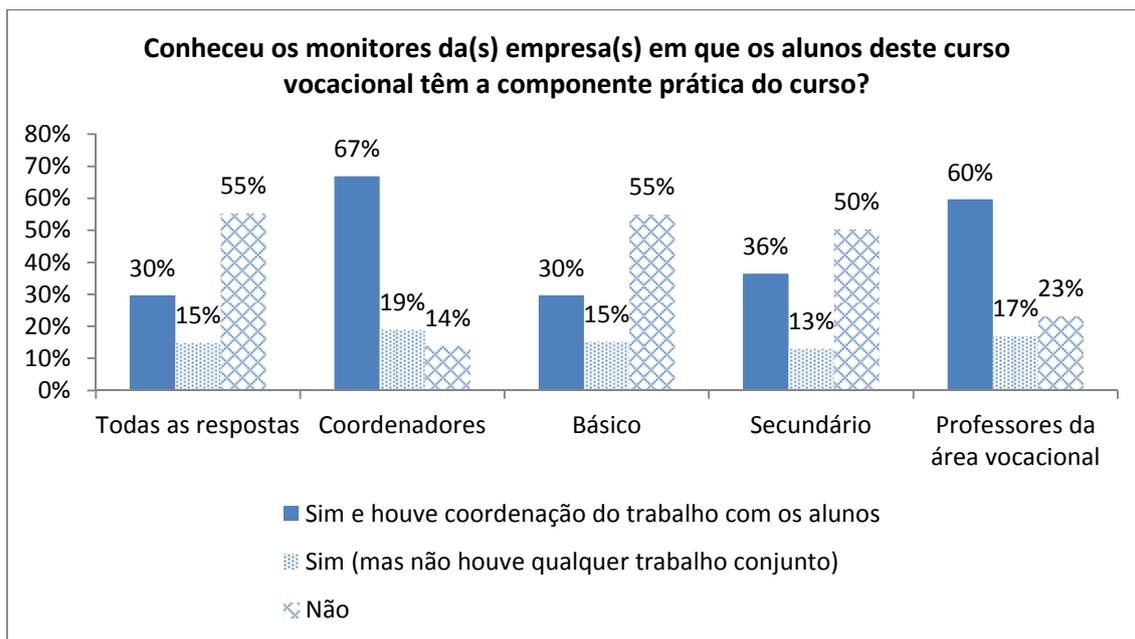


Figura 66: Inquéritos aos professores - conhecimento dos monitores das empresas

Quanto aos **recursos humanos** que seria necessário reforçar, aqueles que são assinalados por mais professores, são o “*psicólogo*” (55%) e o “*assistente social*” (45%). No entanto, os professores do ensino secundário, só em 27% dos casos, assinalam a necessidade de assistente social. Também estes professores dizem, em 31% dos casos, que há recursos humanos suficientes, enquanto no básico isso só acontece em 20% dos casos.

Nalguns comentários os professores mencionam que seriam necessários mediadores, o que vem também no sentido dos recursos humanos de que os professores sentem mais falta serem aqueles que possam responder a um grupo de alunos com muitas necessidades a vários níveis, que não se resumem a dificuldades nas aprendizagens.

O reforço dos professores da área vocacional é também assinalado em cerca de 40% dos casos.

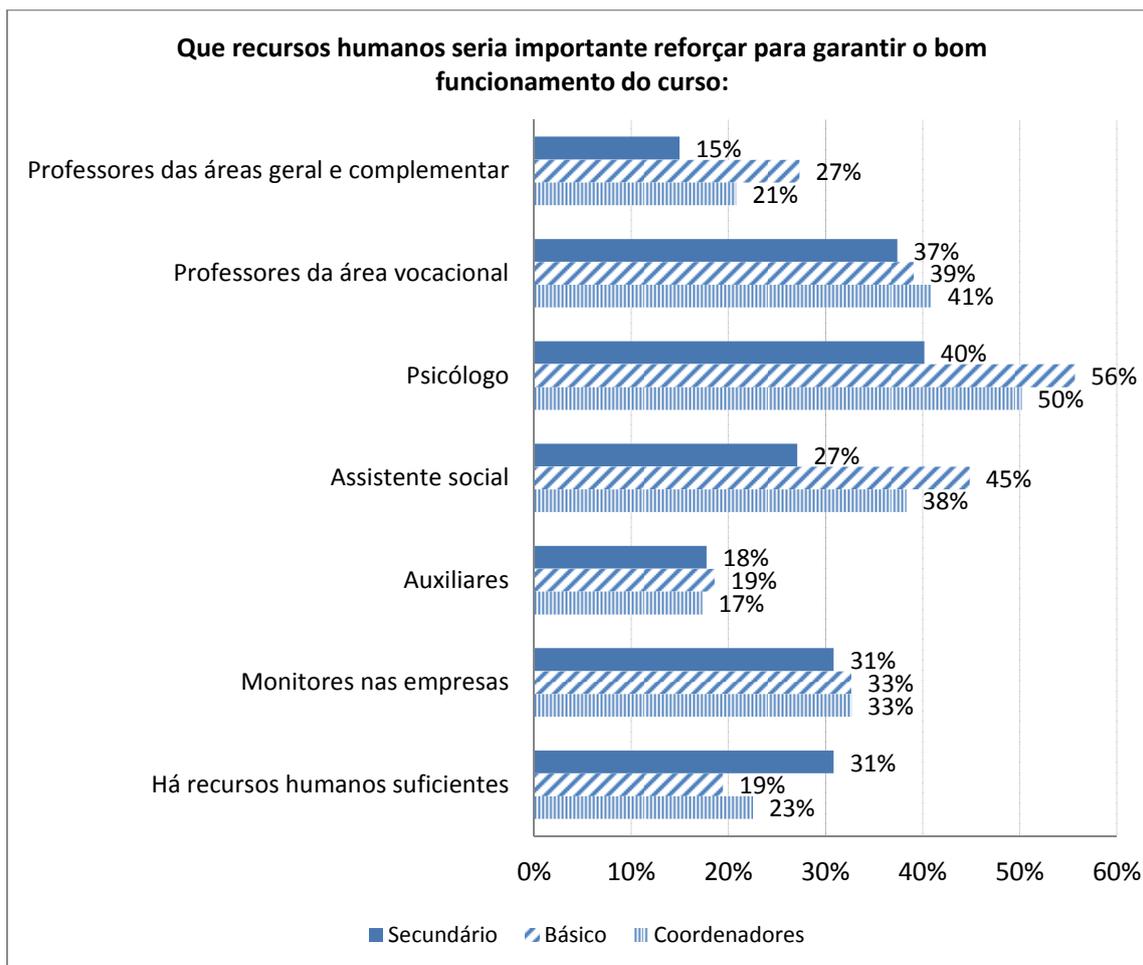


Figura 67: Inquéritos aos professores - recursos humanos para garantir o bom funcionamento dos cursos

Os professores em geral parecem sentir que faltam mais **recursos materiais** que recursos humanos. Apenas 12% da totalidade dos professores diz haver recursos materiais suficientes (nos professores do ensino secundário a percentagem é 22%). Os recursos materiais que seria mais importante reforçar são os “*manuais adaptados*” e as “*oficinas*” (Figura 68). Nos comentários vários professores falam na necessidade de financiamento para atividades e para materiais específicos das áreas vocacionais.

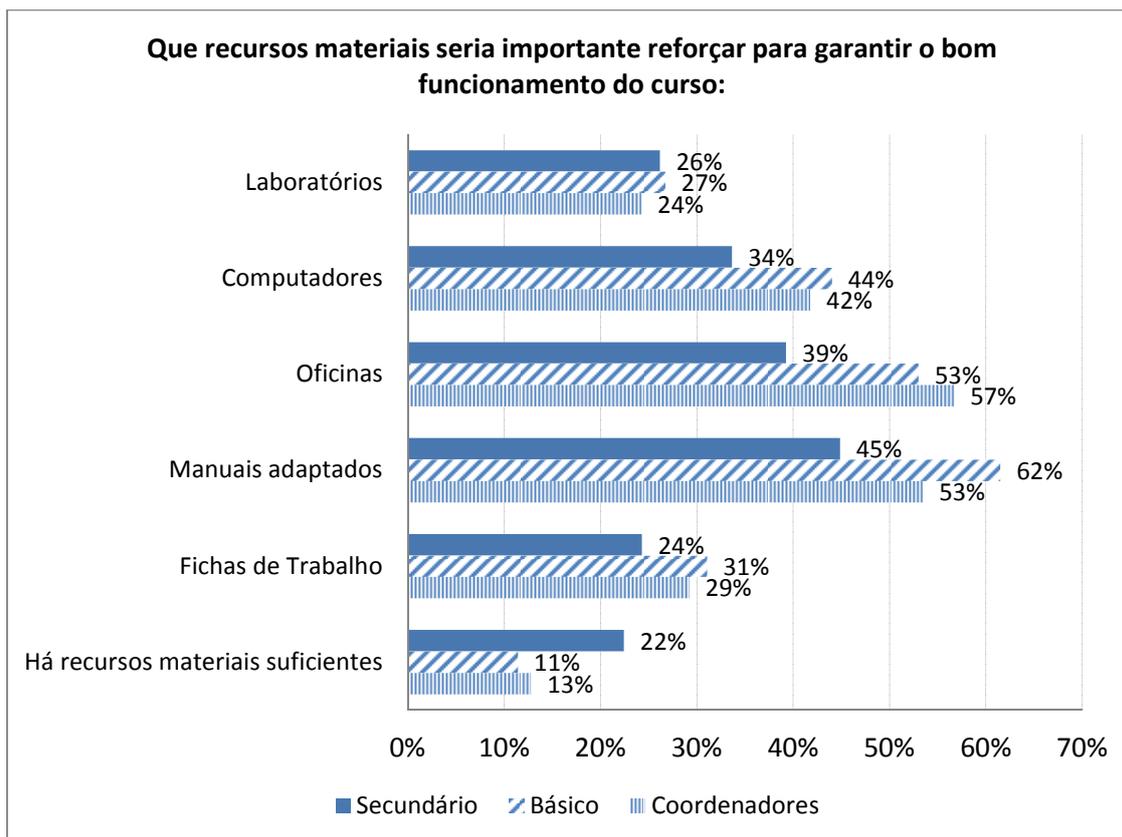


Figura 68: Inquéritos aos professores - recursos materiais para garantir o bom funcionamento dos cursos

Questionados especificamente os coordenadores de curso, pode concluir-se que estes dedicaram a maior tempo do seu tempo às atividades globais de acompanhamento do curso e também às tarefas relacionadas com a ligação às empresas. Estas atividades em particular, foram, como seria de esperar, objeto de maior atenção entre os coordenadores dos cursos do ensino secundário, já que nos cursos do ensino básico as atividades de prática simulada têm uma duração reduzida.

Há ainda cerca de 8% das respostas que mencionam questões ligadas com o “*contacto com encarregados de educação*”, as “*famílias dos alunos*” e a “*ligação entre a escola e a família*”, aspetos que não apareciam explicitamente no inquérito.

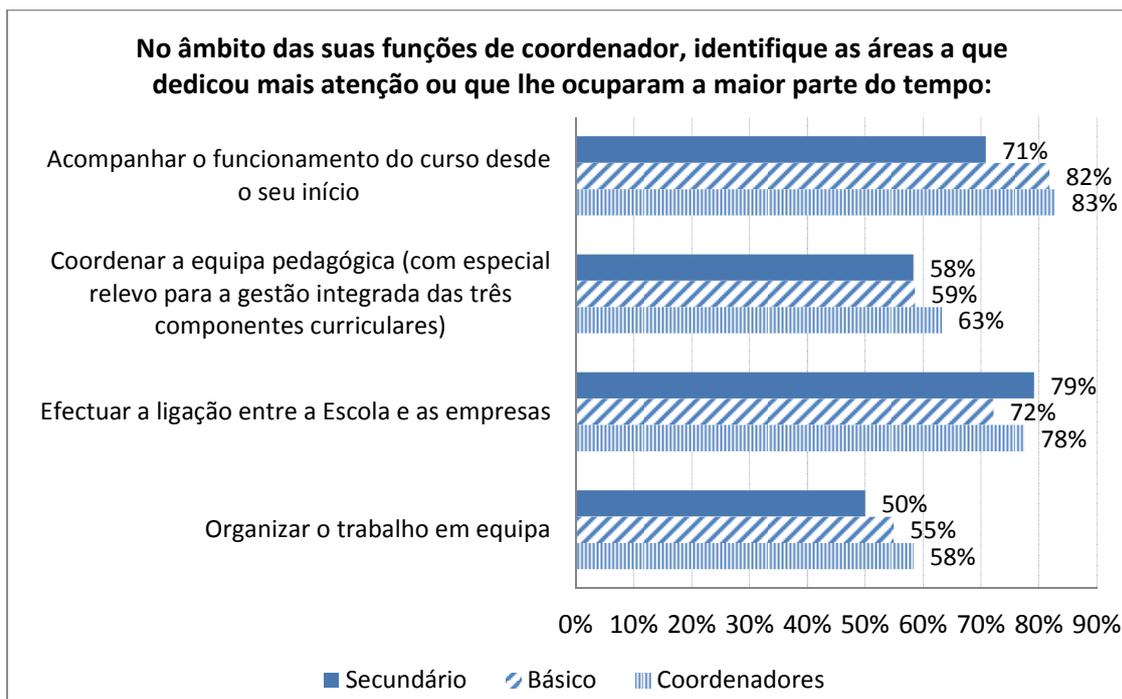


Figura 69: Inquérito aos Professores - funções dos coordenadores de curso

5.3.3 A opinião dos alunos

Procurando avaliar e perceber alguns aspetos relacionados com as expectativas e o funcionamento dos cursos frequentados, pediu-se que os alunos classificassem o curso frequentado quanto ao seu grau de dificuldade *“tendo em conta o que já sabias antes do início do curso”*. As respostas dos alunos evidenciam que estes reconhecem que os cursos vocacionais têm um grau de dificuldade mediano (61,6%) e cerca de 31% consideram-no mesmo *“Fácil”* ou *“Muito Fácil”*. Em termos de subgrupos, destaca-se o facto de que a percentagem de alunos que consideram o curso *“Difícil”* sobe dos 5,9% entre os alunos do Básico, para 10,2% entre os alunos dos cursos secundários.

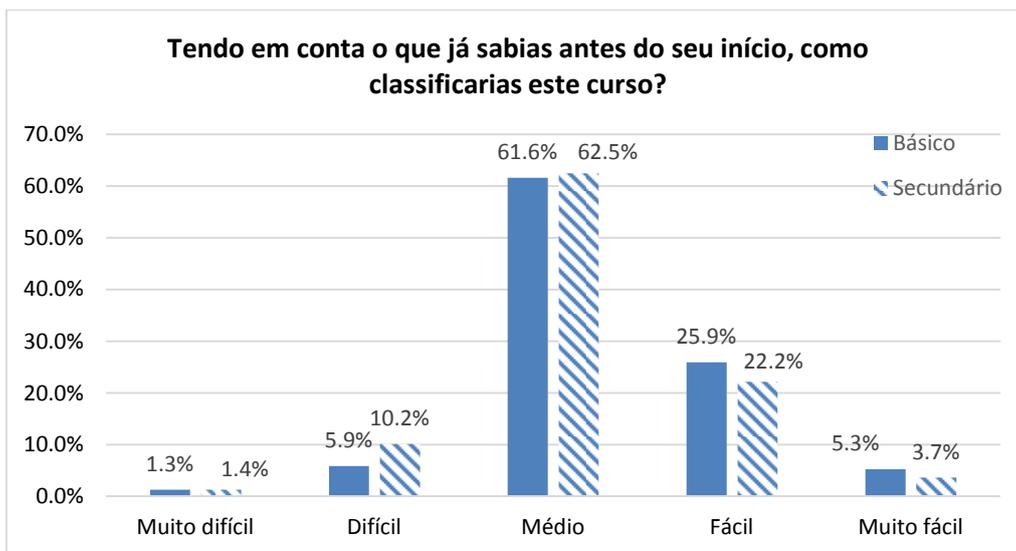


Figura 70: Inquérito aos alunos - opinião global sobre a dificuldade do curso

Procurando identificar os efeitos positivos percebidos pelos alunos, quando instados a selecionarem um conjunto de afirmações com as quais concordassem, os inquiridos voltam a valorizar o contributo destes cursos na perspetiva do emprego, ajudando-os a “encontrar uma profissão” (29,9%), valorizando o “contacto com as empresas” (17,2%), a sua “dimensão prática forte” (14,9%) e a “ligação ao mundo real” (13%).

Uma nota para a perceção, por parte dos alunos dos cursos vocacionais básicos de que este curso é bom, “porque é mais fácil” (18,8%), algo que é pouco expressivo, na opinião dos alunos dos cursos secundários.

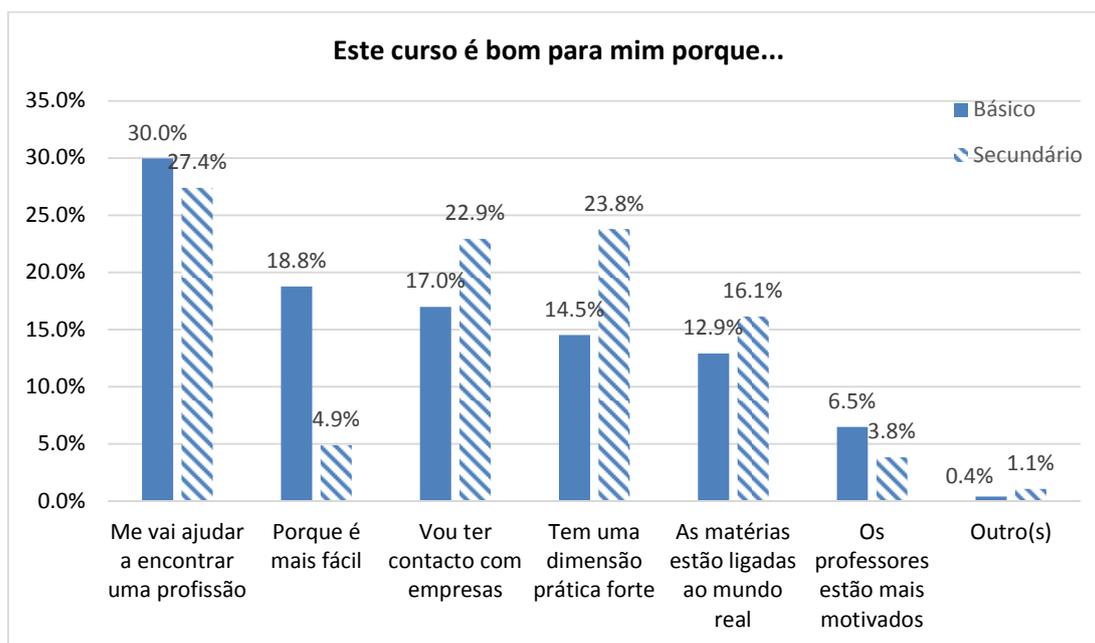


Figura 71: Inquérito aos alunos - benefícios pessoais do curso

Questionados sobre qual das afirmações anteriores lhes parecia a mais importante, reforça-se a conclusão do gráfico anterior, porquanto se destaca a afirmação “Este curso é bom para mim porque me vai ajudar a encontrar uma profissão”, com 44,6% dos alunos a elegerem-na como a mais importante, bastante distante da afirmação com o segundo maior número de respostas, “Este curso é bom para mim porque vou ter contacto com empresas”, que obteve 17,9% das preferências.

Seguidamente, procurou-se identificar, na perspetiva dos alunos, quais são os aspetos que eles consideram mais negativos neste curso (Figura 72). Quer globalmente, quer individualmente, os dois aspetos negativos mais focados, que em conjunto representam 58,2% das respostas, dizem respeito aos aspetos comportamentais/disciplinares e aos horários dos cursos, considerados pelos alunos “demasiado exigentes”. Todavia, é de frisar que a questão da exigência dos horários adquirir significativamente maior importância entre os alunos dos cursos vocacionais secundários (39,3% das respostas), sendo mesmo o aspeto negativo mais importante, com praticamente o dobro de respostas do segundo aspeto negativo (“a turma ter alunos que se portam mal”), que regista 20,8% das respostas. Entre os alunos, não parecem adquirir especial relevância dois fatores negativos identificados pelos pais: a diversidade de alunos e a dimensão das turmas.

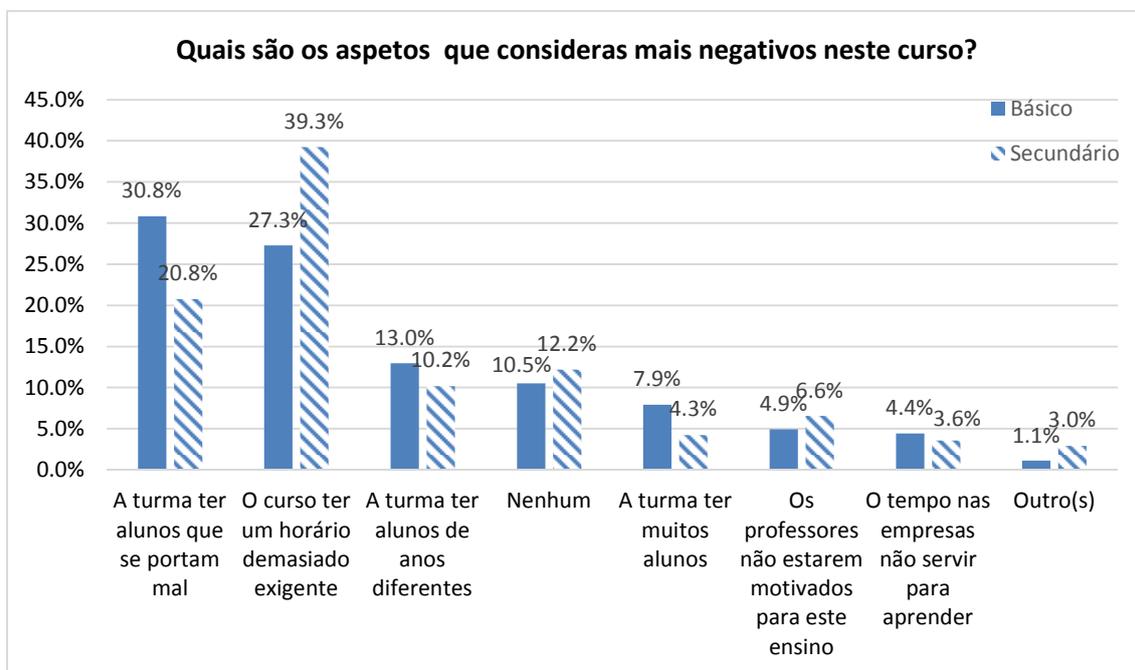


Figura 72: Inquéritos aos alunos - aspetos negativos do curso

Nos “outros aspetos”, são com frequência reforçados alguns dos fatores identificados, sendo referidos por exemplo: “não ter mais aulas práticas”, ou “carga de aulas excessiva”; “não

termos ido estagiar para muitos sítios diferentes”; “as turmas terem alunos de idades inferiores a 16 anos” ou ainda “não aprender as bases necessárias para ir para estágio”.

Pedi-se também aos alunos que, livremente e face ao que já puderam observar, sugerissem o que mudariam neste curso *“para que ficasse melhor”*. A análise das respostas permite concluir que os alunos optam por recorrer aos aspetos negativos atrás identificados para corporizarem as suas sugestões, ressaltando-se abaixo alguns exemplos, ordenados por ordem decrescente da frequência em que foram citados.

Assim, no âmbito da preparação, seleção de alunos e organização dos cursos, os alunos sugerem:

- *“Turmas mais pequenas”;*
- *“Idades dos alunos menos díspar”;*
- *“Não juntar alunos que venham de anos diferentes”;*
- *“Tirava os alunos mal comportados”;*
- *“Certos alunos deveriam ser expulsos do curso pelas suas atitudes”;*
- *“Antes de começar o ano deviam fazer uma entrevista para ver quem merece entrar para motivar alguns a não faltarem”;*
- *“As áreas deveriam ser escolhidas a pensar mais no que os alunos pensam seguir depois de concluir o curso”;*
- *“Maior variedade vocacional”.*

No que diz respeito ao funcionamento dos cursos, destacam-se as seguintes sugestões:

- *“Menor carga horária”;*
- *“Mais prática e menos teórica”;*
- *“Maior interesse pelos alunos por parte dos professores”;*
- *“Existirem viagens de estudo”;*
- *“Não ser necessária 100% de aprovação aos módulos para mudar de curso”;*
- *“Os professores deveriam tratar todos os alunos da mesma forma”;*
- *“Mais exigência”; “Mais organização”; “Não ter módulos”;*
- *“Acompanhamento psicológico/assistente social”; “ Mais acompanhamento dos alunos”;*
- *“Reorganização das disciplinas no horário com a componente geral e complementar de manhã e a componente vocacional à tarde”.*

Sobre a componente de formação em contexto de trabalho (estágios), salientam-se:

- “Mais tempo de estágio”;
- “O estágio devia ser remunerado”; “Subsídio de alimentação”; “Financiamento para o transporte dos alunos para os locais de estágio”;
- “Mudaria o estágio/prática simulada para algo mais relacionado com a matéria”;
- “Mudaria o estágio para o meio do decorrer das aulas”;
- “A prática simulada devia ser realizada ao longo do ano”; “dividir as horas de estágio pelo 2º e 3º período”;
- “Fazia atividades fora da escola mas que tivessem a ver com as disciplinas”;
- “Mudava o local do estágio”;
- “Estagiar fora da escola”;

Tendo em vista aferir a opinião dos alunos no que diz respeito ao funcionamento das diversas componentes (geral, complementar, vocacional e o estágio formativo nas empresas) dos cursos frequentados, à questão sobre a forma como tem sido feita a ligação/articulação entre as três componentes deste curso, pode concluir-se que a apreciação dos alunos é francamente positiva, porquanto, globalmente, 61,5% das respostas classificam-na como tendo sido “Bem” ou “Muito Bem”, realizada. Todavia, a opinião é menos favorável entre os alunos dos cursos vocacionais secundários (52,4%) do que entre os alunos dos cursos básicos (61,8%) (Figura 73).

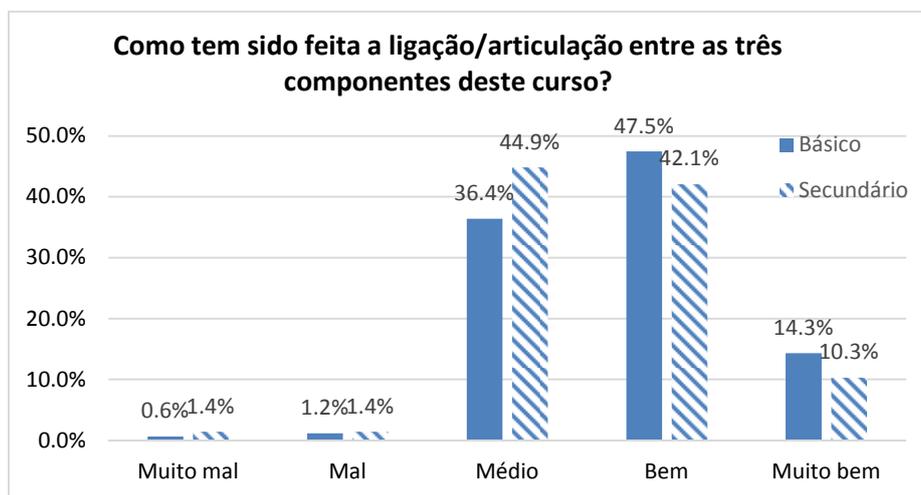


Figura 73: Inquérito aos alunos - articulação entre as componentes do curso

No que diz respeito à opinião sobre o funcionamento de cada componente dos cursos, é igualmente inquestionável a avaliação positiva efetuada pelos alunos, em qualquer das componentes, verificando-se que, de uma forma coerente, quanto mais prática é a componente, mais favorável é a apreciação dos alunos (Figura 74 a Figura 77).

Assim, regista-se que a percentagem global de alunos que avaliam com “Bom” ou “Muito Bom” é de 60,4% nas componentes “geral e complementar”, sobe para 69,1% na componente “vocacional” e para 69,2% no caso do “estágio formativo” nas empresas, sendo que, neste caso, a proporção de alunos dos cursos secundários que fazem esta avaliação é ainda maior (71,9%).

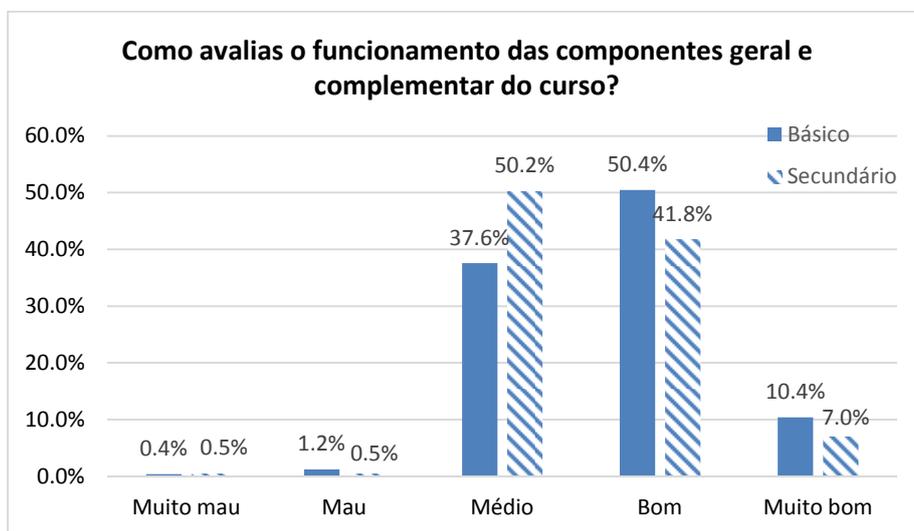


Figura 74: Inquéritos aos alunos - funcionamento das componentes do curso

De registar ainda que os casos de alunos que respondem “Não Sei”, se justificam sobretudo pelos alunos que, à data dos inquéritos, ainda não tinham estagiado em empresas.

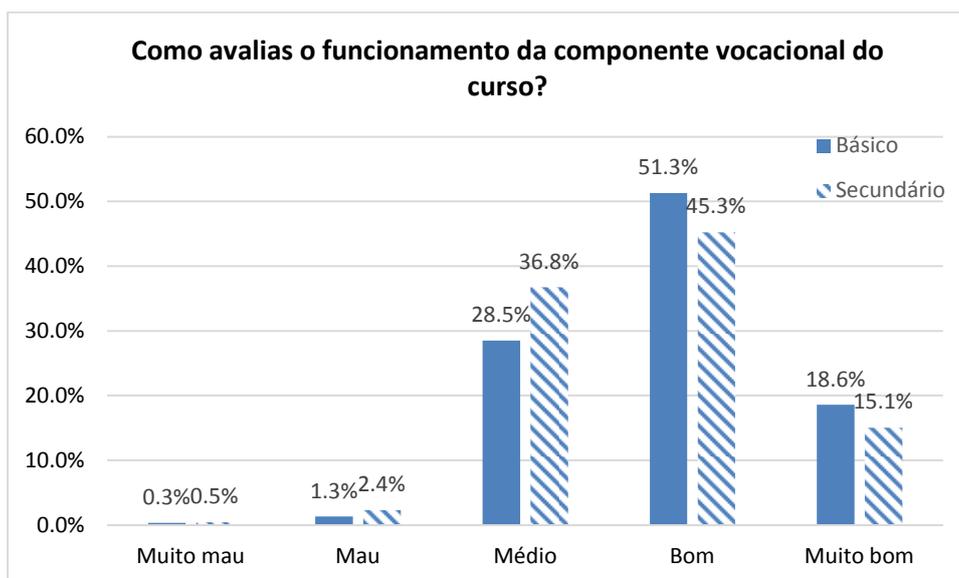


Figura 75: Inquérito aos alunos - avaliação do funcionamento da componente vocacional

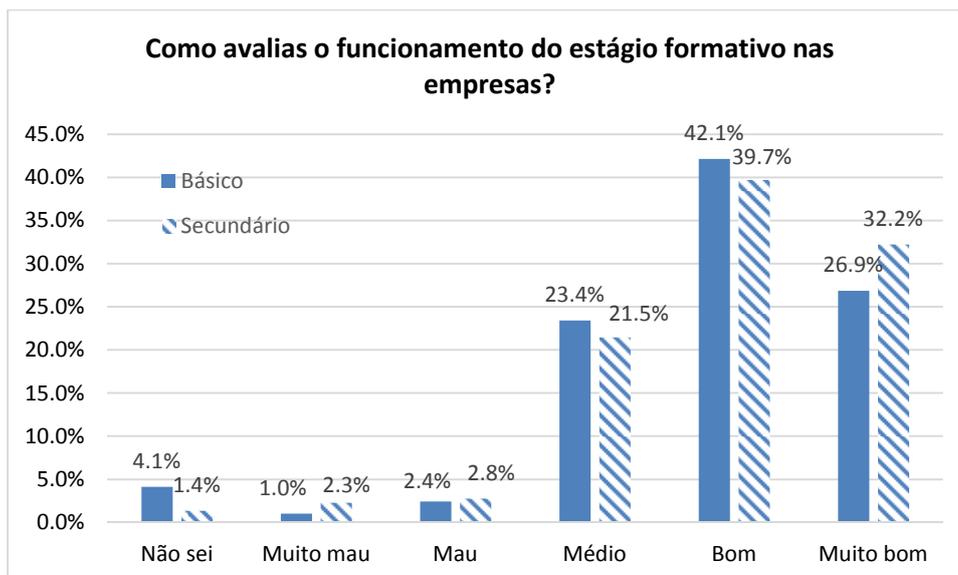


Figura 76: Inquérito aos alunos - avaliação do funcionamento dos estágios nas empresas

Ainda relativamente às aulas da componente vocacional, a maioria dos alunos (62,8%), considera-as equilibradas, entre as componentes teóricas e práticas, não sendo significativas as diferenças entre grupos.

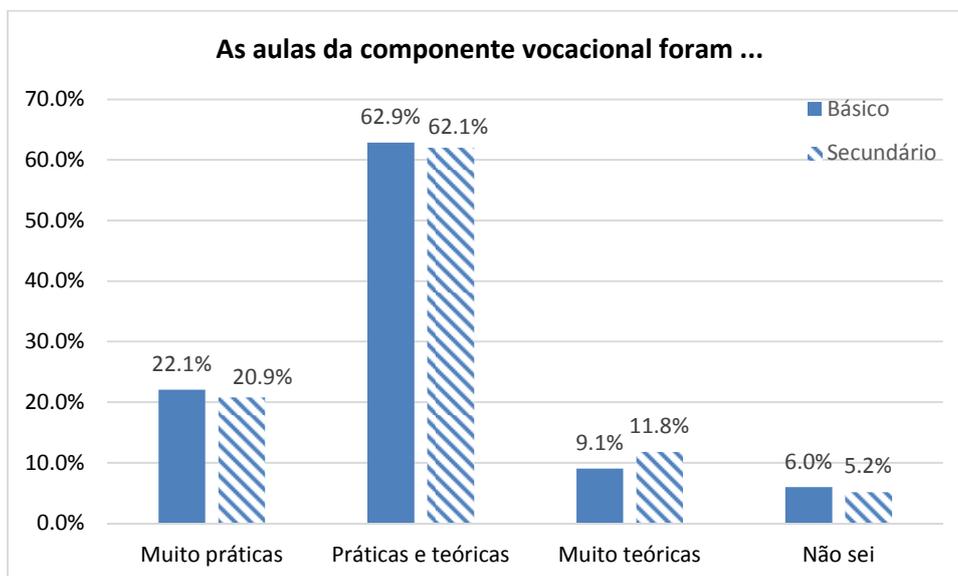


Figura 77: Inquérito aos alunos - avaliação das aulas da componente vocacional

Por outro lado, e tentando avaliar o funcionamento das atividades realizadas nas empresas e/ou a prática simulada, constata-se que, de entre os alunos dos cursos do ensino básico, em cerca de 20% dos casos as atividades práticas parecem não ter envolvido empresas e terem sido realizadas apenas na escola.

Destaca-se ainda que a proporção de casos em que a realização do estágio decorre numa única empresa é significativamente mais elevada entre os alunos dos cursos do ensino secundário (51,4%) do que nos cursos do ensino básico (29%), o que é natural, pois no básico os alunos têm 3 actividades distintas e para cada uma fazem prática simulada em apenas 2 semanas.

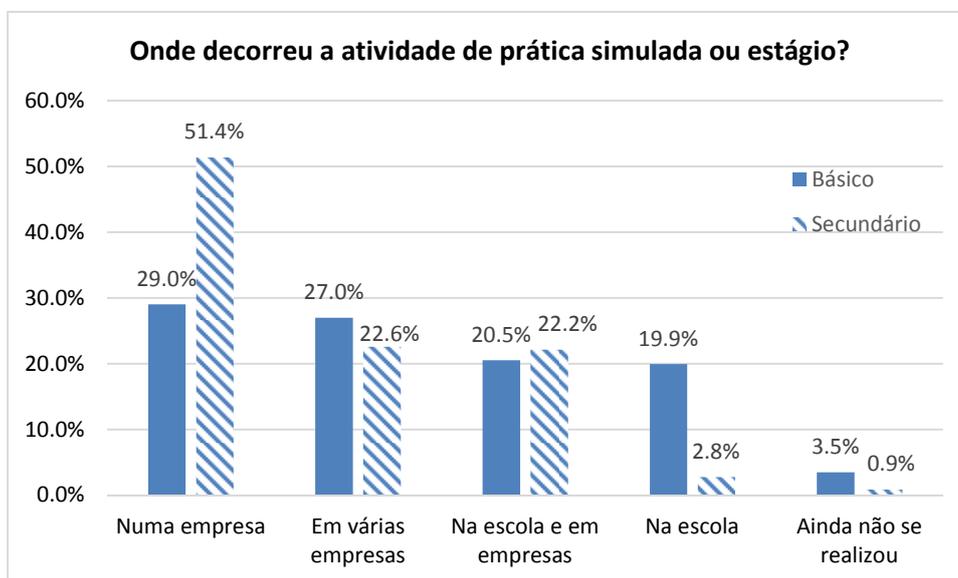


Figura 78: Inquérito aos alunos - local de realização dos estágios

Ainda sobre a forma como decorreram as atividades nas empresas, pode afirmar-se que os alunos as consideraram “*interessantes e úteis*” (35,9%) e que “*preparam para uma profissão*” (36,2%).



Figura 79: Inquérito aos alunos - apreciação sobre as atividades realizadas nas empresas

Procurando avaliar o contributo de cada grupo ou agentes envolvidos no processo, convidaram-se os alunos a identificar quem mais os ajudou a ter sucesso neste curso (Figura 80 a Figura 86). Da análise das respostas pode concluir-se que aqueles que mais contribuíram para o sucesso dos alunos foram os seus Pais, os Professores, o Coordenador do curso e os Monitores nas empresas. Da análise dos subgrupos sobressai o facto de os alunos dos cursos básicos valorizarem melhor (comparativamente) o papel dos professores e dos pais, enquanto os alunos dos cursos secundários, valorizam melhor o papel dos monitores das empresas.

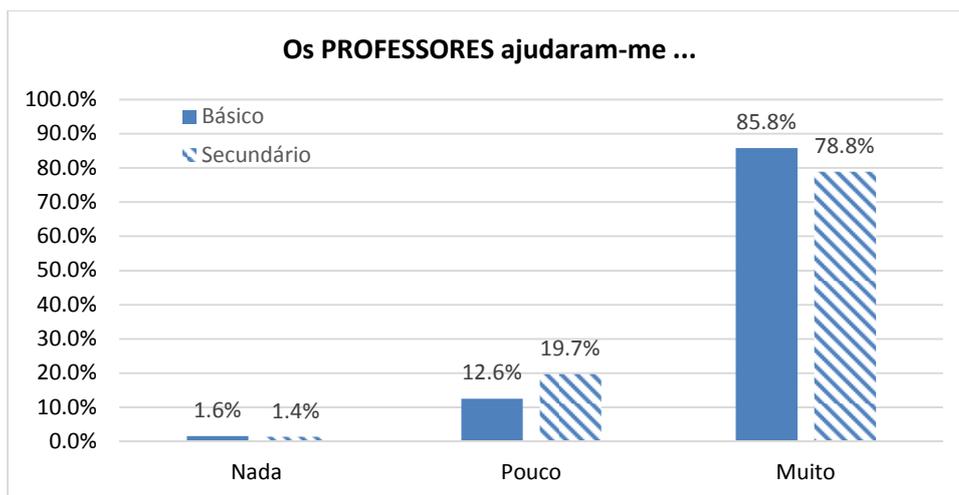


Figura 80: Inquérito aos alunos - opinião sobre a ajuda dos professores

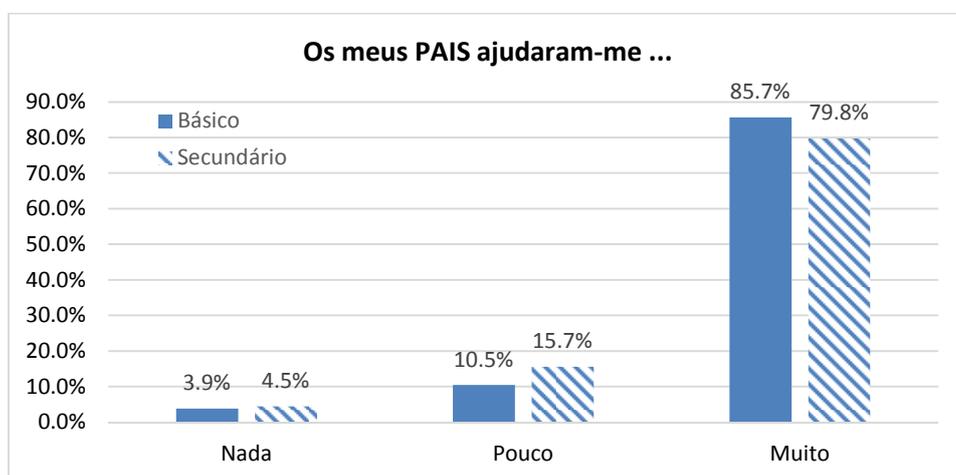


Figura 81: Inquérito aos alunos - opinião sobre a ajuda dos pais

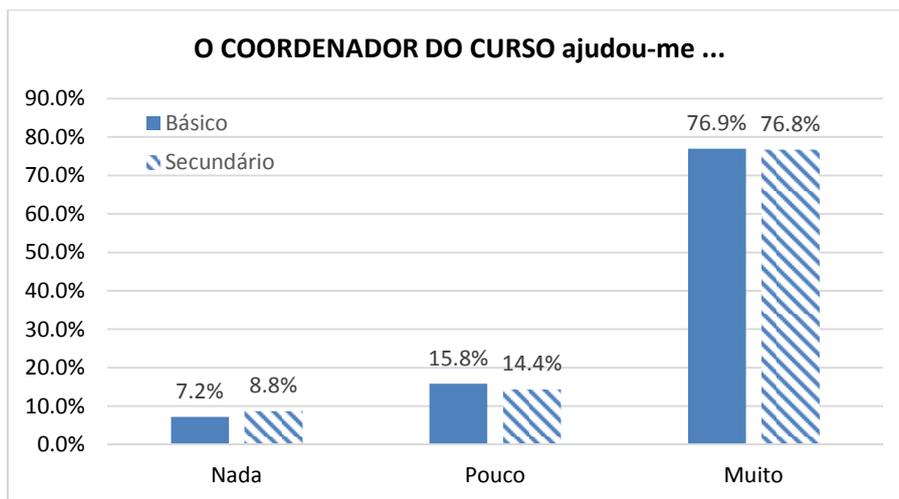


Figura 82: Inquérito aos alunos - opinião sobre a ajuda dos coordenadores

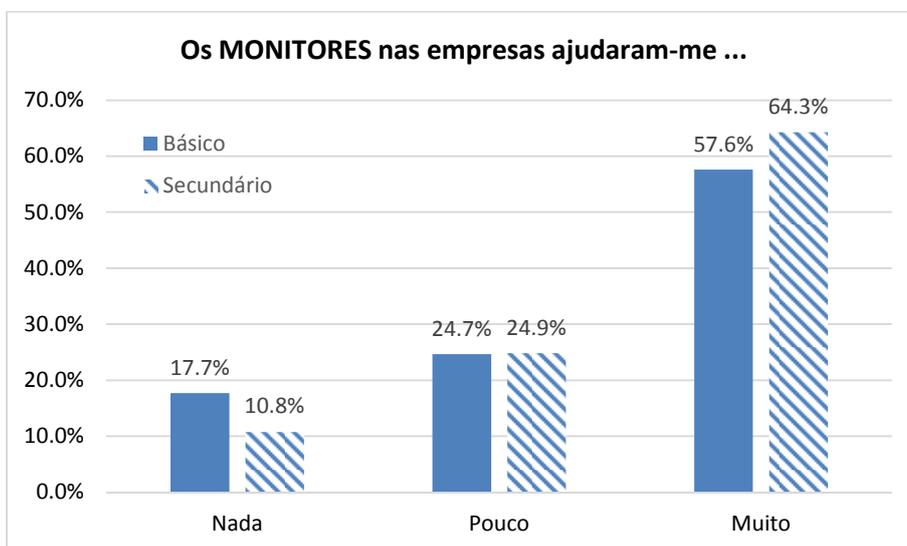


Figura 83: Inquérito aos alunos - opinião sobre a ajuda dos monitores

Ao invés, os alunos valorizaram pouco o contributo do psicólogo escolar, do assistente social, e dos auxiliares da escola. Esta valorização negativa é mais forte entre os alunos dos cursos vocacionais secundários do que entre os dos cursos do ensino básico. Seria bom poder avaliar se estas respostas dos alunos resultam do facto de não existirem nas escolas assistentes sociais ou psicólogos com horas disponíveis para estes alunos, ou de os alunos não se sentirem ajudados por estes profissionais, mesmo nos casos em que eles estão presentes nas escolas. Esta apreciação dos alunos contradiz a perceção dos professores e coordenadores de curso, atrás analisada (Figura 67), que apontaram a necessidade de mais psicólogos e assistentes sociais.

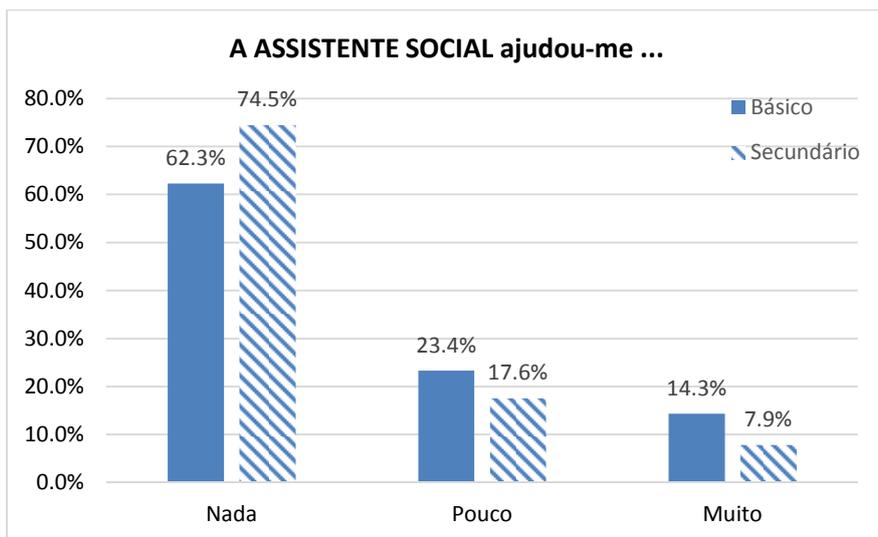


Figura 84: Inquérito aos alunos - opinião sobre a ajuda da assistente social

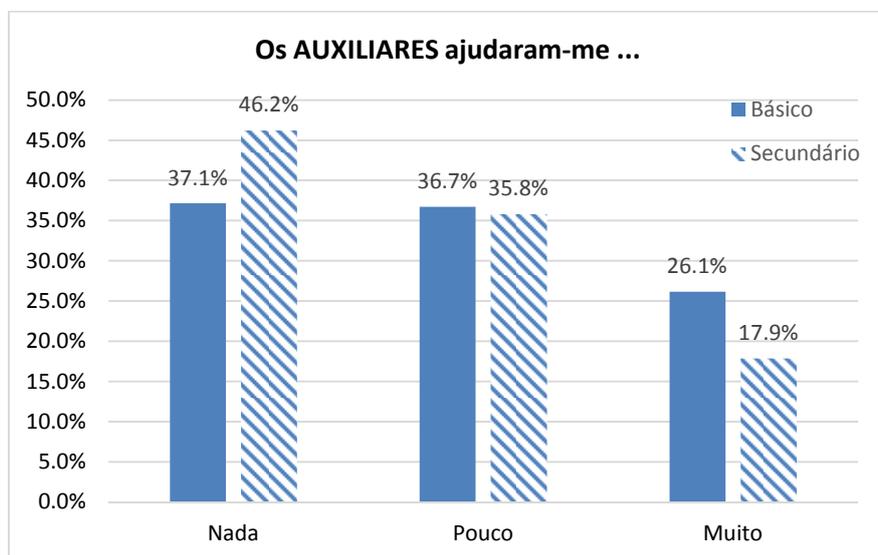


Figura 85: Inquérito aos alunos - opinião sobre a ajuda dos auxiliares

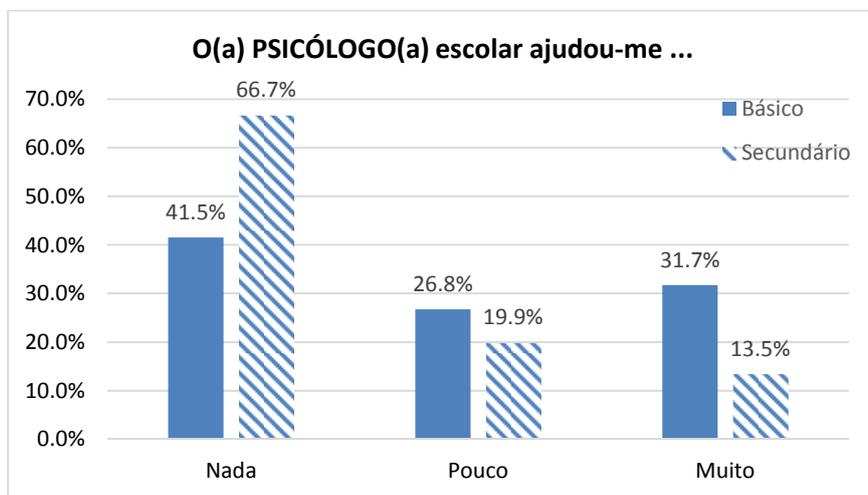


Figura 86: Inquérito aos alunos - opinião sobre a ajuda do Psicólogo escolar

Verificámos já que um dos aspetos negativos apontados com alguma relevância, sobretudo pelos alunos dos cursos secundários, é a carga horária dos respetivos cursos. A análise das respostas à questão “*Como avalia a carga horária deste curso*”, permite de facto concluir que 56,5% dos alunos considera a carga horária dos seus cursos como “*excessiva*” ou “*muito excessiva*”. Esta opinião é mais vincada entre os alunos dos cursos do ensino secundário (67,6%), do que entre os alunos dos cursos do ensino básico (55,1%).

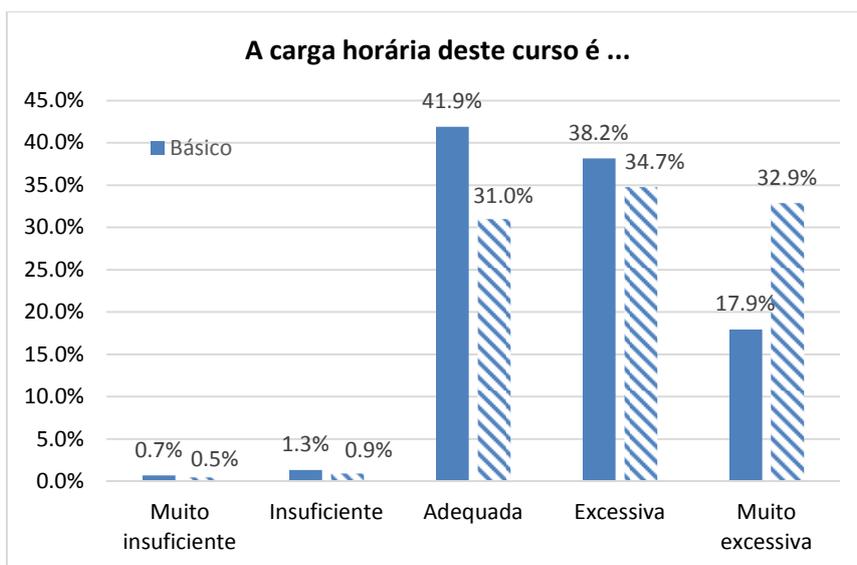


Figura 87: Inquérito aos alunos - opinião sobre a carga horária do curso

Procurando averiguar da existência de eventuais problemas de relacionamento dos alunos com os vários intervenientes do processo educativo, pediu-se aos alunos para classificarem o seu relacionamento com aqueles.

Das respostas dadas (Figura 88 a Figura 93), pode afirmar-se que os alunos revelaram um bom relacionamento com a generalidade dos agentes, na medida em que as respostas em que classificam com “*Bom*” e “*Muito Bom*”, variam entre um mínimo de 63,6% (no caso do relacionamento com os outros professores) e um máximo de 82,6% (com os colegas).

No geral, pode dizer-se que os alunos referem ter tido melhores relacionamentos com aqueles intervenientes mais próximos (os seus professores, os monitores e os colegas), e não tão bons com os intervenientes com os quais têm menos contactos: a Direção da escola, os outros professores e os outros adultos.

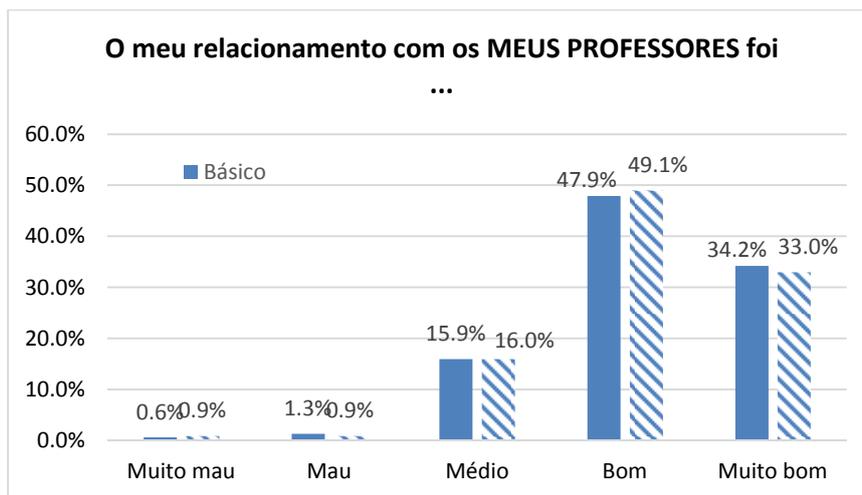


Figura 88: Inquérito aos alunos - opinião sobre o relacionamento com os professores da turma

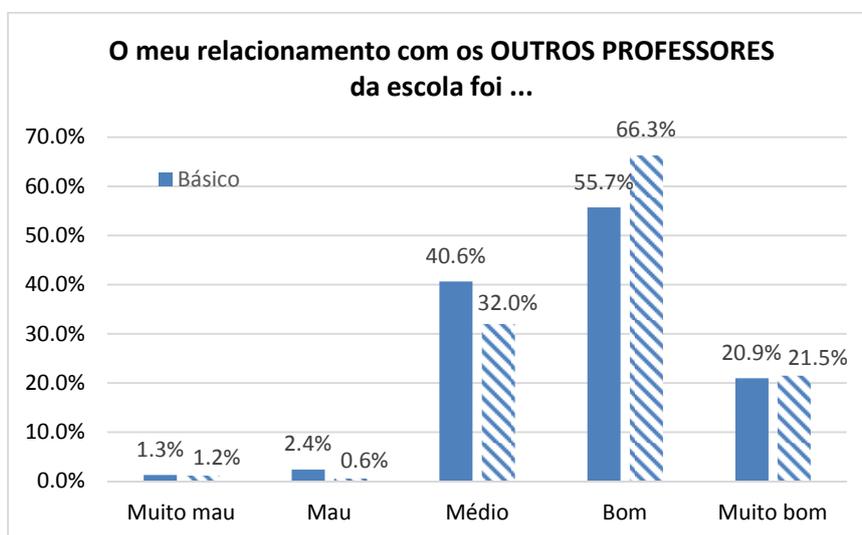


Figura 89: Inquérito aos alunos - opinião sobre o relacionamento com os outros professores

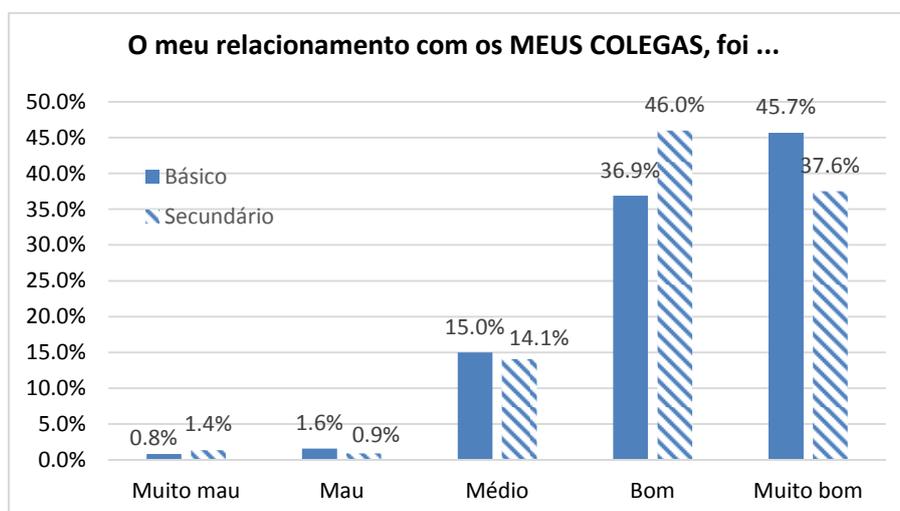


Figura 90: Inquérito aos alunos - opinião sobre o relacionamento com os colegas

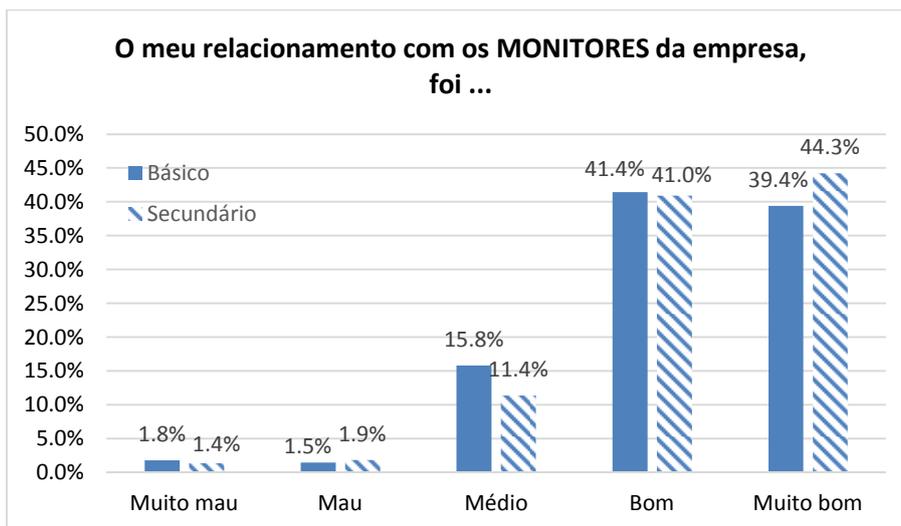


Figura 91: Inquérito aos alunos - opinião sobre o relacionamento com os monitores das empresas

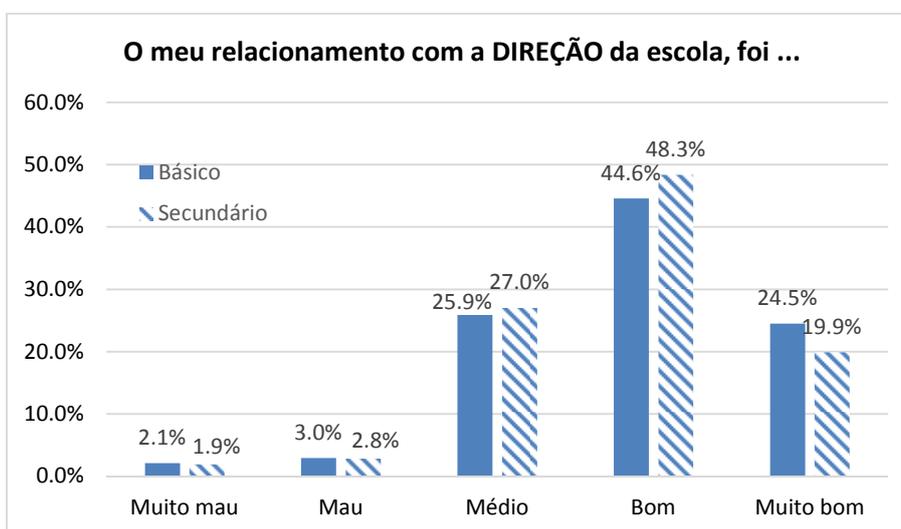


Figura 92: Inquérito aos alunos - opinião sobre o relacionamento com a Direção da escola

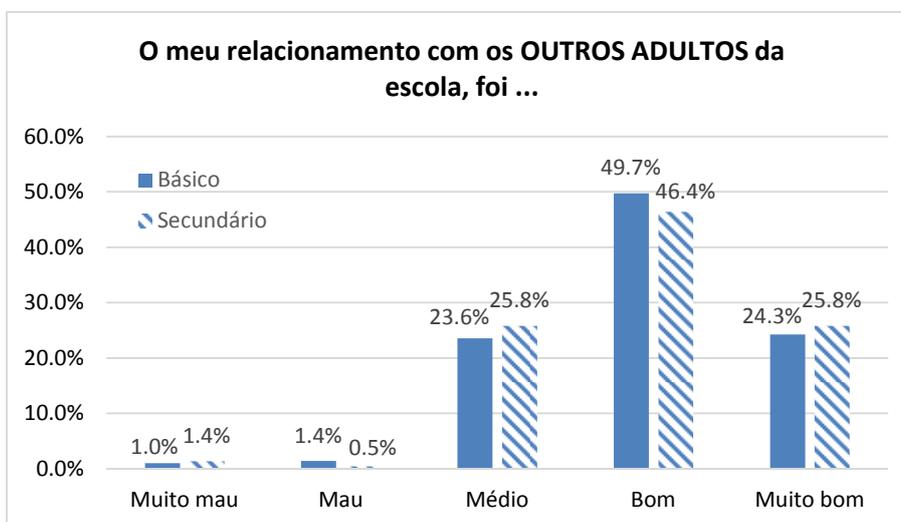


Figura 93: Inquérito aos alunos - opinião sobre o relacionamento com os outros adultos da escola

Sendo o comportamento dos alunos um aspeto negativo identificado por vários intervenientes, embora os gráficos anteriores indiquem a ausência de problemas graves de relacionamento (na perspetiva dos alunos), importa igualmente avaliar, especificamente, qual a perceção dos próprios alunos sobre o comportamento da turma em que estavam inseridos.

Embora os alunos tenham referido terem tido bons relacionamentos com os colegas e professores, os resultados evidenciam que, classificam menos bem, e de uma forma evidente, o comportamento da turma. Em média, e no geral, embora maioritariamente classifiquem o comportamento da turma como “*médio*” (49,8%), verifica-se que 23,6% o reconhecem como “*mau*” ou “*muito mau*”. Ainda que pouco significativo, o grupo de alunos dos cursos secundários avalia ligeiramente melhor o comportamento da turma onde se encontravam inseridos.

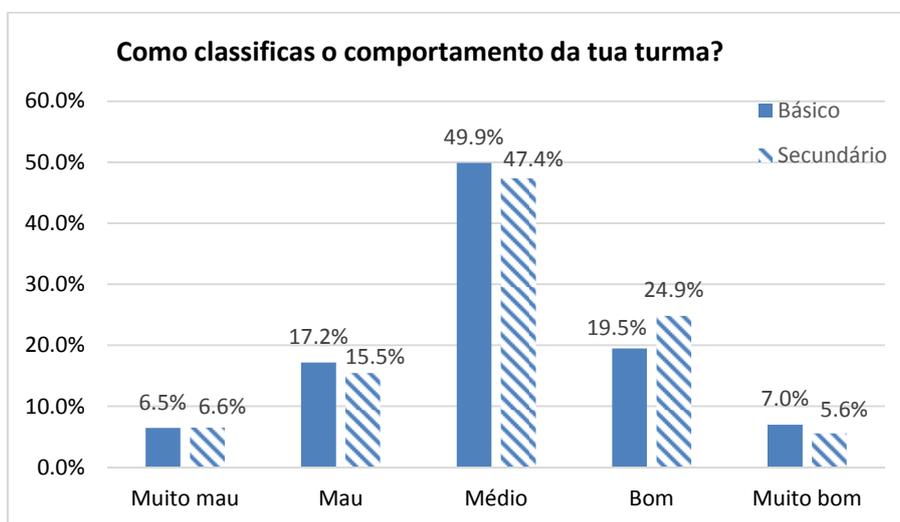


Figura 94: Inquérito aos alunos - opinião sobre o comportamento da turma

5.3.4 A opinião dos Pais/Encarregados de Educação (P/EE)

A avaliação positiva que os P/EE, fazem desta modalidade de ensino, é reforçada quando são chamados a dar a sua opinião sobre o que puderam observar depois de os seus filhos/educandos terem iniciado a frequência destes cursos (Figura 95). Com efeito, no geral, os pais sentem que os seus filhos “*estão mais motivados para ir à escola*” (34%), que “*são mais apoiados pelos professores*” (19,1%) e que “*aprendem melhor*” (18,2%) ou ainda que, “*aprendem coisas mais úteis que no ensino regular*” (14,4%). Talvez pela idade dos alunos, os pais dos alunos do ensino Básico valorizam mais positivamente o apoio dado pelos professores

aos alunos (19,3% contra 14,1%) e, ao invés, os pais dos alunos dos cursos do ensino secundário, valorizam melhor a utilidade dos conhecimentos, quando comparado com o ensino regular (21,6% contra 14,1%).

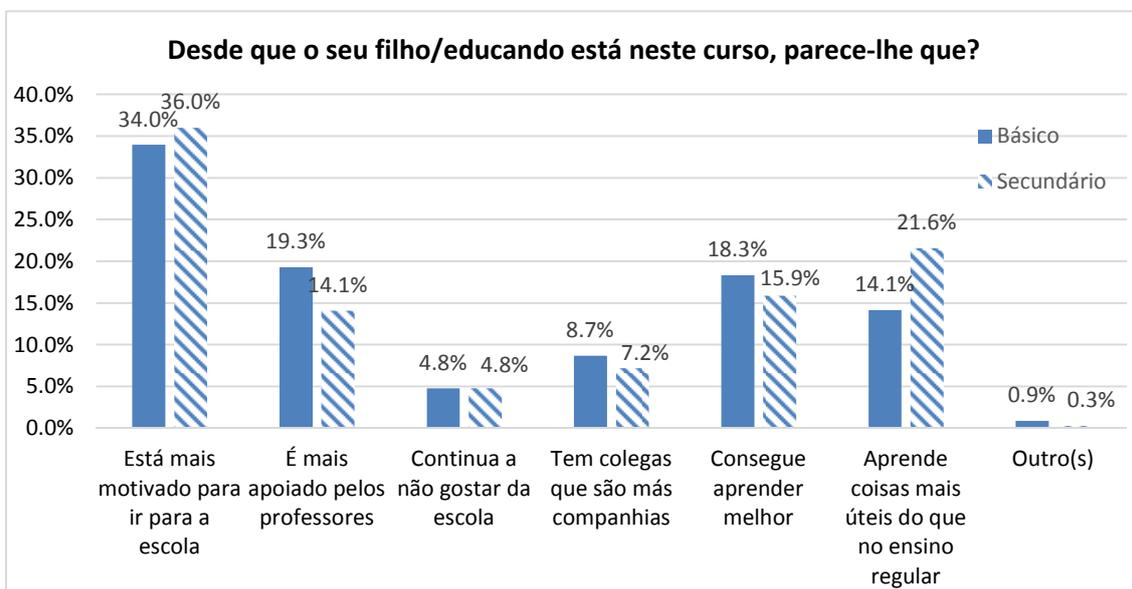


Figura 95: Inquérito aos Pais/EE - apreciação global sobre a atitude face à escola dos filhos/educandos

Esta apreciação positiva é confirmada quando solicitados a fazerem a avaliação do funcionamento das aulas e das atividades práticas nas empresas (Figura 96). Com efeito, no que diz respeito à avaliação sobre o “funcionamento das aulas na escola”, cerca de 75% dos pais/EE, avaliam-nos como “Bom” (51,8%) ou “Muito Bom” (23,3%), e apenas 1,7% as avaliam com “Mau” ou “Muito Mau”. Ainda assim, analisando as respostas dos subgrupos, a avaliação é mais positiva entre os P/EE dos alunos dos cursos do ensino básico do que entre os do ensino secundário.

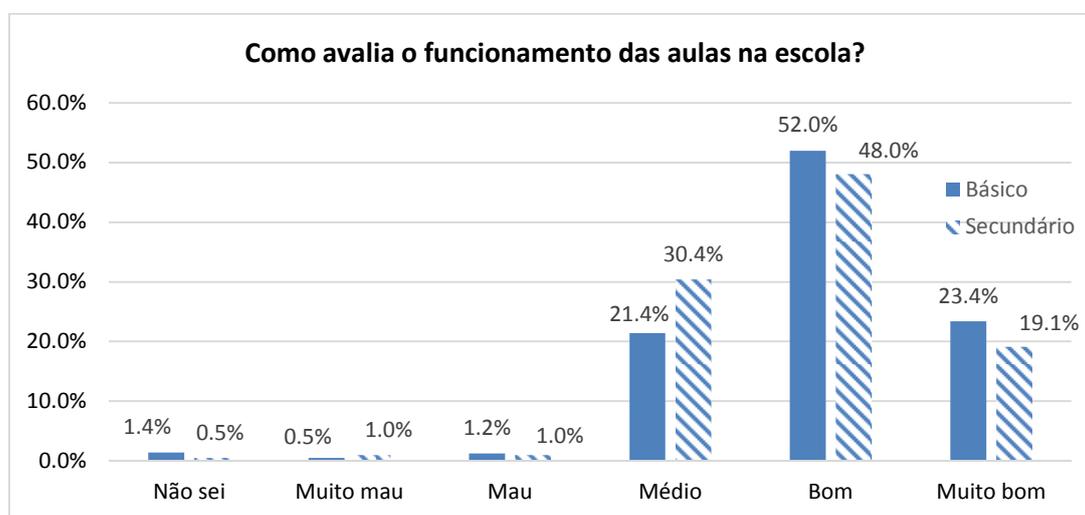


Figura 96: Inquérito aos Pais/EE - avaliação sobre o funcionamento das aulas na escola

Resultados similares são obtidos quando se inquire sobre o funcionamento das atividades nas empresas, sendo mais equilibrada a avaliação entre grupos. A maior percentagem de casos que respondem “*Não Sei*” (6,4% nos curso do Básico), está relacionado com o facto de, à data dos inquéritos, alguns cursos ainda não terem realizado atividades práticas em empresas (Figura 97).

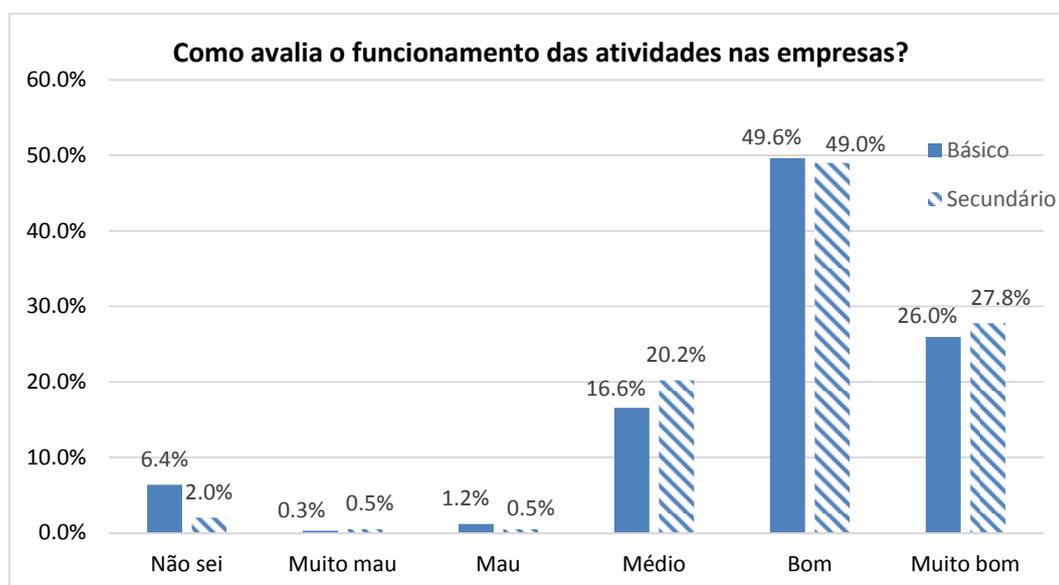


Figura 97: Inquérito aos Pais/EE - avaliação sobre o funcionamento das atividades nas empresas

Procurando identificar os principais aspetos negativos que os pais/encarregados de educação associam aos cursos vocacionais, ressaltam as questões disciplinares/comportamentais dos alunos, com 36,8% do total de inquiridos a afirmarem que a “*turma tem alunos que se portam mal*”. A diversidade de alunos na turma (alunos de anos/idades diferentes), os horários “*demasiado exigentes*” e o facto de a “*turma ter muitos alunos*”, são os outros aspetos negativos que adquirem maior relevo. De notar que, no entanto, 15,5% dos inquiridos afirmam não encontrar “*nenhum*” aspeto negativo nestes cursos (Figura 98).

Existem no entanto algumas diferenças entre os subgrupos, sendo que a questão da exigência dos horários é mais citada entre os P/EE dos alunos dos cursos do secundário (22,1% contra 11,6%), enquanto que a diversidade de alunos na turma, a sua dimensão e os aspetos disciplinares, são mais valorizados entre os P/EE dos alunos dos cursos do ensino básico. Ainda que pouco significativo, o maior número de respostas que coloca a motivação dos professores como um fator negativo entre os P/EE do secundário (6,7% contra 3,6%), é coerente com o facto de atrás terem valorizado menos bem o “*apoio dos professores*”.

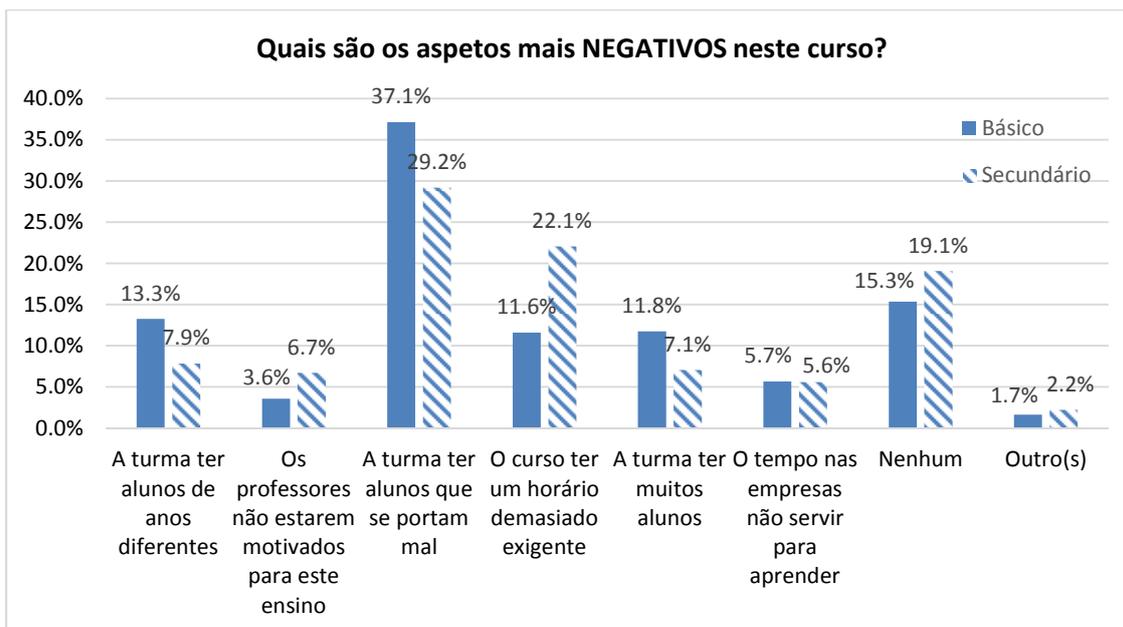


Figura 98: Inquérito aos Pais/EE - aspetos negativos dos cursos

Tendo-se solicitado aos P/EE que apresentassem “*sugestões para melhoria destes cursos*”, a análise das respostas dadas mostra que as sugestões vão sobretudo e novamente, de encontro aos aspetos negativos apontados. Assim, salientam-se sugestões relacionadas com um “*melhor planeamento dos estágios, para não defraudarem as expectativas dos alunos*”; parecendo ter havido casos menos bem sucedidos em termos de envolvimento das empresas, sugerindo por isso “*locais de estágio mais qualificados*”; “*mais tempo nas empresas*”, e “*estágios mais interativos, mais participativos e instrutivos*” ou com “*mais atividade*” e que os alunos “*não sejam tratados como mão-de-obra barata*”, reclamando em consequência “*subsídios para os alunos se motivarem*”.

A necessidade de melhor comunicação, também é invocada, em particular a comunicação entre o “*Diretor de turma e os professores*”, da escola para com os alunos, nomeadamente ao nível dos “*critérios de avaliação nos módulos*” e dos horários “*para não andar sempre a mudar*”, sugerindo-se pois que os “*pais devam ser chamados mais vezes à escola*”. São igualmente frequentes as sugestões no sentido de “*reduzir a carga horária*”, por esta ser “*muito exigente*”, aumentar as “*horas práticas*” e de “*estágio*”, “*reduzir o número de alunos por turma*”, reduzir a diversidade ao nível da “*idade dos alunos presentes na mesma turma*”, e que “*devia ser um curso vocacional para alunos com dificuldades de aprendizagem e não para alunos que não gostam de aprender*”.

As questões do comportamento dos alunos também sobressaem nas sugestões dos pais, ao proporem que os alunos sejam “*castigados para serem mais responsáveis*”, ou que devam

“retirar da turma os alunos com mau comportamento”, separando também “os alunos com Necessidades Educativas Especiais dos alunos com mau comportamento”. Também é sugerido um maior acompanhamento psicológico “porque são alunos que se desviaram do ensino regular”, necessitando de “mais apoios educativos”, pelo que a “melhoria do comportamento”, surge frequentemente nas sugestões dos pais.

Ao invés, outros propõem “maior exigência para com os alunos, sobretudo no estágio”, porque o “grau de exigência é muito baixo”, justificando-se assim maior “exigência na avaliação dos alunos”, bem como uma “melhor sequência dos módulos”. Em relação aos professores, alguns pais clamam por uma “maior motivação dos professores” e outros pela necessidade de “continuidade da equipa de professores”.

5.3.5 Articulação com as empresas - estágios

Os dados apresentados na Secção 2 mostram que há pelo menos 5598 empresas a receber alunos de cursos vocacionais para prática simulada ou estágios e que só uma pequena minoria são empresas de grande dimensão. Mais de metade das empresas que receberam alunos são empresas com menos de 10 pessoas ao serviço.

Todos os cursos iniciados em 2012/13 e todos os cursos do ensino secundário têm parcerias estabelecidas com empresas. Há, no entanto, 25 cursos do ensino básico iniciados em 2013/14, o que corresponde a 4,9% destes cursos, que não registaram na plataforma, até Agosto de 2014, empresas com as quais tenham estabelecido colaboração de forma a oferecer aos seus alunos prática simulada, o que pode constituir apenas uma falha ao nível da gestão da plataforma. Note-se que a maioria (19) dos cursos sem indicação de parceria com empresas têm duração de dois anos, podendo a prática simulada estar prevista apenas para o segundo ano do curso.

Cursos do nível básico iniciados 2013/14				
<u>cursos com registo de empresa parceira</u>				
	2ºciclo	3ºciclo	mistas	Total
1 ano	93	144	4	241
2 anos	12	208	9	229
<u>cursos sem registo de empresa parceira</u>				
	2ºciclo	3ºciclo	mistas	Total
1ano	4	1	1	6
2 anos	2	17	0	19

Tabela 13: número de cursos com e sem registos de parcerias com empresas (dados administrativos)

Quanto aos estágios realizados e baseando-nos nos registos na plataforma da DGEEC a 9 de Setembro há 86 cursos do total de 515 no conjunto de 2013/14 sem estágios registados. A tabela abaixo mostra como se dividem pelos níveis de ensino e duração dos cursos. No entanto, uma análise mais detalhada permitiu perceber que nalguns casos já ocorreram estágios e o que falhou foi o registo na plataforma. Mesmo assim, estes números podem indicar que, nalguns cursos, os estágios estão a ser concentrados no fim do curso, ou pelo menos no fim do primeiro ano, em vez de irem ocorrendo ao longo do curso, opção que nos parece ser mais compatível com as características e objetivos dos cursos, e simultaneamente, mais de encontro às expectativas e interesses manifestados por pais e alunos.

2013/14	
Básico	
1 ano	14
2 anos	72
Secundário	3

Tabela 14: Número de cursos sem registos de estágios (dados administrativos)

5.3.6 A opinião dos tutores

Relativamente aos estágios que já se realizaram, os tutores que responderam aos inquéritos são claramente afirmativos (mais de 90% das afirmações de concordância), quanto ao envolvimento dos orientadores das escolas na execução dos planos de trabalho dos estágios/prática simulada, bem como quanto ao seu próprio envolvimento na avaliação do desempenho dos alunos nessas atividades (Figura 100 e Figura 100).

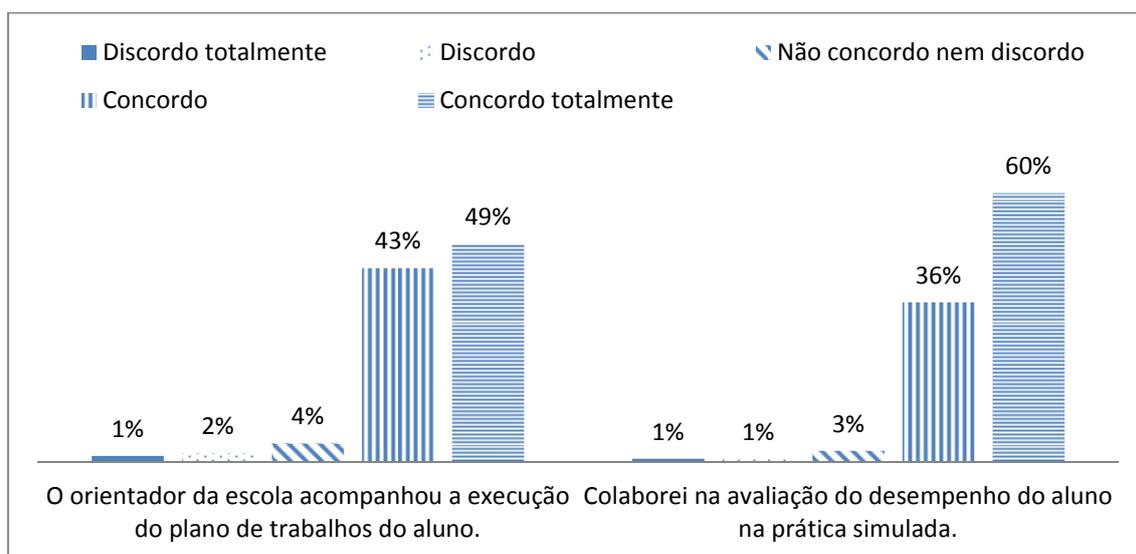


Figura 99: Inquérito aos tutores - envolvimento na avaliação do desempenho dos alunos dos cursos de ensino básico

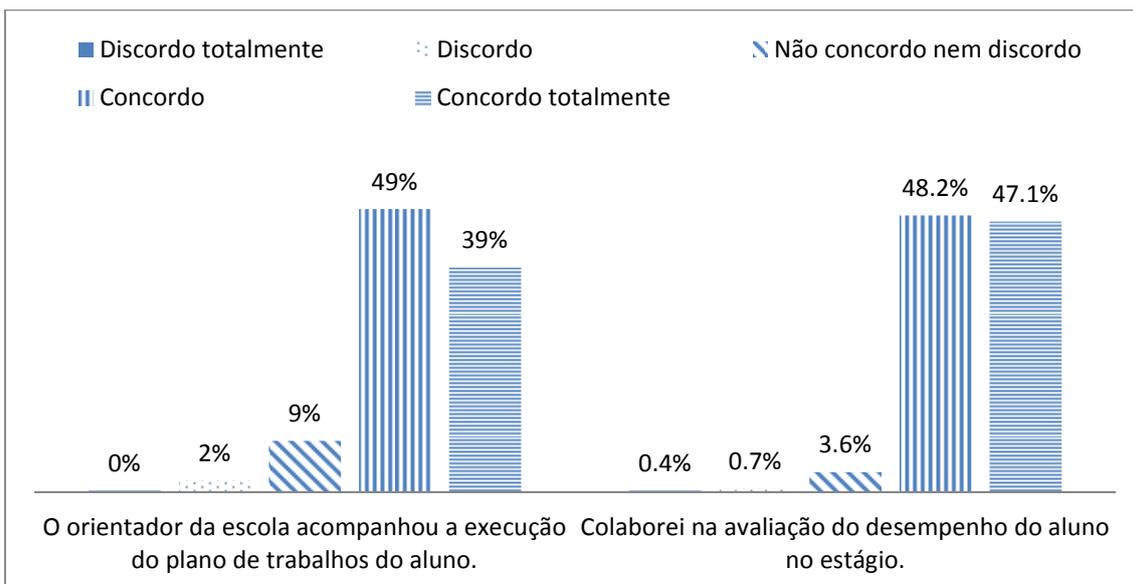


Figura 100: Inquérito aos tutores - envolvimento na avaliação do desempenho dos alunos dos cursos de ensino secundário

Inquiridos sobre vários aspetos relacionados com o comportamento e desempenho dos alunos na realização dos estágios/prática simulada (assiduidade, relações de trabalho, cumprimento das atividades), os tutores parecem satisfeitos com o comportamento dos mesmos, sendo residuais as respostas negativas.

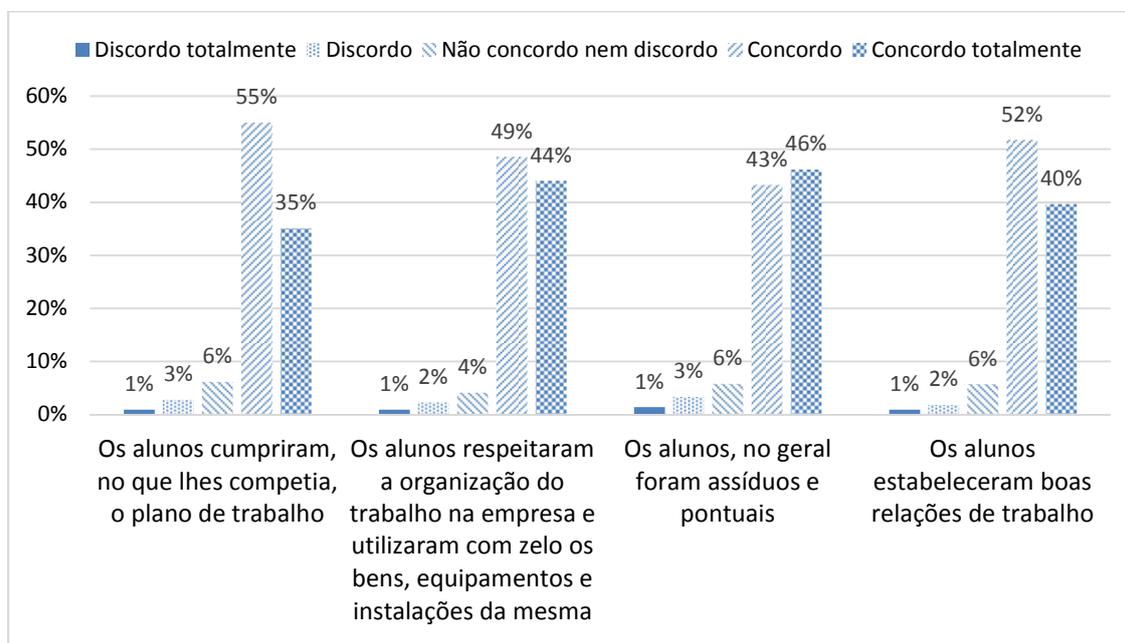


Figura 101: Inquérito aos tutores - avaliação sobre as atitudes e comportamento dos alunos

Embora menos expressivas, são igualmente positivas as apreciações das empresas quanto ao cumprimento do objetivo desta experiência poder dar alguma preparação para o mercado de trabalho, manifestando também satisfação sobre a possibilidade futura de as suas empresas

poderem contratar alguns destes alunos. Ressalve-se todavia que mais de 25% dos inquiridos reconhece ter “*sido complicado proporcionar o estágio*”.

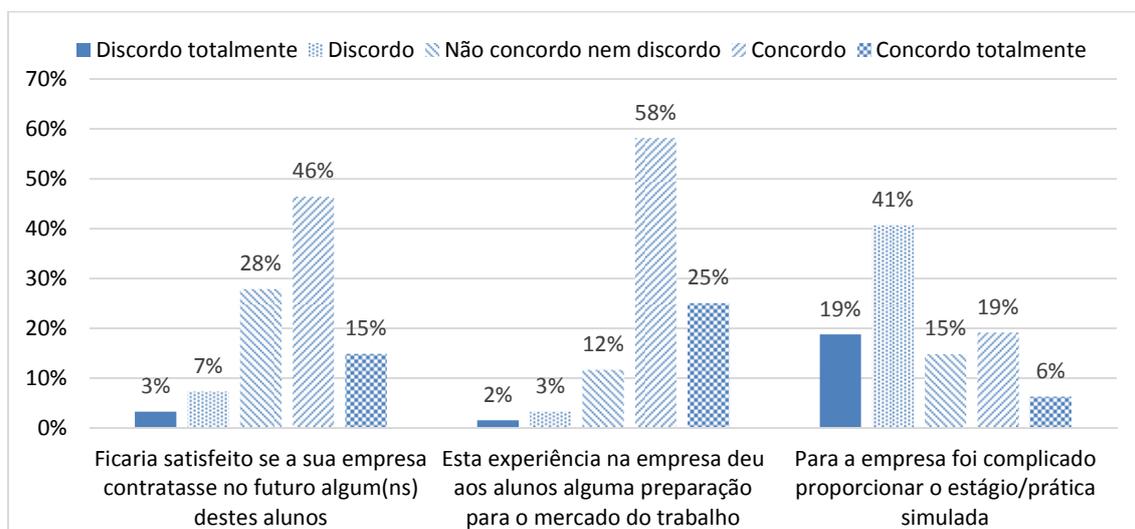


Figura 102: Inquérito aos tutores - apreciação global da experiência

5.4 Resultados finais

5.4.1 Resultados Escolares

Nesta secção analisamos os resultados escolares dos alunos dos cursos vocacionais, comparando-os com os resultados em ofertas escolares dirigidos a alunos com características similares: Cursos de Educação e Formação (CEF) e Percursos Curriculares Alternativos (PCA). Faremos também uma comparação com alunos do ensino regular com um histórico de retenções. Consideraremos apenas os resultados dos cursos que já terminaram, dado que para os cursos que estão a meio da sua duração não existem ainda taxas de conclusão nem taxas de retenção, já que nestes cursos não existe a figura de “retenção” no fim do 1º ano mas apenas de “conclusão” ou “não conclusão” no final do curso, sendo a avaliação realizada por módulos. Note-se que este é o caso de todos os cursos de nível secundário. Acresce que os dados disponíveis para os cursos que ainda não terminaram são provisórios, não tendo sido atualizados no final do ano letivo numa percentagem relevante destes cursos.

Ao fazer a comparação com os resultados dos alunos que frequentam PCA ou CEF deve ter-se em conta que a estrutura da oferta educativa é diferente, tendo os cursos vocacionais uma componente geral que se pretende mais próxima do ensino regular e uma exigência de

aprovação em 80% dos módulos para que o aluno possa transitar. A escolha do termo de comparação prende-se com as características dos alunos. Não seria apropriado fazer a comparação com o universo dos alunos portugueses visto que é claro que esta oferta educativa se destina a alunos com histórias anteriores de insucesso escolar. Assim, para os cursos vocacionais do ensino básico, considerados globalmente, a oferta mais próxima são os Cursos de Educação e Formação (CEF), quer por ser a oferta vocacional anteriormente disponível e que mais alunos abrange neste nível de ensino, quer por a população abrangida ter características semelhantes. No entanto, a nível do 2º ciclo há mais alunos matriculados em Percursos Curriculares Alternativos (PCA) do que em CEF, pelo que olharemos também para os resultados nesta oferta educativa: de acordo com as Estatísticas da Educação no ano letivo de 2012/13 havia apenas 360 alunos matriculados em CEF do 2º ciclo enquanto em PCA do 2º ciclo havia 1507 alunos matriculados. No 3º ciclo os números respetivos são 2656 em PCA e 24929 em CEF.

Com base nos dados de 2011/12 e 2012/13 para os cursos CEF de 2º e 3º ciclo verifica-se que o peso dos rapazes na população dos alunos nestes cursos é de 65%, sendo ainda mais alta no 2º ciclo onde em 2012/13 atinge os 69%. Note-se que estes números são iguais aos que observamos para os cursos vocacionais. Em relação às idades, para 2011-12 verifica-se que dois terços dos alunos de cursos CEF têm entre 15 e 16 anos⁷, o que também se verifica nos cursos vocacionais. Estes dados corroboram a ideia de que estas ofertas abrangem populações de alunos com características semelhantes.

Começamos por fazer a comparação dos resultados olhando apenas para as taxas de conclusão tal como apuradas nas Estatísticas de Educação, ou seja considerando apenas duas possibilidades: “*Conclusão*” ou “*Retenção ou Desistência*”. Isto significa considerar o resultado final do aluno, já após possíveis planos de recuperação, e eliminando da análise os alunos transferidos.

As Figura 103 e 104 apresentam as taxas de conclusão para CEF e PCA para o ano letivo de 2012/13 e comparam com as taxas de conclusão nos cursos vocacionais já terminados, ou seja, todos os que começaram em 2012/13 e aqueles que começaram em 2013/14 e tinham duração de 1 ano. Em todas as ofertas educativas consideradas as taxas de conclusão no 2º ciclo são consideravelmente mais baixas que no 3º ciclo. No 2º ciclo a taxa de conclusão para as raparigas é mais alta nos cursos vocacionais que nas alternativas, embora a diferença seja particularmente notável em relação aos CEF que, como já foi dito, tem um pequeno número

⁷ Idade a 31 de Dezembro de 2011.

de alunos neste ciclo. Para os rapazes, e para o 3º ciclo, os resultados das diferentes ofertas educativas são similares.

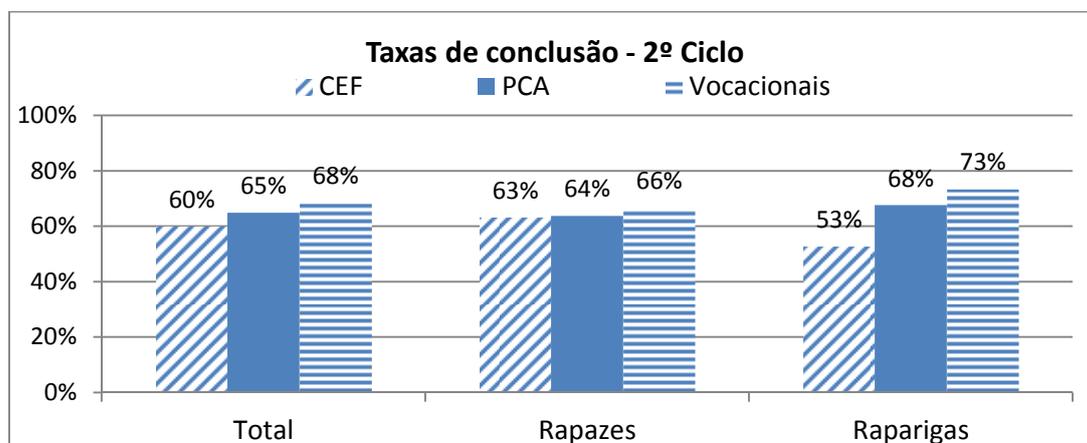


Figura 103: Taxas de conclusão, segundo sexo - 2º ciclo

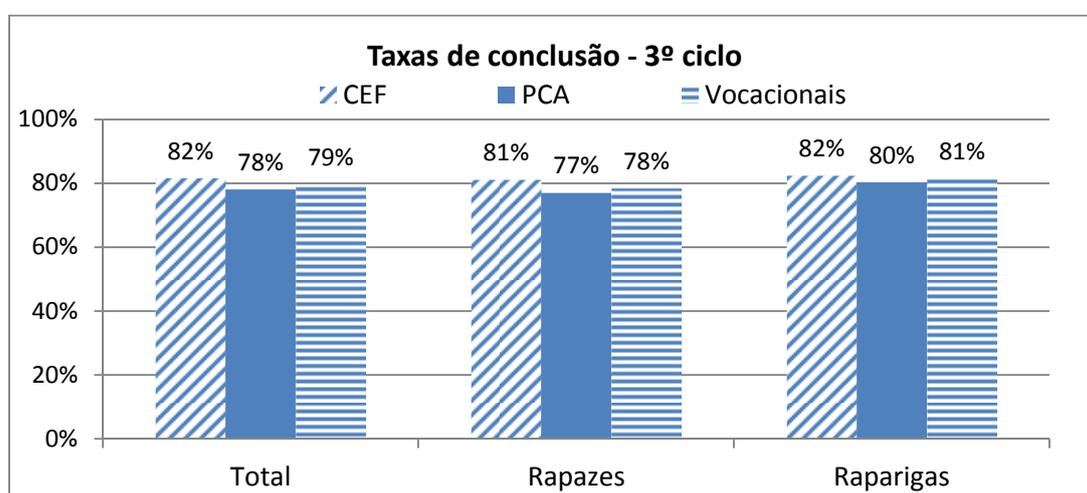


Figura 104: Taxas de conclusão, segundo sexo - 3º ciclo

Nas Figura 105 e Figura 106, comparam-se as taxas de conclusão dos cursos vocacionais com as das ofertas alternativas segundo a idade dos alunos. Mais uma vez as taxas de conclusão são mais baixas no 2º ciclo e tendem a ser mais baixas para os grupos de alunos mais velhos. Uma exceção é o grupo de alunos com mais de 18 anos no 2º ciclo, no caso dos CEF, e dos cursos vocacionais, mas em ambos os casos trata-se de um grupo de alunos muito pequeno, pelo que é arriscado tirar conclusões. No 2º ciclo os cursos vocacionais parecem ter melhores resultados que as alternativas mas, no 3º ciclo, apresentam taxas de conclusão ligeiramente mais baixas que os CEF.

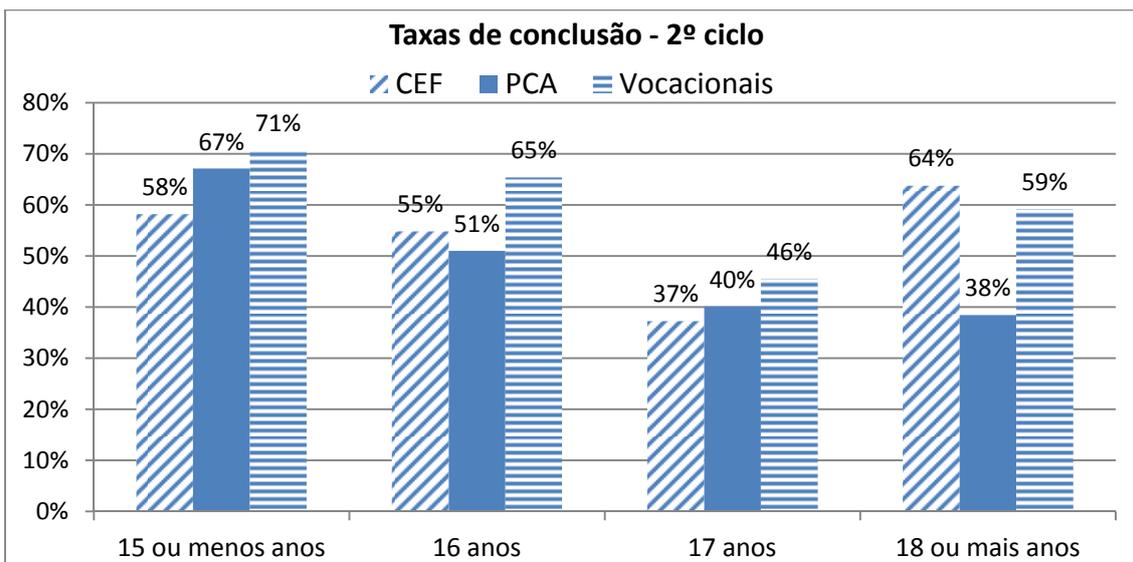


Figura 105: Taxas de conclusão, segundo a idade - 2º ciclo

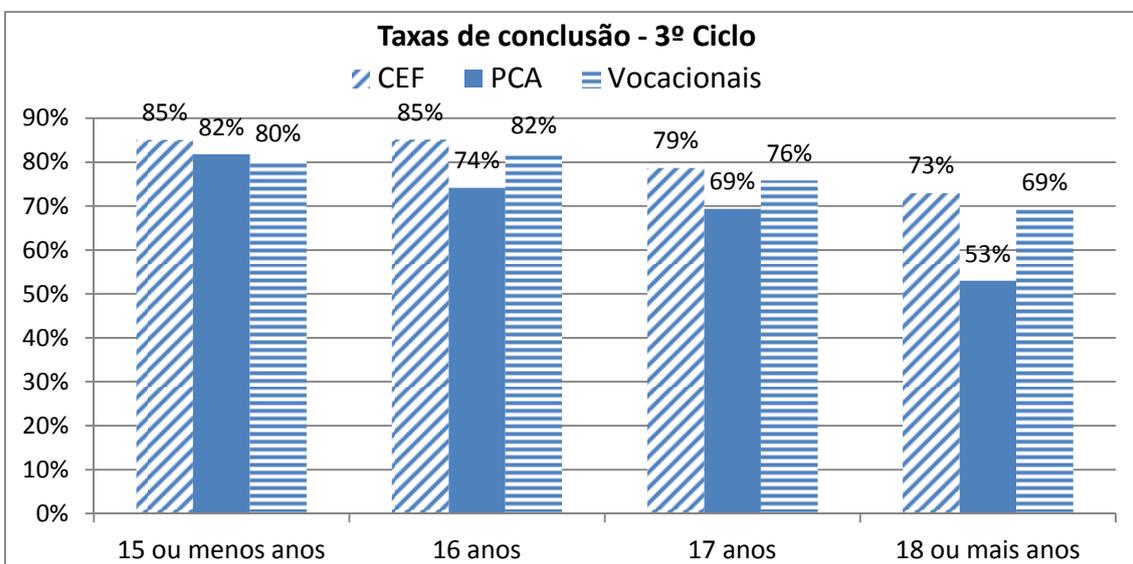


Figura 106: Taxas de conclusão, segundo a idade - 3º ciclo

Depois desta primeira abordagem em que comparámos resultados dos cursos vocacionais com as outras ofertas educativas olhando apenas para as estatísticas globais, vamos em seguida tirar partido da informação mais detalhada disponível na base de dados construída pela DGEEC, para aprofundar a análise em duas direções:

- i) Comparando os resultados dos cursos vocacionais com as outras ofertas educativas, controlando de forma mais rigorosa as diferentes características dos alunos.

- ii) Distinguindo as diferentes razões para não concluir o curso, incluindo na análise os alunos que abandonaram o curso por transferência para outra escola ou oferta educativa.

5.4.1.1 Comparação com CEF e ensino regular controlando as características dos alunos

O sexo, a idade e o contexto familiar dos alunos são fatores que afetam o seu desempenho escolar. Embora, como dissemos, as características dos alunos integrados nos cursos vocacionais sejam bastante similares às características dos alunos abrangidos pelos CEF, há mesmo assim algumas diferenças que podem condicionar os resultados obtidos. Para verificar se estes efeitos são significativos e para perceber se as diferenças nas taxas de conclusão são significativas tiramos partido dos *microdados* existentes na base de dados do Ministério da Educação para comparar os resultados dos CEF e dos cursos vocacionais controlando para as diferentes características dos alunos.

Utilizamos dados por aluno, para os alunos que frequentaram CEF no ano letivo de 2011/12⁸ e para os alunos que frequentaram os cursos vocacionais que já terminaram, ou seja, todos os que começaram em 2012/13 e aqueles que começaram em 2013/14 e tinham duração de 1 ano, e analisamos se a probabilidade de o aluno concluir o curso (ou transitar de ano) depende do curso que o aluno frequenta. Fizemos a mesma análise para a probabilidade de o aluno desistir do curso por abandono ou excesso de faltas. Para ver se a diferença é significativa controlamos para o sexo, a idade e a educação dos pais do aluno (quando temos esta informação) assim como para o tipo de escola que o aluno frequenta, pública ou privada.

Assim, as equações estimadas são:

$$P(\text{concluir}) = f(\text{curso}, \text{sexo}, \text{idade}, \text{educação dos pais}, \text{tipo de escola})$$

$$P(\text{desistir}) = f(\text{curso}, \text{sexo}, \text{idade}, \text{educação dos pais}, \text{tipo de escola})$$

⁸A utilização de dados de 2011/12 para os alunos dos CEF prende-se com a disponibilidade da base de dados da MISI, validada pela DGEEC, à data desta avaliação. Esta escolha implica que se estão a considerar anos letivos diferentes (embora muito próximos) para as várias ofertas educativas. Tendo a escolaridade obrigatória sido alargada dos 15 para os 18 anos em Agosto de 2009, aplicando-se aos alunos que em 2009/10 se inscreveram no 7ºano, os efeitos deste alargamento têm-se vindo progressivamente a fazer sentir no sistema educativo e podem ter algum efeito, que se pensa ser reduzido, nesta comparação.

Nas equações, “*curso*” representa uma variável *dummy* que toma o valor 1 no caso de o aluno frequentar um curso vocacional e 0 no caso de o aluno frequentar um CEF. Nesta análise, a variável dependente é a situação do aluno no fim do ano escolar, e portanto uma possibilidade é o aluno estar a frequentar Planos de Recuperação.

Na Tabela 15, apresenta-se a distribuição desta variável, ou seja, apresentam-se os resultados escolares para os cursos vocacionais e dois grupos de comparação, usando a classificação da plataforma *online* dos cursos vocacionais e fazendo o paralelismo com os termos utilizados na base de dados do Ministério da Educação para as outras ofertas educativas. Note-se que são incluídos nesta análise os alunos que foram transferidos e os alunos em planos de recuperação e se distinguem as situações de “não conclusão” (ou não transição) e de “desistência” do curso. A elevada percentagem de alunos que nos CEF aparece como "em plano de recuperação" justifica a diferença nos números apresentados e pode indicar que um aspeto importante a analisar é o tempo que os alunos levam a terminar o curso. Nos cursos vocacionais de 2 anos, este pode ser um aspeto relevante.

Outro grupo de comparação relevante são os alunos que estão no ensino regular mas já têm pelo menos duas retenções. A Tabela 15 também apresenta os resultados para este grupo de alunos já que também se pode considerar como alternativa aos cursos vocacionais o ensino regular. Para fazer esta comparação, extraiu-se da população do ensino regular do 2º e 3º ciclos do ensino básico os alunos com pelo menos mais 2 anos que a idade normal para o respetivo ano de escolaridade⁹. Obteve-se mais uma vez uma população com peso elevado de rapazes: 62% no total dos dois ciclos, 64% no 2º ciclo.

De acordo com a tabela, e olhando para os resultados gerais, verifica-se que os cursos vocacionais apresentam uma taxa de conclusão mais elevada que as duas alternativas. No entanto, a taxa de desistência (abandono e absentismo) é ligeiramente mais elevada nos cursos vocacionais do que nos CEF e bastante mais elevada que no ensino regular. Pelo contrário, a taxa de retenção é muito mais elevada no ensino regular para estes alunos mais velhos. A taxa de transferências é também mais elevada, possivelmente indicando uma passagem para outro tipo de ensino. Estes, são dois indicadores de que, provavelmente, e em média, estes alunos não se enquadram bem no ensino regular.

⁹Considera-se como idade normal para o respetivo ano de escolaridade a idade que o aluno teria iniciando a escolaridade no ano civil em que completa 6 anos e não tendo nenhuma retenção.

	Vocacionais - ensino básico	CEF	Alunos do 2º/ 3º ciclos do ensino básico regular com, pelo menos, mais 2 anos que a idade normal
	Cursos terminados	Ano letivo 2011-12	
Concluiu/Transitou	71,4%	57,9%	56,1%
Em plano de recuperação	1,6%	25,6%	0,3%
Não concluiu	14,7%	4,5%	33,3%
Transferido e Emigração	3,9%	3,9%	8,1%
Abandono/Absentismo	8,5%	8,0%	2,3%

Tabela 15: Resultados gerais comparativos dos cursos terminados

Fonte: Plataforma online dos cursos vocacionais e *microdados* da DGEEC, Ministério da Educação

Na Tabela 16, apresentamos os resultados das estimações realizadas comparando os resultados dos cursos vocacionais e dos CEF. As primeiras 4 colunas consideram apenas os alunos dos cursos vocacionais de 2013/14 e com apenas um ano de duração porque são aqueles para os quais os dados disponíveis são mais comparáveis com os dos alunos dos CEF. Na coluna (5) foram também incluídos os cursos que começaram em 2012/13, portanto foram incluídos todos os cursos já terminados. Na coluna (6) a mesma equação foi estimada considerando um modelo linear, como análise de robustez dos resultados.

Variável Dependente	Conclusão do Curso					
	1	2	3	4	5	6
Método de Estimação	Probit	Probit	Probit	Probit	Probit	OLS
CONSTANTE	0,199 (0,008)**	-1,777 (0,096)**	-1,303 (0,102)**	-2,584 (0,154)**	-2,541 (0,152)**	-0,465 (0,057)**
CURSO VOCACIONAL	0,369 (0,020)**	0,408 (0,020)**	0,363 (0,020)**	0,497 (0,029)**	0,504 (0,029)**	0,177 (0,010)**
RAPAZ		-0,043 (0,015)**	-0,045 (0,015)**	-0,036 (-0,020)	-0,039 (0,020)*	-0,013 (-0,007)
IDADE		0,128 (0,006)**	0,120 (0,006)**	0,182 (0,009)**	0,180 (0,009)**	0,068 (0,003)**
ESCOLA PÚBLICA			-0,373 (0,027)**	0,051 (-0,058)	0,039 (-0,057)	0,023 (-0,018)
EDUCAÇÃO PAIS				X	X	X
Observações:	33566	33566	33566	19486	19623	19486
Mc Fadden/ R2	0,008	0,018	0,023	0,030	0,031	0,039

Desvio-padrão entre parênteses. ** significativo a 1%, * significativo a 5%.

Tabela 16: Resultados de estimações comparativas da conclusão – cursos vocacionais vs CEF

Os resultados das estimações confirmam que a taxa de conclusão foi maior nos cursos vocacionais e mostram que a diferença é significativa mesmo incluindo todas as características dos alunos, ou seja, controlando para diferenças que possam existir entre os dois grupos de alunos. Verifica-se também que a idade aumenta a probabilidade de conclusão, e que na escola pública, a probabilidade de conclusão é menor, mantendo constantes as outras variáveis.

Na Tabela 17, são apresentados os resultados para a taxa de desistência, sendo considerada desistência a ocorrência em que o aluno não conclui o curso por deixar de o frequentar (abandono ou absentismo), não tendo havido uma transferência para outra turma ou escola. Os resultados mostram que a variável “curso vocacional”, que traduz o facto de o aluno estar a frequentar um curso vocacional e não um CEF, não é estatisticamente significativa na maioria das estimações. Nos poucos casos em que é significativa, é-o sempre apenas a 5%.

Portanto, apesar da taxa de desistência ser marginalmente mais elevada nos cursos vocacionais que nos CEF, essa diferença não parece ser significativa.

Variável Dependente	Desistência do Curso					
	1	2	3	4	5	6
Método de Estimação	Probit	Probit	Probit	Probit	Probit	OLS
CONSTANTE	-1,404 (0,011)**	-5,027 (0,138)**	-4,910 (0,144)**	-5,652 (0,235)**	-5,664 (0,233)**	-0,449 (0,033)**
CURSO VOCACIONAL	0,010 (-0,027)	0,068 (0,028)*	0,054 (-0,028)	0,079 (-0,044)	0,073 (-0,044)	0,011 (0,005)*
RAPAZ		0,015 (-0,022)	0,015 (-0,022)	-0,027 (-0,031)	-0,028 (-0,031)	-0,003 (-0,004)
IDADE		0,227 (0,008)**	0,225 (0,009)**	0,244 (0,013)**	0,246 (0,013)**	0,031 (0,002)**
ESCOLA PÚBLICA			-0,096 (0,034)**	0,192 (0,085)*	0,185 (0,083)*	0,027 (0,010)**
EDUCAÇÃO PAIS				X	X	X
Observações:	33566	33566	33566	19486	19623	19486
Mc Fadden/ R2	0,000	0,039	0,039	0,046	0,046	0,022

Desvio-padrão entre parenteses. ** significativo a 1%, * significativo a 5%

Tabela 17: Resultados de estimações comparativas da desistência – cursos vocacionais vs CEF

5.4.1.2 Resultados escolares nos cursos vocacionais por características dos cursos e dos alunos

Quando olhamos apenas para os cursos iniciados em 2012/13 podemos tentar ter alguma ideia sobre resultados diferentes consoante a duração do curso. Os resultados apresentados abaixo parecem apontar para taxas de conclusão mais baixas nos cursos de 2 anos, sendo no entanto conveniente ter presente o reduzido número de turmas, principalmente no 2º ciclo onde apenas funcionaram duas turmas: uma correspondente a um curso de 1 ano, e outra a um curso de 2 anos. Será importante voltar a olhar para esta questão após a conclusão dos cursos com 2 anos que só terminarão em Julho de 2015 e só então tirar conclusões sobre diferentes taxas de conclusão segundo a duração dos cursos.

	2.º Ciclo		3.º Ciclo		Total
	1 ano	2 anos	1 ano	2 anos	
Número de alunos inscritos	15	20	124	132	291
Terminou o curso	80,0%	50,0%	75,0%	65,2%	69,1%
A frequentar plano de recuperação	0,0%	0,0%	0,0%	3,0%	1,4%
Transferência e Emigração	0,0%	5,0%	1,6%	8,3%	4,8%
Não concluiu	20,0%	25,0%	6,5%	14,4%	12,0%
Saiu do curso / desistiu	0,0%	20,0%	18,5%	17,4%	17,2%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 18: Resultados finais dos alunos dos cursos iniciados em 2012/13 por ciclo e duração

Os gráficos seguintes (Figura 107 e Figura 108) apresentam a taxa de conclusão para os cursos que já terminaram, com base no critério utilizado na plataforma *online*, que considera a situação no final do ano letivo. No 2º ciclo a taxa de conclusão é mais alta no privado mas a situação inverte-se no 3º ciclo. Os rapazes têm sistematicamente taxas de conclusão mais baixas e no 2º ciclo verifica-se que a taxa de conclusão diminui com a faixa etária. No 3º ciclo, no entanto, a taxa de conclusão é mais alta no grupo etário dos 15, 16 anos.

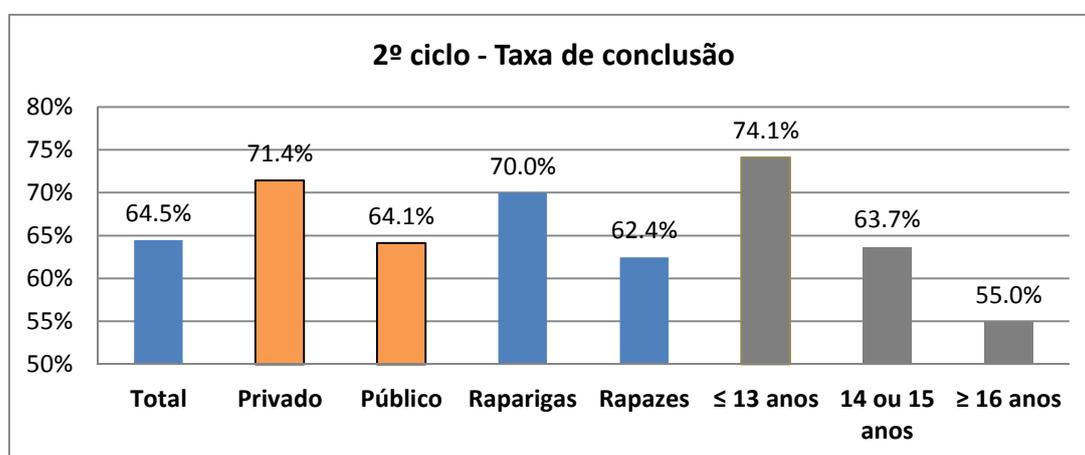


Figura 107: Taxas de conclusão (2º ciclo), com base no critério utilizado na plataforma online

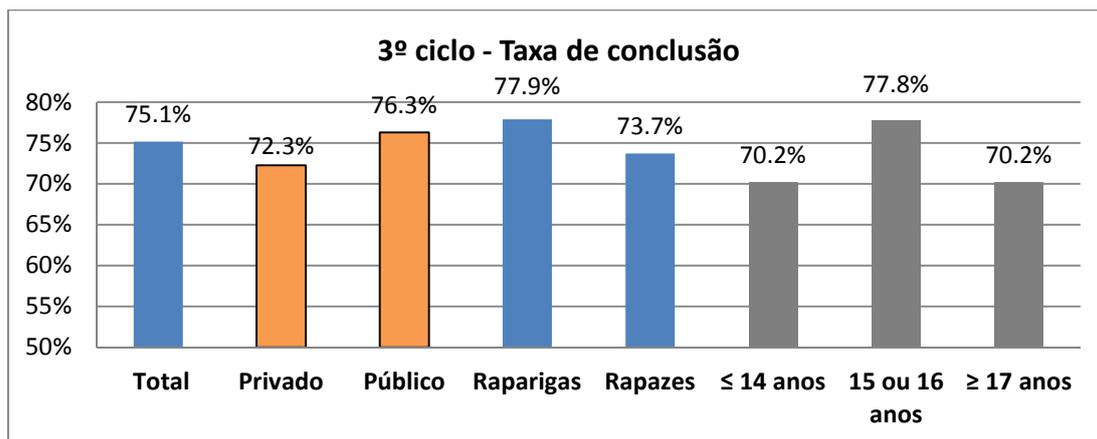


Figura 108: Taxas de conclusão (3º ciclo), com base no critério utilizado na plataforma online

Relativamente à origem escolar do aluno, verifica-se que aqueles que já vinham de vias vocacionais são os que têm taxas de conclusão mais baixas, provavelmente, porque a razão porque tinham já optado por vias vocacionais está ligada a maiores dificuldades de aprendizagem ou integração (Figura 109).

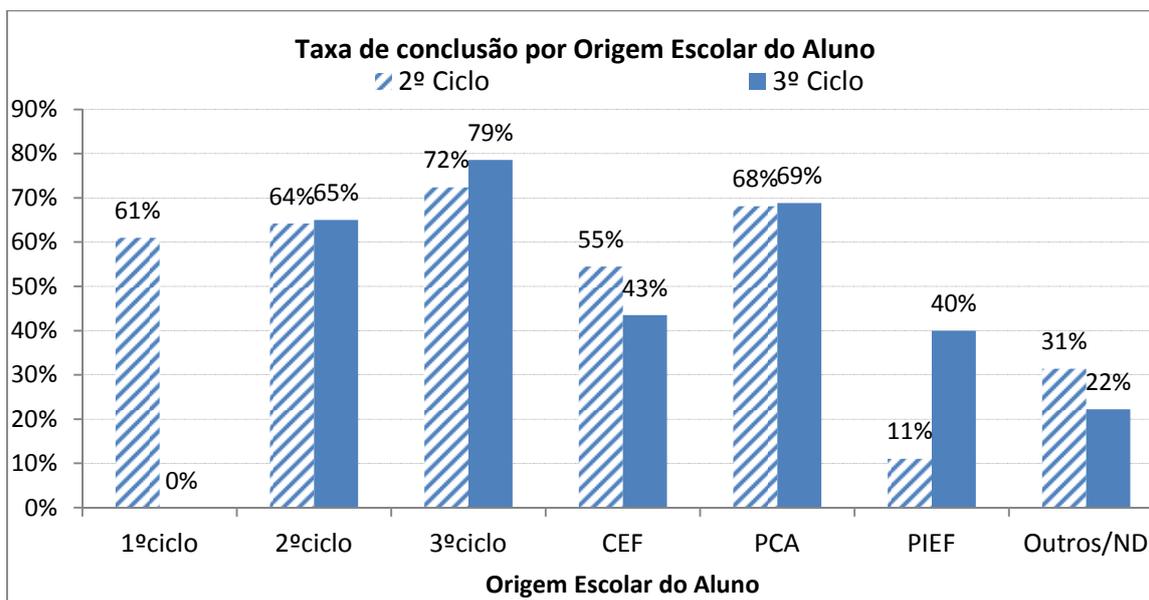


Figura 109: Taxas de conclusão (2º e 3º ciclos), segundo origem escolar do aluno

5.4.2 Avaliação Global

Para finalizar, incluem-se alguns resultados sob a forma de apreciações globais retirados dos inquiridos a alguns dos grupos inquiridos.

5.4.2.1 A opinião das Direções das escolas

Assim, no que diz respeito às Direções das escolas, foi perguntado se estariam interessados em criar novas turmas vocacionais no futuro. A resposta é esmagadoramente afirmativa, ainda que subsistam 16% de casos que ou afirmam não estarem interessados em criar novas turmas (8%), ou não terem ainda uma opinião formada (8%).

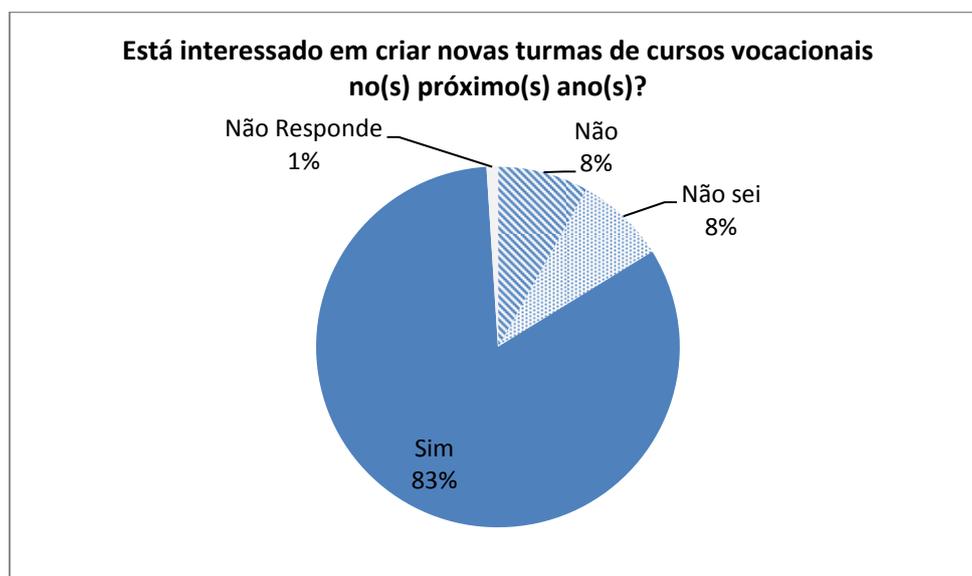


Figura 110: Inquiridos às direções - interesse em criar novas turmas vocacionais

5.4.2.2 A opinião das empresas

A maioria das empresas reconhece os benefícios atuais e futuros da colaboração com as escolas, apesar de, ainda assim, ser expressiva a percentagem de empresas que, avaliada a experiência, não reconhecem ter beneficiado, ou poder vir a beneficiar, desta colaboração (Figura 112 e Figura 112).

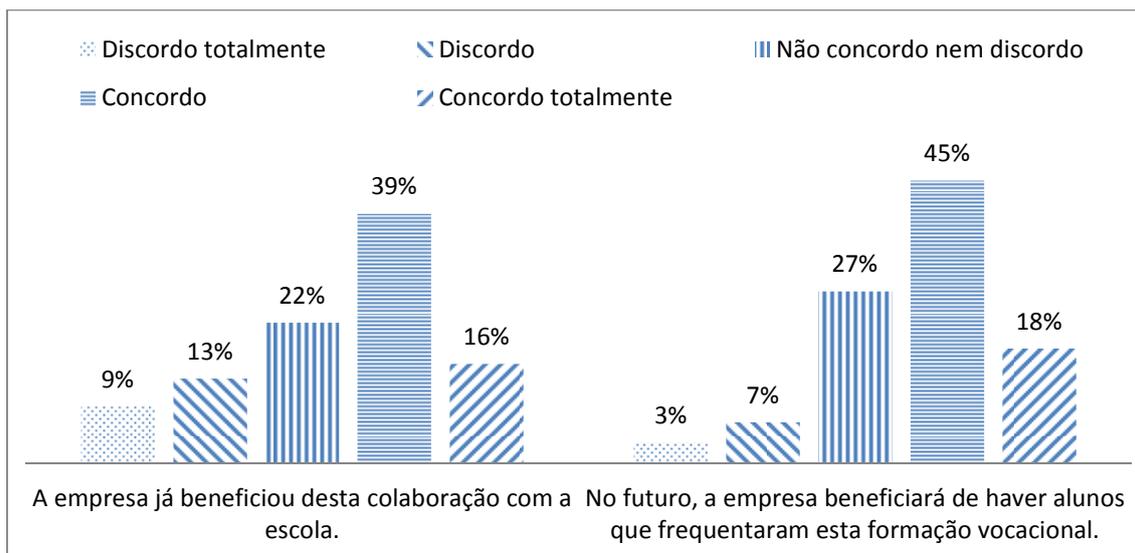


Figura 111: Inquérito aos tutores (curso do ensino básico) - percepção de benefícios atuais e futuros

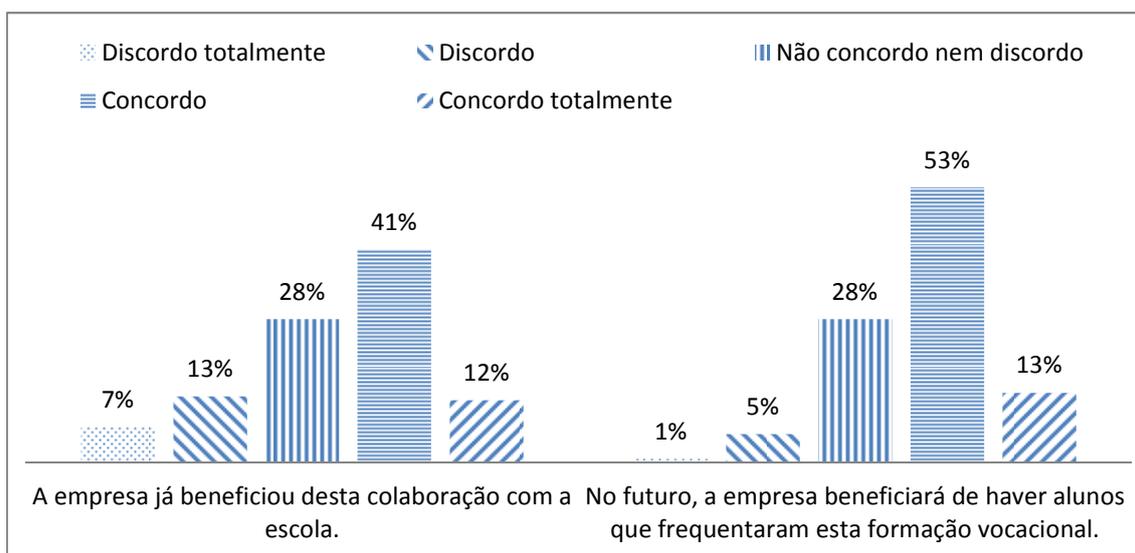


Figura 112: Inquérito aos tutores (cursos do ensino secundário) - percepção de benefícios atuais e futuros

5.4.2.3 A opinião dos Professores

Procurando fazer um balanço global, em termos de benefícios para os alunos desta oferta formativa, alguns professores mencionam a “*redução do abandono escolar*” e outros que notaram uma melhoria na “*autoestima*” dos seus alunos através da realização de trabalhos práticos. Nota-se nos comentários que há professores muito realizados com este trabalho e outros muito descontentes por sentirem ser muito difícil trabalhar com alunos muito desmotivados e desinteressados.

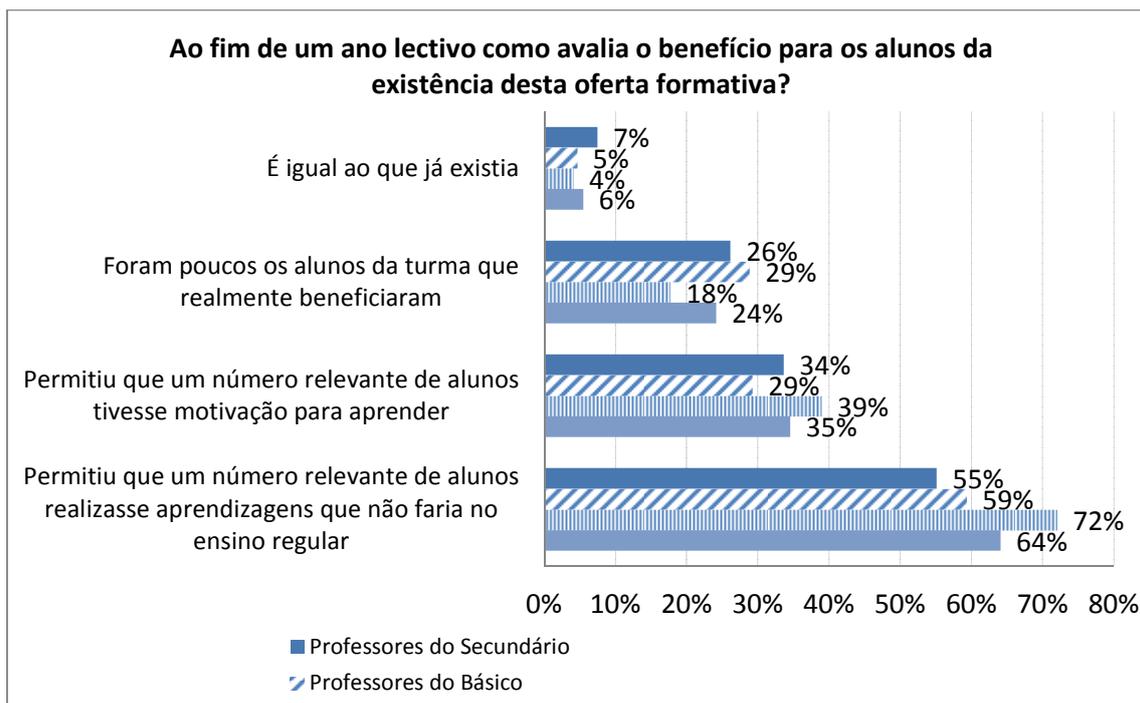


Figura 113: Inquérito aos professores - percepção geral do benefício para os alunos

5.4.2.4 A opinião de Alunos e Pais

No que diz respeito aos alunos, e procurando igualmente fazer um balanço geral da experiência, colocou-se a seguinte questão: “Se tivesses que tomar a decisão hoje, voltarias a inscrever-te neste curso?”. As respostas são claramente positivas, na medida em que 78,4% dos inquiridos (equivalendo a 83,6% das respostas válidas) respondem “Sim”, mas não deixamos de fazer referência ao facto de ainda assim, haver uma percentagem com alguma relevância de alunos que respondem “Não”, mais significativa entre os alunos dos cursos secundários. Comparando com a questão semelhante colocada aos pais (ver Figura 117), regista-se uma diferença de cerca de 10% nas respostas “Sim”, com os pais a serem mais afirmativos.



Figura 114: Inquérito aos alunos - "voltarias a inscrever-te neste curso?"

Por último, para avaliar as perspetivas futuras dos alunos, perguntou-se se pretendiam *"continuar a estudar"*. As respostas são também aqui muito afirmativas, com 81,6% do total de respostas válidas a responderem *"Sim"* e apenas 6,2% a responderem negativamente. De registar no entanto que 12,1% responderam *"Não se"*. Ainda assim, nota-se aqui uma diferença significativa entre os alunos dos cursos do ensino básico e do secundário, com estes a serem muito menos afirmativos quanto ao desejo em continuar os estudos. Se, no caso dos alunos do ensino básico, face à idade e potenciais perspetivas em termos profissionais, seria de esperar um reduzido número de respostas negativas, já quanto aos alunos dos cursos secundários, se atendermos a que este inquérito foi realizado a meio do curso vocacional, podem estes resultados indiciar um elevado grau de abandono no final deste primeiro ano do curso, justificando-se pois uma especial atenção a estes casos. Todavia, esta afirmação carece de confirmação, justificando-se uma análise rigorosa relativa ao número de abandonos no final do 1º ano dos cursos do ensino secundário.

Para os alunos que manifestaram intenção em continuar a estudar, perguntou-se ainda *"em que tipo de ensino queres continuar os teus estudos"*. Os resultados mostram que, por um lado, os alunos dos cursos do ensino básico manifestam intenção clara de prosseguir estudos num Curso Profissional (52,1%) ou num Curso Vocacional (30,3%), admitindo-se que algumas das opções pelos cursos profissionais se devam à incerteza sobre a continuidade, na escola que frequentam, de um curso vocacional secundário.

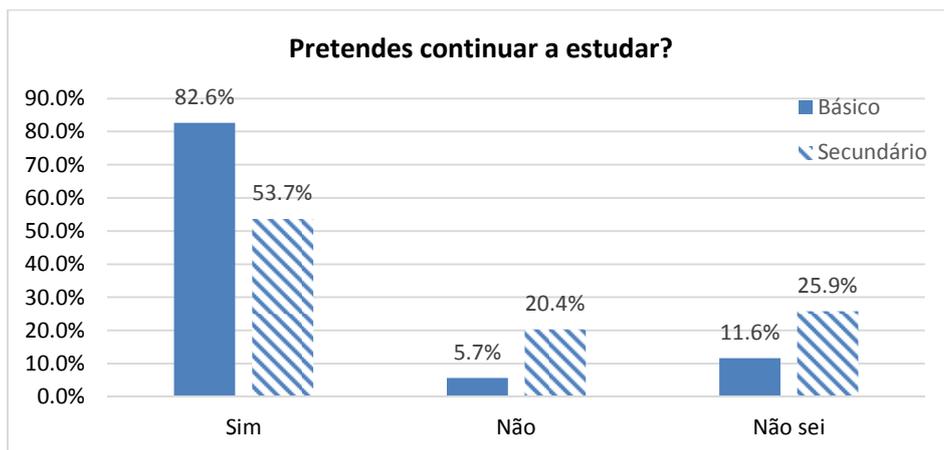


Figura 115: Inquérito aos alunos - continuidade dos estudos

Por outro lado, a análise das respostas dadas pelos alunos dos cursos secundários é algo confusa e geradora de dúvidas quanto à correta interpretação da pergunta, sendo de difícil compreensão as opções pelo “*ensino profissional*”, bem como outras respostas (CEF), se bem que residuais e, por consequência, não são valorizadas.

Ainda assim, e talvez seja a conclusão mais importante, uma percentagem significativa (40,2%) destes alunos manifesta intenção de prosseguir estudos num curso pós-secundário (CET) ou superior (CTSP ou ensino superior) (Figura 116).

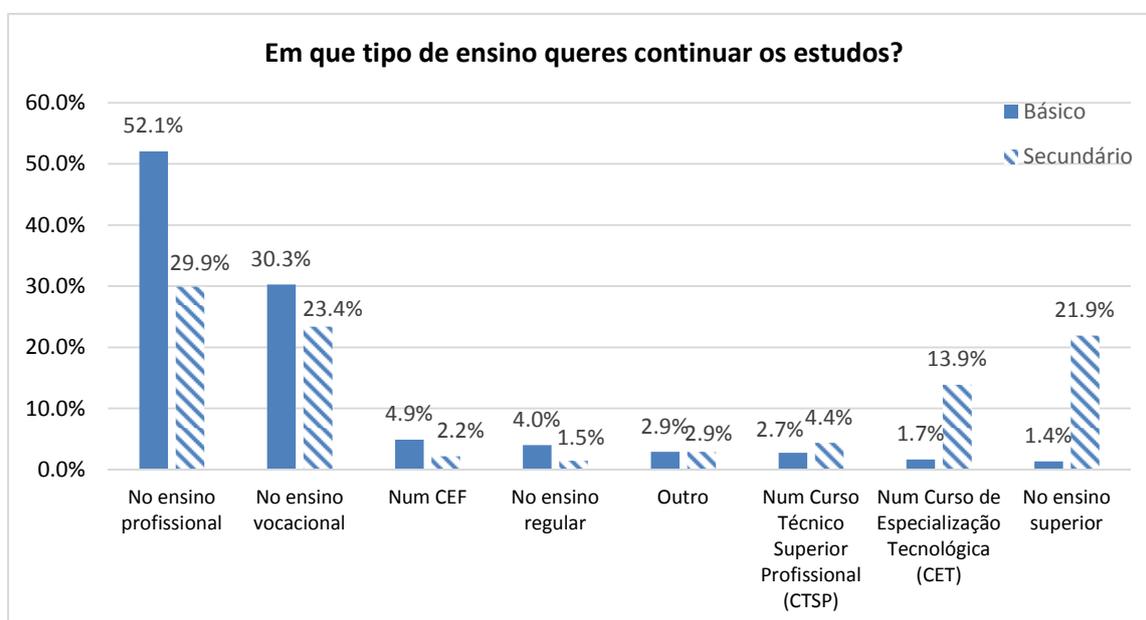


Figura 116: Inquérito aos alunos - perspetivas de prosseguimento de estudos

Por último, também os pais foram questionados sobre se “*voltaria a inscrever o seu educando neste curso*”, sendo aqui também a resposta perentoriamente positiva, na medida em que

quase 89% respondem afirmativamente e apenas 5,5% respondem “Não”, embora esta última percentagem seja ligeiramente superior entre o subgrupo de P/EE dos alunos do ensino Secundário (8,2% contra 5,6%).

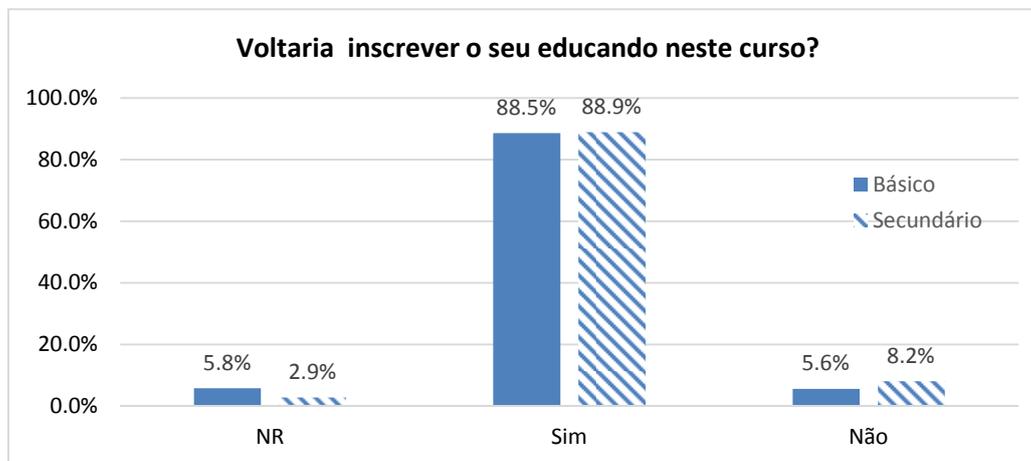


Figura 117: Inquérito aos Pais/EE - "voltaria a inscrever o seu educando neste curso?"

6 Conclusões

Nesta secção sintetizamos as respostas às questões colocadas no despacho de nomeação da Comissão de Avaliação Externa da Experiência-piloto dos Cursos Vocacionais. Para isso baseamo-nos nos resultados anteriormente apresentados e no que pudemos observar nas visitas às escolas.

Reproduzimos em seguida as questões enunciadas no despacho e apresentamos para cada uma as conclusões respetivas.

- *A adequabilidade [dos cursos vocacionais] tendo em vista os objetivos a que se propõem;*

Para julgar a adequabilidade dos cursos vocacionais é preciso ter em conta a população a que se destinam, alunos que revelaram dificuldades de aprendizagem no seu percurso anterior e/ou falta de motivação para prosseguir estudos, e os objetivos que pretendem alcançar.

Cerca de metade dos professores que respondeu ao inquérito considera que esta oferta educativa é muito ou muitíssimo adequada a estes alunos, cerca de um terço considera que é medianamente adequada e apenas 16% considera que não é adequada. Quando comparada com os Cursos de Educação e Formação (CEF) verifica-se uma divisão na opinião dos professores: cerca de 40% não considera os cursos vocacionais nem mais nem menos adequados que os CEF mas, os restantes professores, dividem-se igualmente entre pensar que são mais adequados, e pensar que são menos adequados. Entre os professores do secundário a opinião de que os cursos vocacionais são mais adequados é ligeiramente mais forte. Pode ser importante perceber se esta disparidade de opiniões está relacionada com a grande heterogeneidade de alunos, sendo possível que as diferentes ofertas educativas se adequem melhor a diferentes tipos de alunos. A maior flexibilidade dos cursos vocacionais, muito valorizada por alguns professores, pode ser mais importante para os alunos mais novos e com grandes dificuldades de aprendizagem. Para alunos mais velhos a possibilidade de certificação profissional dada pelos CEF pode ser relevante, e talvez seja uma possibilidade a ter em conta nalguns cursos vocacionais do ensino básico com alunos mais velhos.

Em termos da matriz curricular um terço dos professores considera-a muito adequada, quase metade medianamente adequada e apenas cerca de 20% considera que não é adequada.

Quanto à carga horária dos cursos, a maioria dos professores concorda com a manutenção da carga horária total assim como com a de cada componente. No entanto, há uma diferença clara entre as componentes geral e complementar, e a componente vocacional. Nas componentes geral e complementar, quase 40% das respostas dos professores indicam uma preferência para reduzir a carga horária. Na componente vocacional e também na prática simulada ou estágio, mais de 30% das respostas indicam uma preferência por aumentar a carga horária. Mais de um terço dos professores sugere a inclusão na matriz de uma disciplina de Tecnologias de Informação.

Os alunos consideram a carga horária excessiva, sendo a questão da exigência dos horários mais relevante entre os alunos dos cursos vocacionais secundários: este é o aspeto negativo dos cursos mais apontado pelos alunos do secundário (39% dos alunos), e o que aparece em segundo lugar entre os alunos do básico (27% dos alunos).

Cerca de 60% dos alunos considera a dificuldade do curso mediana e no básico apenas 7% considera os cursos difíceis (12% no secundário) o que é também uma indicação da adequabilidade dos cursos.

Confrontando com os objetivos definidos, os professores consideram a componente prática e a ligação com as empresas importantes para motivar os alunos e para os aproximar do mercado do trabalho. Esta é também a visão dos próprios alunos e dos seus pais/EE. No entanto, em relação à intercomunicabilidade entre as vias vocacional e de prosseguimento de estudos, são poucos os professores que pensam que após a conclusão do curso vocacional o aluno é capaz de prosseguir estudos no ensino regular.

Na opinião dos professores os maiores obstáculos ao funcionamento destes cursos são claramente os aspetos ligados à indisciplina, falta de responsabilidade e falta de autonomia dos alunos. Há muitos professores que se queixam do desinteresse dos alunos e da falta de responsabilidade dos pais. Tendo estes cursos como público-alvo alunos que revelaram dificuldades de aprendizagem no seu percurso anterior e/ou falta de motivação para prosseguir estudos é natural que estas dificuldades existam e dificilmente serão eliminadas.

Parece importante que isso seja tido em conta na constituição das turmas, nomeadamente no que se refere à dimensão da turma -que a maioria dos professores, pais e alunos considera excessiva - e também à heterogeneidade dos alunos em termos da sua preparação anterior. O facto de se tratar de alunos com dificuldades a vários níveis, de se juntarem alunos com origens escolares diversificadas e, portanto, preparações anteriores diversas, e de se

pretender um ensino mais prático torna este aspeto mais premente. Parece justificar-se que a dimensão média das turmas nestes cursos seja inferior à dimensão média das turmas do ensino regular, como acontece nos Cursos de Educação e Formação.

O reforço do apoio de psicólogos e assistentes sociais ao funcionamento destes cursos poderá também contribuir para ultrapassar estas dificuldades. Todavia, relativamente a este aspeto, as perceções entre alunos e professores são contraditórias.

- *A qualidade da oferta formativa, tanto ao nível dos conteúdos escolares como da formação ministrada pelas empresas;*
- *A adequabilidade da habilitação/formação docente para a especificidade dos cursos;*

Quanto à qualidade da oferta educativa, a nossa avaliação baseia-se apenas na opinião dos próprios professores, dos alunos e dos pais. O que podemos dizer é que a enorme maioria dos alunos e dos pais considera que as aulas das várias componentes correram bem e que os estágios ou atividades de prática simulada também correram bem. Cerca de 40% dos alunos considera que as atividades realizadas nas empresas preparam para uma profissão e são interessantes e úteis. São menos de 3% os alunos que consideram que as atividades realizadas são demasiado básicas.

A articulação entre as várias componentes também parece ter corrido bem. No entanto, a maioria dos professores diz que seria preciso prever tempo no horário para esta coordenação.

Quanto à formação dos professores, verifica-se que mesmo entre os da área vocacional, há bastantes que, embora não tendo formação específica na área do curso, possuem experiência na área. Enquanto no ensino básico este aspecto poderá não ser relevante visto que a área vocacional apenas pretende motivar para a profissão, ao nível do ensino secundário parece exigir uma reflexão. Quanto ao corpo docente afeto a estes cursos, baseando-nos nas respostas ao inquérito, a idade média estará entre os 41 e os 50 anos e o tempo de serviço entre os 11 e os 20, indicando que se trata de professores experientes. Entre os tutores nas empresas que responderam ao inquérito, a maioria também já tem mais de 10 anos de experiência na empresa.

- *A articulação que se pretende construir entre as escolas as empresas;*
- *As principais dificuldades ou fragilidades no processo de articulação entre a escola e a empresa;*

Relativamente à articulação entre escolas e empresas, há a referir que ao fim de 2 anos de funcionamento destes cursos há parcerias estabelecidas com mais de 5000 empresas e em geral os estágios e práticas simuladas que já ocorreram parecem ter funcionado bem. Os tutores que responderam ao inquérito fazem uma avaliação positiva da colaboração com a escola. Entre os alunos e os seus pais/EE, cerca de 70% considera que os estágios/prática simulada correram bem ou muito bem e apenas cerca de 5% considera que correram mal ou muito mal.

Por outro lado encontrar empresas com quem estabelecer parceria é a maior dificuldade identificada pelas Direções das escolas na fase de planeamento e organização do curso e é também uma dificuldade referida por cerca de 30% dos professores. Mais de metade dos professores (66% no caso dos professores do secundário) sugere que seja feita uma maior divulgação destes cursos junto das empresas para facilitar a sua criação e o estabelecimento das parcerias.

Ao longo do ano a articulação pode ser melhorada já que, mesmo entre os Coordenadores dos cursos, há cerca de 15% que dizem não ter visitado as empresas parceiras, ou conhecido, os tutores talvez porque, em alguns casos, os alunos são divididos pelos docentes da componente técnica do curso que irão fazer este acompanhamento.

Durante o ano letivo, a falta de financiamento para as deslocações para as empresas e para o almoço fora da escola durante os períodos de estágio, é uma dificuldade mencionada repetidamente por direções, professores, pais e alunos, o que pode justificar algumas das dificuldades mencionadas na articulação com as empresas.

- *Os principais benefícios já alcançados para os alunos, para as empresas envolvidas e para as regiões;*

Questionados no final do ano letivo, 89% dos pais afirma que voltaria a inscrever o seu educando no curso vocacional. No entanto entre os alunos a percentagem que diz que voltaria a inscrever-se no curso vocacional é de 79% entre os alunos do básico e 75% entre os alunos

do secundário, sendo que só responderam ao inquérito os alunos que não desistiram ao longo do ano.

Na perspetiva dos coordenadores dos cursos, a maioria (72%) acha que o funcionamento dos cursos vocacionais permitiu que um número relevante de alunos tenha obtido uma formação que não faria no ensino regular. Entre o conjunto dos professores, a percentagem que tem a mesma opinião é mais baixa: 55% entre os professores do secundário e 59% entre os professores do básico. No entanto, são muito poucos os professores que acham que esta oferta educativa é igual ao que já existia (cerca de 5%). Dado que quando se pediu para comparar com os CEF, os professores se dividiram de forma bastante simétrica entre a opinião de que os cursos vocacionais são menos adequados para estes alunos e a opinião de que são mais adequados, poderá valer a pena perceber o que justifica estas diferenças de opinião.

Entre os tutores que responderam aos inquéritos, a maioria concorda com as afirmações de que “a empresa já beneficiou desta colaboração com a escola” e de que “no futuro, a empresa beneficiará de haver alunos que frequentaram esta formação vocacional”.

Dada a natureza muito recente da criação destes cursos e o facto de ainda haver muito poucos formandos a concluírem os mesmos, não existem dados objetivos e fiáveis que nos permitam extrair conclusões sustentadas sobre os “benefícios para a região

- *O impacto na promoção do sucesso escolar e no combate ao abandono escolar;*
- *As taxas de abandono e de sucesso;*

Relativamente ao impacto na motivação dos alunos, na promoção do sucesso escolar e na redução do abandono escolar, a opinião dos pais é relativamente positiva, com cerca de um terço a afirmar que os filhos estão mais motivados para ir para a escola. Quando questionados sobre o prosseguimento de estudos, 83% dos alunos do básico dizem que pretendem continuar a estudar e apenas 6% diz que não o pretende fazer. Mesmo entre os alunos do secundário, há 54% a declarar que pretende continuar a estudar.

De referir que não é possível usar os dados da DGEEC para estudar o efeito desta oferta educativa no abandono escolar dado que não existem dados que liguem o abandono escolar ao tipo de oferta educativa previamente frequentado pelo jovem. Os dados que existem são sobre desistência de uma determinada oferta educativa, o que pode significar apenas que o jovem decidiu frequentar outro tipo de oferta.

Em alternativa, o impacto na promoção do sucesso escolar e na redução do abandono escolar pode ser avaliado olhando para as taxas de conclusão e desistência.

Em relação aos cursos do ensino secundário é importante ter em conta que estes cursos têm todos duração de 2 anos tendo estado em funcionamento apenas por um ano. Assim, não é possível olhar para taxas de conclusão. Os dados sobre desistências ao longo deste primeiro ano, não sendo definitivos, parecem ser elevados, justificando-se uma análise mais aprofundada.

Em relação aos cursos do básico analisámos mais detalhadamente os cursos que já terminaram, ou seja, todos os que começaram em 2012/13 e aqueles que começaram em 2013/14 e tinham duração de 1 ano, já que só para estes podemos falar de taxas de conclusão. Fizemos a comparação com os resultados das ofertas educativas mais similares, CEF e PCA, tal como publicados nas Estatísticas da Educação, ou seja eliminando da análise as transferências, e considerando a situação do aluno após possíveis planos de recuperação. Fazendo esta análise, verificamos que nos cursos do 2º ciclo, a taxa de conclusão foi mais elevada nos cursos vocacionais que nos CEF e ligeiramente mais elevada que nos PCA. A diferença deve-se aos resultados das raparigas. No 3º ciclo as taxas de conclusão são muito parecidas nas três ofertas educativas.

Tirando partido dos dados mais detalhados da base de dados do Ministério da Educação e Ciência, podemos incluir na análise as transferências e considerar os alunos em plano de recuperação. As transferências são importantes porque, embora possam resultar de meras mudanças de residência, podem igualmente sinalizar que o aluno não está contente com o curso ou que o aluno, os pais ou os professores concluem que este não é uma resposta adequada para o aluno. Fazendo esta análise e comparando os cursos vocacionais com os CEF verificamos que a percentagem de transferências e a taxa de abandono ou desistência por excesso de faltas é muito idêntica nas duas ofertas educativas. No entanto, a taxa de conclusão é muito mais elevada nos cursos vocacionais (71% *versus* 58%) já que a percentagem de alunos em plano de recuperação é muito maior nos CEF.

Comparando com os alunos do ensino regular com pelo menos mais dois anos que a idade normal para o ano de ensino em que estão matriculados, verificamos que a taxa de conclusão nos cursos vocacionais é muito mais elevada (71% vs 56%) sendo que no caso dos alunos do ensino regular a percentagem destes alunos que "não conclui" o ano é de 33% e a percentagem de transferências de 8%, o que é o dobro do que se verifica nos CEF ou nos cursos vocacionais.

Finalmente, e tirando mais uma vez partido dos dados mais detalhados da base de dados do Ministério da Educação para comparar os resultados dos cursos vocacionais com os CEF controlando para diferenças de género, idade, tipo de escola e nível de educação dos pais dos alunos, o que se obtém é que a taxa de conclusão é mais elevada nos cursos vocacionais enquanto a diferença na taxa de desistência não é significativa.

Em conclusão, nos cursos do ensino básico, parece verificar-se uma taxa de conclusão mais elevada nos cursos vocacionais que nas ofertas educativas similares para alunos com as mesmas características mas a diferença observada é pequena. A diferença será mais patente no 2º ciclo. Relativamente às taxas de desistência não se observam diferenças significativas.

- *Os recursos humanos e físicos envolvidos;*

Salientando-se que as conclusões seguintes resultam da percepção dos professores inquiridos sobre os recursos colocados à sua disposição, pode afirmar-se que, no que diz respeito aos recursos humanos que seria importante reforçar, aquele que aparece em primeiro lugar nas respostas dos professores e dos coordenadores, são os psicólogos. De seguida, aparecem os assistentes sociais e os professores da área vocacional, sendo que no ensino básico aparecem primeiro os assistentes sociais e no ensino secundário a primazia é dos professores da área vocacional. Há ainda alguns professores que mencionam a necessidade de mediadores. Em conjunto é claro que os professores sentem falta de apoio técnico que os ajude a responder às necessidades globais deste grupo de alunos, que não são apenas dificuldades de aprendizagem.

De referir, no entanto, que 31% dos professores do secundário e 19% dos professores do básico dizem haver recursos humanos suficientes. E as direções não referem que tenha sido difícil encontrar os professores das várias áreas.

Já quanto aos recursos materiais, são menos os professores a dizer que há recursos suficientes: 22% no secundário e apenas 11% no básico. Os recursos materiais que seria mais importante reforçar são os manuais adaptados e as oficinas, sendo as necessidades claramente maiores nos cursos do ensino básico que nos cursos do secundário. Muitos professores e direções de escolas mencionam a necessidade de financiamento para algumas atividades e para materiais específicos das áreas vocacionais.

Avaliação Global e Recomendações

Fazendo uma avaliação global e final, a Comissão considera que a experiência piloto dos cursos vocacionais é francamente positiva, responde globalmente aos objetivos para que foi criada, e deve ter continuidade. Esta conclusão é sobretudo válida para os cursos vocacionais do ensino básico atendendo ao facto de não haver ainda dados para se poder fazer uma análise mais objetiva no que se refere ao secundário. Todavia, e como seria de esperar, parece haver espaço para melhorias e alguma reflexão sobre alguns aspetos específicos.

Em particular nos cursos vocacionais secundários, dado o facto de em 2013/14 terem funcionado apenas 20 turmas e de esta avaliação ter sido realizada a meio da duração de 2 anos destes cursos, a Comissão não dispõe de informações que lhe permitam, com segurança, emitir uma opinião objetivamente fundamentada, carecendo de uma análise no final do ano letivo 2014/15, ano em que concluem os cursos os primeiros alunos. Assim, a avaliação é necessariamente preliminar. A avaliação realizada é positiva no que se refere ao funcionamento dos cursos ao longo deste ano. Sendo necessário ter em conta que estes alunos poderiam não estar no sistema e que esta oferta aparece como estratégia de implementação da escolaridade obrigatória, chama-se ainda assim a atenção para a aparentemente elevada taxa de desistências ao longo deste primeiro ano. Será importante perceber se resulta de uma má seleção inicial dos alunos para uma oferta formativa ainda pouco conhecida (até pela necessidade de atingir um número mínimo de alunos para poder abrir uma turma), ou de os alunos não encontrarem nos cursos a resposta à sua falta de motivação ou às suas dificuldades anteriores.

Neste contexto, emitem-se de seguida algumas sugestões ou recomendações, para reflexão das entidades competentes. Tendo em consideração o que foi possível avaliar e auscultar, consideramos pertinente recomendar ou sugerir:

- 1) Que, atendendo às características específicas dos alunos destes cursos, seja fixado um número máximo de alunos por turma/curso, que deverá ser inferior aos limites fixados para o ensino regular, sugerindo-se um número próximo dos 20 alunos por turma;
- 2) Que se reflita, ao nível dos cursos vocacionais secundários, sobre as cargas horárias e as matrizes curriculares dos cursos. A carga horária é considerada pesada (porque concentrada em apenas 2 anos) por muitos dos intervenientes e a ligação das matrizes curriculares com os referenciais de formação do nível IV do Quadro Nacional de Qualificações, parece introduzir alguma rigidez que não parece ser do agrado nem dos professores, nem das empresas;

- 3) Que se aprofunde a avaliação comparativa dos cursos vocacionais com outras ofertas educativas de tipo vocacional: CEF, PCA, e cursos profissionais, de modo a poder aproveitar eventuais aspetos positivos destas alternativas;
- 4) Que se reflita sobre a questão do financiamento dos cursos, nomeadamente dos custos decorrentes das deslocações, quer de alunos, quer de docentes, às empresas onde se realizam os estágios formativos;
- 5) Que, sendo a “proximidade” entre professores e alunos aspetos a valorizar, seja avaliada a possibilidade de as escolas poderem assegurar a continuidade da equipa docente (especificamente dos docentes contratados), em especial nos cursos de 2 anos de duração;
- 6) Que se garanta que todas as escolas têm efetiva disponibilidade ou acesso a psicólogos escolares para colaborarem, não só no processo de seleção e encaminhamento dos alunos, mas também no seu acompanhamento ao longo do ano;
- 7) Que se garanta, em todas as escolas onde a população escolar o justifica, o acesso a assistentes sociais;
- 8) Que se reflita, ao nível das escolas, sobre os critérios e o processo de seleção/orientação dos alunos, procurando reduzir a heterogeneidade dos alunos que parece condicionar e afetar negativamente o desenvolvimento dos cursos;
- 9) Que seja estudada, de uma forma mais aprofundada e objetiva, e tendo em conta o público-alvo, a questão dos abandonos/desistências. Não tendo a Comissão dados exatos sobre o número de abandonos/desistências, importa avaliar a dimensão do fenómeno e as suas causas para aferir em que medida os cursos vocacionais contribuem para o cumprimento do objetivo de reduzir o abandono escolar, algo que nesta fase não é possível concluir com elevado grau de segurança;
- 10) Que sejam tomadas medidas para evitar eventuais erros administrativos de alunos inscritos nos cursos do ensino secundário sem terem atingido a idade mínima regulamentada e assim evitar o que se poderia denominar como alguma “adulteração” dos objetivos destes cursos: a Comissão teve oportunidade de ouvir testemunhos de alunos que justificaram a sua presença nestes cursos, por pensarem ser uma forma mais rápida de concluir o ensino secundário e se candidatarem a prosseguir estudos de nível superior. O Grupo de Acompanhamento informou a Comissão que, nos casos em que se detetaram alunos inscritos sem terem atingido a idade mínima regulamentada, estes alunos têm que fazer um plano de estudos de 3 anos;
- 11) Que, à semelhança do que ocorre com as componentes geral, complementar e vocacional (nas quais os alunos têm de assistir a pelo menos 90 % dos tempos letivos

de cada módulo) seja introduzida alguma flexibilidade no grau de cumprimento das horas do Estágio Formativo (no qual o aluno tem que participar a 100%);

- 12) Que, sobretudo relativamente aos “coordenadores” de curso, sejam acrescentados alguns “créditos horários”, tendo em conta a carga de trabalho significativamente acrescida necessária para implementar uma efetiva articulação com as empresas;
- 13) Que se promova a troca de experiências e boas práticas entre coordenadores e professores dos cursos vocacionais. Há muitas experiências válidas que poderão ser generalizadas;
- 14) Que haja um trabalho de divulgação destes cursos junto das empresas, de modo a aumentar a receptividade destas ao estabelecimento de parcerias com as escolas e à possibilidade de receber alunos para a realização de estágios e atividades de prática simulada.

Anexos